

**O FUTURO COMO COLAGEM: PROPOSTAS DE SOCIEDADE DO
MOVIMENTO ECOLÓGICO DO DISTRITO FEDERAL**

LUIZ MELLO DE ALMEIDA

**BRASÍLIA-DF
OUTUBRO - 1991**

O FUTURO COMO COLAGEM: PROPOSTAS DE SOCIEDADE DO MOVIMENTO
ECOLÓGICO DO DISTRITO FEDERAL

LUIZ MELLO DE ALMEIDA

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, COM VISTAS À OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
MESTRE EM SOCIOLOGIA, SOB A ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR ELIMAR
PINHEIRO DO NASCIMENTO

BRASÍLIA - DF
OUTUBRO - 1991

"Cheguem até a borda, disse ele.
Eles responderam: temos medo.
Cheguem até a borda, ele repetiu.
Eles chegaram.
Ele os empurrou...
e eles voaram".

Apollinaire

AGRADECIMENTOS

Desde que entrei na Universidade e passei a ter acesso a uma literatura mais acadêmica, sempre adorei ler as dedicatórias e os agradecimentos dos trabalhos que chegavam as minhas mãos. Como uma criança curiosa, instigava-me saber quem eram as pessoas "significativas" que estavam por trás daqueles autores, bem como a forma através da qual eles expressavam seus sentimentos de gratidão e de reconhecimento.

Movido por esse "fetiche intelectual", repetidas vezes brinquei com alguns de meus amigos mais próximos, dizendo que o momento mais prazeroso do meu curso de mestrado seria o de escrever a dedicatória e os agradecimentos em minha dissertação.

Talvez haja nisso um pouco de exagero, de visceralidade shakespeareana, mas sem dúvida a importância desse momento é inquestionável. Muitos foram os instantes agradáveis e prazerosos, mas muitos também foram os processos de angústia e de depressão, em que o Luiz forte, sentindo-se fraco, encontrou no diálogo ou na simples presença de amigos sensíveis - visíveis ou invisíveis - o reduto seguro e continente para reaver o sentido do real e apostar no onírico.

Sem dúvida, minha relação com você, Elimar, correspondeu plenamente ao que eu esperava de um orientador, constituindo-se num dos pontos máximos de minha vivência de

mestrando. Segura e coerente, gentil e instigante, sua afetuosa e inteligente presença sempre foi um referencial importante para o equilíbrio de minhas oscilações entre impotência e onipotência, propiciando-me a tranquilidade necessária para ousar com lucidez ao longo dos meus exercícios sublimatórios. Sem limites para o novo, mas com a serenidade de quem não mais se perde nos labirintos da razão, você não imagina o quanto me sinto privilegiado por tê-lo tido como grande e principal cúmplice em minha trajetória de aprendiz de sociólogo.

Por mais distante que hoje possa parecer, uma outra presença também se constituiu num marco decisivo em minha vida acadêmica: você, Bárbara Freitag. Através de suas aulas, descobri uma forma nova de abordar e apreender o mundo, germinando em mim o desejo de conhecer mais... e... mais, seguindo as rotas desses sociólogos voadores e suas teorias maravilhosas. Se hoje estou aqui, cansado de trabalhar, porém, caminhando no sentido da auto-realização, muito da minha libido retroalimenta-se do astral daquelas discussões infundáveis em que eu, aluno inquieto e cheio de questionamentos, encontrei na sua fala, levemente europeizada, os elementos básicos para seguir pelo mundo, pensando sozinho.

Pode até parecer brincadeira, mas no momento de iniciar o meu curso de mestrado, uma "anja", de carne e osso, apareceu em minha vida. Certamente ela ficará ruborizada e acanhada ao ver seu nome nestas páginas, mas eu

não poderia deixar de aqui estampar todo o amor que sinto por você, Almira, amiga-irmã minha de todas as horas. Com você aprendo a ser liberto, a ser íntegro, a ser total, a tornar-me menino e ancião, embebedando-me de vida, descobrindo o espaço. Parceira intelectual sempre brilhante, sua suave presença muitas vezes tomou-me pela mão, deu-me água para o corpo e pão para o espírito, e abriu-me portas que, nem sempre sozinhos, os meus braços conseguiam empurrar.

Como uma presença mais longa, mais antiga, também quero falar de você, Penha, minha doce menina encantada dos olhos de mar. Nunca esquecerei dos momentos em que juntos estivemos e de sua importância na definição dos rumos da minha estória nesse mundo. Tudo teria sido infinitamente mais difícil, mais pesado, mais sofrido e mais suado, sem você. No longo e sempre inacabado processo do aprender a ser homem, minha razão e minha emoção encontraram em você o espaço máximo de realização, descobrindo eu que é possível amar e ser livre, partilhar e ser inteiro, desligar e ser unido. Na condição de "uma leitora muito particular", especialíssima tu és.

Wan-Wan, muito difícil conseguir traduzir em palavras a plasticidade e a beleza dos vínculos que nos unem. Com você percorri labirintos inconfessáveis, aprendendo a importância do companherismo incondicional, absoluto. Muito obrigado pela paciência, pela atenção, pelo cuidado, pela compreensão, pela solidariedade, pelo carinho,

pelo amor. Como um pássaro encantado de uma tribo selvagem, você possui, intrinsecamente, o poder de recriar a possibilidade do mágico em minha vida, resgatando a potência do desejo e a inércia do encantamento.

Possivelmente você não sabe, Esaú, mas, ao longo dos últimos anos, te fiz irmão amado. A sensação é de uma longa viagem, sem início, sem fim, sem rota, sem rumo, apenas andando, alucinadamente, como aquele personagem de Paris-Texas. O vazio, a linguagem, a falta de sentido, a grande dor; a solidão sem fim, nem quero dela falar. Mas o importante mesmo é que os irmãos ainda estão juntos, ouvindo Durutti Column, lendo Lestat, vendo Jeremy Irons clonizado autodestruir-se nas telas de cinema. Solidários em nossa busca agreste, aprendo sempre que tudo que é sólido desmancha no ar, e, como um duende, levemente consciente de sua imortalidade, insisto em viver. Com você descubro-me um antropólogo entre esquimós africanos - estamos lado a lado, maravilhosamente incapacitados de nos comunicar numa linguagem que não seja a dos loucos.

Figura única, ímpar, possivelmente você veio de longe, Val, com a missão nítida e clara de criar filhos que não são seus. Pessoa brilhante, total, é muito bom poder tê-lo como amigo, como cúmplice, como analista de urgência. Aquelas longas conversas sem dúvida foram e são fundamentais e as viagens que juntos fizemos e fazemos decisivamente reabrem as portas da minha percepção, mostrando-me que tudo é infinito e sublime, por mais que o caos próximo esteja e

que o desespero pareça incomensuravelmente tentacular. Obrigado pelos novos toques, pelos inusitados sons, pelas desconhecidas luzes, pelos surpreendentes odores, pelos inimagináveis paladares. Com eles, e através deles, aprendi um pouco mais a buscar internamente aquilo que o mundo nem sempre é capaz de nos dar.

A você, pai-Roberto, e a você, mãe-Elita, expresso aqui o meu sentimento de mais profunda gratidão, por tudo. Pelo estímulo, pela solidariedade, pela torcida, pelo apoio, pela compreensão, pela preocupação, pela confiança, pelo cuidado, pela presença, pela ausência, pelas orações, pelo exemplo, pela liberdade, enfim, pela participação de vocês nas relações que estamos tentando construir, de forma a nos tornarmos sujeitos de nossos amores recíprocos. Muito obrigado pelas grandes forças que vocês representam, cada um com seu jeito, com sua individualidade, com sua perspectiva, com sua maneira de sentir, de pensar e de agir diante do mundo. Saudades, é o que sinto agora.

Irmã-Zena, Vó-Heloiza, Dany e Jana, vocês não sabem como, mesmo à distância, são indescritivelmente importantes para mim.

Talita Admirada, Moreli Telúrica, Ni Companheiro, Iedowisky Harmonia, Richard Atenção, Florinha Ternura, amigos sempre tão perto, meu grande carinho por vocês.

Marias Helenas - que não se confundem em suas identidades tão singulares -, Adriana, Flávia, Dudu, Zélia, André, Lília, Andréa, muito bom ter vocês como companheiros de curso.

Aos meus colegas de trabalho - Acácia, Carlos, Celeste, Conceição, Deusa, Diônia, Esther, Marilza, Nilton, Pereira, Raul, Zacarias -, meu muito obrigado a vocês pela compreensão e pela solidariedade.

Ao pessoal da Secretaria do Departamento de Sociologia - especialmente, Marizélia, Lilian, João e Nádia - obrigado a vocês pela presteza e a atenção.

Agradeço, ainda, profunda e especialmente, a você, Chagas Rodrigues, que, através de sua bondade de homem lúcido e atento, contribuiu decisivamente para que eu pudesse realizar esse curso de mestrado em condições de maior tranquilidade.

Por fim, agradeço à CAPES e ao CNPq por custearem meu curso de mestrado.

SUMÁRIO

RESUMO

INTRODUÇÃO	1
1. A DIFÍCIL ARTE DE INTRODUIR NO JOGO UM LEITOR IMAGINÁRIO	12
. Projeto Político, Concepção de Sociedade e Proposta de Sociedade: Nem Todos os Gatos São Pardos no Universo Conceitual	13
. Refinando a Compreensão: Notas Complementares para a Captura de um Objeto	16
. Utopias e Propostas de Sociedade: A Distinção Decisiva	17
. Proposta de Sociedade: Mais Algumas Reflexões sobre Possíveis Desdobramentos de uma Ousadia Conceitual	27
2. VISITANDO A COZINHA: NOTAS METODOLÓGICAS DE UM APRENDIZ DE PESQUISADOR	32
3. O MOVIMENTO ECOLÓGICO: ENTRA NA CENA POLÍTICA UM NOVO ATOR SOCIAL	44
. Uma Tentativa de Classificação: Nem Sempre é Possível Deixarmos de Ser Cartesianos	48
. A Vida Como Objeto e a Humanidade Como Sujeito: A Dupla Universalidade do Movimento Ecológico	51
. O Que os Cientistas Sociais Falam sobre as Propostas de Sociedade do Movimento Ecológico	56
. "Limites" - O Filme que Humberto Mauro Não Fez	59
. Conservacionismo e Ecologismo no Distrito Federal: Alguns Apontamentos para Leitores Curiosos	67
4. TRÊS VISÕES DE FUTURO	78
. Pedro e a Terra da Felicidade Quase Total	78
. Minha Avó Já Dizia Que a Felicidade Está nas Pequenas Coisas.	93
. Desordem e Caos. O Triste Fim de um Planeta que Dançou por Excesso de Entropia	97

5. UM OLHAR DE QUEM ESTÁ APARENTEMENTE DISTANTE	103
. Aproximando a Câmara	114
6. O CLOSE	121
. Saúde, Educação, Lazer e Comunicação - Como Seria Bom se Tudo Fosse Diferente	121
. Economia e Política - Fundamentos Básicos para a Construção de um Novo Mundo	128
. Afetividade e Religiosidade - O Resgate do Corpo e do Espírito Enquanto Espaços de Transformação	141
CONCLUSÃO	151
BIBLIOGRAFIA	164
OBRAS CONSULTADAS	170
ABSTRACT	

RESUMO

Esta dissertação de mestrado parte do princípio de que o movimento ecológico, como portador de uma dupla universalidade, está elaborando visões sociais de futuro. Algumas destas visões, ao assumirem a forma de propostas de sociedade, têm como característica principal uma compreensão ampliada da necessidade de transformação das relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza, com vistas à superação da atual situação de degradação das condições de vida dos seres humanos e à preservação da biodiversidade no planeta.

Em termos empíricos, a partir da análise dos discursos de seis das mais importantes lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal, foram definidas três visões sociais de futuro. Tendo em vista a constatação de que uma dessas visões era a mais expressiva nos discursos dos sujeitos entrevistados, priorizou-se a identificação e a análise de seus elementos constitutivos e de suas características principais em relação a oito dimensões da vida social: lazer, saúde, educação, comunicação, economia, política, religiosidade e afetividade.

Por fim, são problematizados os significados, as possibilidades e as limitações do movimento ecológico, enquanto elaborador de propostas de sociedade, tornar-se um dos agentes da transformação social nesse final de milênio.

INTRODUÇÃO

Gostaria muito que minha dissertação de mestrado conseguisse o êxito de ser clara, sucinta e objetiva. Que conseguisse cativar o leitor ao ponto dele sentir-se instigado a continuar a leitura, bem como fazê-lo entender, sem necessidade de grandes explicações teóricas, como e porque sou sociólogo.

Há aproximadamente dois anos e meio estou vinculado ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília e a elaboração desta dissertação faz parte dos requisitos formais para a obtenção do grau de mestre em sociologia, constituindo-se, portanto, num exercício acadêmico, com vistas ao aperfeiçoamento do ofício de ser sociólogo.

Talvez não seja demais lembrar que o ato de dissertar, em linhas gerais e simplificadas, consiste em delimitar e tratar com desenvolvimento um tema qualquer, de forma organizada e articulada - com começo, meio e fim. Desta forma, uma dissertação de mestrado não deve ser confundida com uma tese de doutorado, estando as diferenças entre estas marcadas pelo nível de complexidade e maior sofisticação associados à segunda. Diferentemente de uma dissertação de mestrado, uma tese de doutorado implica, necessariamente, a elaboração e a demonstração de uma ou mais hipóteses.

Há muito a sociologia do conhecimento nos ensina que os valores, os preconceitos e os condicionamentos sociais influenciam decisivamente as leituras que podemos fazer das realidades que nos cercam, e os cientistas sociais, por mais que se instrumentalizem de princípios e/ou procedimentos teórico-metodológicos, não podem fazer *tabula rasa* de seus "selves", ignorarem a relação entre fatos e valores, e pretensamente ingressarem no nirvana do conhecimento sem interesse. Não. Antes de tudo somos homens, e enquanto homens é que nos tornamos cientistas e tentamos um distanciamento da realidade social, o qual nos permita uma leitura o mais objetiva possível desta realidade, sem que isso signifique o desconhecimento dos vieses que podem ser introduzidos em nossas pesquisas a partir da forma como concebemos e vivenciamos nossas vidas.

A própria escolha de um objeto de estudo está diretamente relacionada à história de vida de cada pesquisador individual, bem como às condições sociais de produção científica predominantes em um determinado contexto histórico.

Neste sentido, talvez seja importante para cada leitor saber um pouco sobre a história de vida dos autores, assim como para o pesquisador em ciências sociais, às vezes, é importante ter acesso a dados biográficos dos atores sociais que estão sendo por ele estudados.

Sou natural de Recife. Tenho 26 anos, catorze dos quais vividos em Brasília, desde que minha mãe resolveu

migrar em busca de dias melhores. Considero-me muito mais filho dos cerrados que dos canaviais, e adoro a imensidão e o céu dessa cidade.

Oficiosamente divorciado, não tenho filhos. Eleitor do Partido dos Trabalhadores, sou kardecista recém-assumido. Desde menino sonho com as pessoas felizes, ao mesmo tempo em que nunca me conformei com a dor dos oprimidos e dos marginalizados, nem com a infelicidade generalizada que impera em nossa sociedade.

Além de candidato a mestre em sociologia, sou funcionário público, depois de já ter sido teledigifonista e bancário. Classe "média baixa", sempre fui bolsista dos colégios particulares que freqüentei. Desde os dezoito trabalho e estudo.

Depois de ter inicialmente enveredado pelos campos da economia e da agronomia, tornei-me sociólogo. Talvez por opção. Talvez por desespero. Muito possivelmente por ilusão.

Estamos há mais de um ano de Governo Collor e as esperanças de nosso povo estão bastante abaladas. Vários planos econômicos já foram impostos pelo Governo à sociedade, mas os sinais de controle da inflação e do desemprego, assim como de retomada do tão alardeado crescimento, ainda são bastante débeis.

A impressão que tenho - e que compartilho com muitos dos que de mim estão próximos - é que a sociedade civil organizada parece ainda não ter conseguido se

restabelecer da derrota dos candidatos de esquerda às eleições presidenciais e encontra-se num estado bastante gelatinoso, amorfo mesmo. O Executivo governa por medidas provisórias e o Legislativo não consegue expressar os desejos da imensa maioria da população: comida, casa, emprego, saúde e educação.

Fala-se em década perdida, em estagflação, em crise de hegemonia, em crise de projeto de sociedade, de projeto político, enfim, fala-se em caos. Entropia significa tendência à desordem, e a nossa sociedade parece ser cada dia mais tranquilamente caracterizada como uma sociedade entrópica.

A nível mundial, o crescimento das desigualdades, da pobreza e da violência é a tônica de praticamente todas as sociedades humanas, mesmo daquelas ditas pertencentes ao Primeiro Mundo. Não se fala apenas em crise de sociedade, mas também em crise de civilização. Não temos apenas uma sociedade entrópica, mas sim um planeta entrópico.

Por todos os cantos da Terra alardeia-se o crescimento generalizado de diversas modalidades de crise: moral, espiritual, ética, material e ambiental. A vida no planeta vê-se ameaçada de diversas formas e nunca se falou tanto na necessidade de transformar para conservar.

Mas transformar em que direção? O discurso capitalista afirma que o socialismo morreu, enfatizando ser isso uma prova de que a melhor forma de organização social é

realmente o capitalismo. O discurso socialista, por sua vez, afirma que há muito tempo o socialismo real não podia ser tomado como parâmetro de organização societária, mas que nem por isso o capitalismo passa a ser o modelo ideal de organização da vida em sociedade, ao mesmo tempo em que não consegue apresentar, de forma clara, um projeto político alternativo a um e a outro.

Trata-se, sem dúvida, de um momento de muitos questionamentos e reflexões, e as ciências sociais encontram-se no meio dos acirrados debates que se multiplicam quase ao infinito. Ainda que seja importante termos bem claro que não cabe aos sociólogos produzir uma ciência normativa e modelar, atuando como a bússula infalível dos sujeitos sociais, é interessante nos perguntarmos em que medida a sociologia - enquanto ciência que estuda os diversos princípios que regulam o desenvolvimento objetivo, a auto-imagem e o futuro das sociedades humanas, assim como as múltiplas modalidades de desigualdades sociais - vem conseguindo jogar um pouco de luz sobre a multidão.

Embora cotidianamente a sociologia estenda sempre mais a abrangência de seu universo de reflexões, à medida que a vida em sociedade complexifica-se, mais difícil torna-se o exercício de ser sociólogo. Os caminhos e estradas sempre levam a mais de um lugar, e a cada lugar pode-se chegar por caminhos e estradas diversos. Ao mesmo

tempo que ampliamos nosso leque de reflexão, corremos o risco de permanecermos na superfície dos fenômenos estudados.

Diferentemente dos sociólogos chamados clássicos, poucos são os que hoje assumem o risco de tomarem diversas dimensões da vida em sociedade como seu objeto simultâneo de estudo, multiplicando-se significativamente os estudos parciais, fragmentados, que procuram entender uma dimensão específica do vasto universo da vida em sociedade.

Os temas clássicos da sociologia, como o estudo das relações de trabalho, do papel do Estado, do desenvolvimento, da luta de classes, dentre muitos outros, parecem não mais possuir, necessariamente, o status de questões centrais da reflexão sociológica. Problemas outros, que até recentemente tendiam a ser considerados marginais ou até mesmo inexistentes - como o estudo das minorias, da questão ambiental, do gênero, da formação de novos sujeitos sociais - ganham corpo cotidianamente e apropriam-se de parcelas significativas do imaginário sociológico mundial.

Ao pensarmos em termos de Brasil, acredito que a produção de um saber sociológico assume contornos bastante específicos. Não gostaria de cansar a mim e a você, leitor, desfiando o rosário das mazelas nacionais, mas sem dúvida isso repercute na sociologia, tradicionalmente ensaísta, anti-empirista e criticista (Reis, 1991) que produzimos por aqui - terra que, muitas vezes nos esquecemos, já existia

bem antes de Cabral - e na intensidade do colonialismo científico-tecnológico de que somos vítimas-cúmplices.

Neste contexto, a opção por estudar propostas de sociedade encontra suas origens no meu desejo de conhecer as formas através das quais as pessoas conseguem manter um estado de equilíbrio existencial mínimo - individual e coletivo - diante da situação de miséria material e psíquica predominante em nossa sociedade. Foi com esta idéia que ingressei no mestrado em Sociologia.

Mais ou menos por volta dessa época, algumas conversas com meu orientador chamaram-me a atenção para o movimento ecológico. Até então, apesar do meu interesse já definido por estudar a vinculação entre transformação social e movimentos sociais, o movimento ecológico, enquanto objeto de estudo, passava despercebidamente diante dos meus olhos.

A partir daí, alterei os rumos de minhas leituras e passei a investir no estudo sistematizado do material existente acerca do movimento ecológico brasileiro. Através do contato com esse material, pude constatar que, apesar da crescente penetração da discussão ecológica em praticamente todos os setores da sociedade brasileira, muito pouco se conhecia sobre essa modalidade de movimento social.

Dentre os múltiplos aspectos abordados pelos estudos analisados, chamou-me a atenção o fato de parecer consensual a todos os estudos a idéia de que o movimento ecológico brasileiro é portador de uma visão social de futuro que assume a forma de uma proposta de sociedade. Esta

idéia era quase sempre apresentada de forma enfática e inquestionável, ainda que nem sempre ficasse muito claro em que consistia esse projeto de sociedade futura do movimento ecológico no Brasil.

À luz dessas reflexões, minha imaginação disparou e tive a certeza de ter definido o que eu pretendia estudar em minha dissertação de mestrado: o sonho coletivo das pessoas, suas sociedades futuras desejadas, as vidas que ansiavam no mais íntimo de seus cérebros e corações. Assim surgiu a idéia desta dissertação, que, hoje eu posso dizer, tem como objetivo acadêmico identificar e analisar as propostas de sociedade do movimento ecológico do Distrito Federal, e como objetivo existencial instigar todos os leitores a dispararem seus sonhos, seus desejos, suas visões sociais de futuro e suas reflexões acerca de uma organização social diferente dessa em que vivemos.

Acredito que o estudo das possíveis visões sociais de futuro existentes no seio do movimento ecológico de Distrito Federal mostra-se relevante, antes de mais nada, por ser este uma modalidade de movimento social que se encontra em um momento de afirmação e de crescimento acelerado no contexto da sociedade brasileira, bem como no plano internacional, recolocando velhas questões - como, por exemplo, a necessidade de superação das condições de vida miseráveis de parcelas significativas da humanidade - e apresentando novas bandeiras de luta - como, por exemplo, os

perigos de uma ameaça nuclear e o caráter globalizante dos riscos que ameaçam a vida no planeta.

Aliada à importância do estudo do movimento ecológico propriamente dito, vale a pena destacar a relevância do estudo da emergência de propostas de sociedade, particularmente quando se tem em vista as diversas transformações que estão ocorrendo nos cenários econômico e político nacional e internacional, e as tentativas multilaterais de definição de novos caminhos e estilos de vida para a humanidade em sua totalidade - tema que, sem dúvida, possui a potencialidade de ocupar uma parte significativa da agenda da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a realizar-se no Rio de Janeiro, em junho de 1992.

O texto desta dissertação compõe-se basicamente de quatro capítulos, além desta introdução e da conclusão. No primeiro deles, apresento ao leitor uma visão geral da discussão acerca da elaboração de propostas de sociedade, a partir do contraponto com as noções de projeto político, concepção de sociedade, visões sociais de futuro e utopia, procurando enfatizar as perspectivas produtivas de sua utilização na reflexão teórica, bem como na prática política.

No segundo capítulo, são apresentadas as orientações metodológicas que nortearam a construção do objeto de estudo e a operacionalização do conceito de proposta de sociedade, assim como os pressupostos que

orientaram a análise dos discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal.

Já o terceiro capítulo foi construído a partir da problematização das características gerais e específicas do movimento ecológico, onde procurou-se dar uma ênfase especial à análise de sua singularidade, priorizando a discussão de sua dupla universalidade, do seu potencial de elaborar propostas de sociedade e de suas possíveis limitações enquanto sujeito coletivo capaz de implementar transformações sociais. Ainda neste capítulo é apresentada uma caracterização geral do movimento ecológico do Distrito Federal, bem como a definição dos sujeitos sociais por mim entrevistados.

No quarto capítulo, apresento de forma ficcional os três tipos ideais de visões sociais de futuro construídos a partir de relatos escritos e/ou entrevistas com representantes do movimento ecológico do Distrito Federal.

O capítulo seguinte, de número 5, articula-se de forma encadeada com o anterior, constituindo-se na identificação e na análise das características gerais das visões sociais de futuro de seis (6) lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal.

No capítulo 6, o último, apresento a proposta de sociedade mais expressiva nos discursos das lideranças entrevistadas, ressaltando e problematizando os principais elementos caracterizadores das representações das dimensões

do lazer, da saúde, da educação, da comunicação, da economia, da política, da religiosidade e da afetividade.

Por fim, chega a conclusão, que não pode ser resumida nesta introdução, pois perderia toda a graça.

CAPÍTULO 1

A DIFÍCIL ARTE DE INTRODUIR NO JOGO UM LEITOR IMAGINÁRIO

A premissa geral norteadora desta dissertação é a que compreende o movimento ecológico como um sujeito político coletivo que está elaborando uma ou mais visões sociais de futuro. Estas visões teriam como uma de suas características principais uma compreensão ampliada da necessidade de superação da atual situação de degradação das condições de vida dos seres humanos e da importância da preservação da biodiversidade no planeta.

Assim, a questão central que norteou a elaboração desta dissertação foi a seguinte: Quais os elementos constitutivos e as características principais das propostas de sociedade do movimento ecológico do Distrito Federal, sob a ótica de algumas de suas lideranças?

Uma compreensão mais elaborada destas propostas de sociedade pressupõe, antes de mais nada, alguns esclarecimentos conceituais: O que é uma visão social de futuro? Quais as diferenças entre visões sociais de futuro, utopias e propostas de sociedade? A construção de utopias e propostas de sociedade não é uma forma autoritária e coercitiva de se conceber o futuro? Para que ficar pensando no futuro quando não conseguimos responder nem mesmo as questões que nos são colocadas pelo presente?

Neste primeiro capítulo, tentarei problematizar essas e outras questões, por mim consideradas fundamentais para uma melhor compreensão da questão central anteriormente explicitada, ao mesmo tempo em que enunciarei outras, que serão elucidadas ao longo da dissertação como um todo.

PROJETO POLÍTICO, CONCEPÇÃO DE SOCIEDADE E PROPOSTA DE SOCIEDADE: NEM TODOS OS GATOS SÃO PARDOS NO UNIVERSO CONCEITUAL

Inspirando-me na sabedoria de alguns nordestinos antigos, que costumam orientar o caminho de um viajante a partir das rotas que ele não deve tomar - "Tá vendo aquela dobra ali na frente, seu moço? Pois é, o senhor não entra nela não! Passa em frente... Visse?" -, esclareço que o conceito de visões sociais de futuro não é aqui compreendido nem como um projeto político, nem como uma concepção de sociedade.

Realizar essa diferenciação é importante, desde já, tendo em vista que o fato de privilegiar, nesta dissertação, o estudo das visões sociais de futuro do movimento ecológico do Distrito Federal poderia suscitar a idéia de que eu estaria empenhado em analisar os projetos políticos e/ou as concepções de sociedade daquela modalidade de movimento social. Ao invés, privilegio apenas o estudo de determinada forma de representação social prospectiva, a qual denomino de proposta de sociedade, assumindo os

conceitos de projeto político e de concepção de sociedade a condição de recursos conceituais auxiliares para a compreensão da questão em foco.

Assim, pode-se afirmar que o conceito de projeto político tem um sentido mais amplo que o de proposta de sociedade, na medida em que manifesta em seu conteúdo tanto a dimensão da representação do futuro, quanto a das estratégias necessárias à transformação de um futuro desejável em um futuro possível (WEFFORT, 1989; COUTINHO, WEFFORT, MACIADO e SANTOS, in ANDERSON, 1986)¹. Ao se falar sobre o projeto político de determinado grupo social ou partido político, faz-se referência tanto ao ideal almejado por este grupo ou partido - seu caráter prospectivo -, quanto a sua *práxis*, ou seja, às formas de luta e os mecanismos concretos por eles utilizados a fim de alcançarem seus objetivos pré-estabelecidos.

Tratando-se da expressão de uma representação futura, a utilização do conceito de proposta de sociedade, por si só, não deve ter a pretensão de explicitar as formas e os caminhos concretos a serem trilhados a fim de que essa nova ordem social seja estabelecida. Em outras palavras, o conceito de proposta de sociedade não incorpora a seu

1. Scherer-Warren (1989) trabalha com uma outra noção de projeto, definindo-o como a "determinação de um `fim` para o movimento, ou seja, as metas, os objetivos, as utopias na produção transformadora do social" (p. 16). Vê-se assim que, para Scherer-Warren, o conceito de projeto possuiria apenas a dimensão representacional, estando a dimensão estratégica associada apenas ao conceito de *práxis*: "Toda ação para a transformação social que contenha um certo grau de consciência crítica" (p. 15).

conteúdo a questão de quais estratégias de luta devem ser adotadas com vistas à construção da sociedade futura. Se esta nova sociedade almejada será consolidada a partir de uma revolução armada explosiva, de uma mudança gradual de mentalidades ou da reprodução isolada de exemplos individuais - só para citar alguns dos caminhos possíveis - não é uma questão a ser respondida pela noção de proposta de sociedade. Desta forma, enquanto o conceito de proposta de sociedade é aqui compreendido apenas como a expressão de uma representação de futuro, o de projeto político, ao articular representações futuras e estratégias operacionais, possibilita a realização da mediação entre o presente e o futuro².

O conceito de proposta de sociedade, por sua vez, diferencia-se do de concepção de sociedade, na medida em que este procura expressar a representação dos atores sociais acerca das condições de existência e de funcionamento das organizações sociais nas quais estão inseridos. Esta representação, que em uma perspectiva gramsciana poderia ser chamada de concepção de mundo, é a base sobre a qual os atores sociais constroem suas visões

2. Reconheço a existência de uma outra compreensão possível do conceito de projeto político, a qual não foi relevante, entretanto, no contexto desta dissertação. Tal compreensão, predominante em nível do senso comum, atribui ao conceito de projeto político um caráter mais restrito que ao de proposta de sociedade, na medida em que dela pode estar ausente a dimensão da representação, enquanto o nível das estratégias costuma ser enfatizado. Exemplo disso é o uso do conceito de projeto político para fazer-se referência à trajetória política de indivíduos isolados (carreiras políticas) ou de grupos sociais com objetivos mais imediatos.

sociais de futuro. Quanto mais amplas e complexas as concepções de mundo, maiores os recursos de que os sujeitos sociais dispõem para representarem seus desejos de futuro. Assim, o conceito de concepção de sociedade está diretamente relacionado a um momento presente e o de proposta de sociedade, a um momento futuro.

REFINANDO A COMPREENSÃO: NOTAS COMPLEMENTARES PARA A CAPTURA DE UM OBJETO

Em termos gerais, o conceito de visão social de futuro está sendo por mim compreendido como a expressão de um determinado conjunto de formulações acerca de como a sociedade futura pode/deve ser organizada em suas diversas instâncias; em outras palavras, como podem/devem ser estruturadas, no futuro, as principais relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza.

É importante termos claro, entretanto, que a expressão "visões sociais de futuro" pode englobar um conjunto complexo de conceitos, cujos sentidos remetem a modalidades específicas de representação do futuro, tais como a futurologia, a profecia, a adivinhação, a proposta de

sociedade e a utopia, dentre outras possíveis⁹.

Diferentemente das noções de profecia e de adivinhação, bem como da de futurologia, os conceitos de utopia e de proposta de sociedade proporcionam ao homem, através do exercício de sua vontade, a oportunidade de conceber e projetar o desconhecido futuro da humanidade e do planeta a partir de sua vivência da "realidade" presente e de sua capacidade de representá-la. Em outras palavras, ao se representar o futuro por meio de utopias e de propostas de sociedade, o elemento racional prevalece sobre o irracional, o consciente sobre o inconsciente e a infalibilidade do destino ou do carma coletivo cede lugar às potencialidades criativas da ação intencional do homem.

Assim, se as diferenças entre proposta de sociedade, por um lado, e projeto político e concepção de sociedade, por outro, são quase auto-evidentes, o mesmo não ocorre entre proposta de sociedade e utopia.

3. Apesar de serem todos conceitos instigantes e convidativos à reflexão, não considero relevante - tendo em vista os objetivos desta dissertação - uma discussão mais elaborada acerca dos conceitos de profecia e adivinhação, por se tratarem, de uma maneira geral, de representações baseadas em princípios transcendentais e fatalistas, completamente desvinculados de qualquer intervenção racional e intencional do homem. Da mesma forma, o conceito de futurologia - compreendido enquanto projeção cientificamente estruturada do futuro do homem e do planeta - só foi considerado de importância para os objetivos desta pesquisa na medida em que atuou como um dos elementos influenciadores do conteúdo das visões sociais de futuro do movimento ecológico do Distrito Federal.

UTOPIAS E PROPOSTAS DE SOCIEDADE: A DISTINÇÃO DECISIVA

Diversamente do que diz o senso comum, nem toda utopia traz em si a idéia de uma proposta de sociedade. Tanto no nível acadêmico, quanto no nível do senso comum, o conceito de utopia possui múltiplos significados, podendo ser concebido, num extremo, como todo projeto de transformação social que contradiz leis científicas constatadas e constatáveis, e, num outro, como tudo aquilo sobre o que se exerce a censura da classe dominante. Entre um extremo e outro, é possível a identificação de muitos outros significados que, ora se afastam, ora se aproximam entre si.

Assim, para Souza (1987), a utopia não deve ser compreendida nem como um plano futuro mais ou menos acabado - a exemplo de Platão e Morus -, nem como uma visualização de estruturas sociais e econômicas concebidas minuciosamente (Saint-Simon, Owen, Fourier). Ao invés, a utopia deve ser compreendida como a expressão de experiências e tendências da realidade presente que vão, paulatinamente, dando forma ao novo.

Essa idéia assemelha-se - sem que se possa daí concluir qualquer identidade teórica entre os referidos autores - à conceituação que Albornoz (1985) apresenta para a noção blochiana de utopia concreta: algo para o qual as condições subjetivo-objetivas tendem a encaminhar-se concretamente. Segundo esta autora, as utopias objetivariam,

em última instância, a realização do reino da liberdade, ou seja, seriam a expressão de uma ordem social racional fundamentada numa nova ética.

Já Bobbio (1986) realiza uma distinção conceitual entre utopia como meio e utopia como fim, definindo a primeira como "(...) uma proposta, um método, um convite que acompanha a descrição de uma sociedade ainda aberta a um desenvolvimento histórico" (p. 1286-7) e a segunda como a "Confiança completa na possibilidade de realizar, não importa quando, um modelo de sociedade com características tais que permitam sua apresentação alternativa em relação ao presente" (p. 1287).

Mannheim (1986), por sua vez, compreende por utopia

"aquelas orientações (representações, aspirações e imagens-de-desejo) que, transcendendo a realidade, tendem a, se se transformarem em conduta, abalar, seja parcial ou totalmente, a ordem das coisas que prevaleça no momento" (p.216).

Enquanto teoria, a utopia também pode ser compreendida como o programa máximo da revolução, como normatividade constitucional da nova ordem a ser instaurada (MORAES, 1987), ao mesmo tempo em que ainda pode ser compreendida como o sentido último da práxis, ainda que seja uma totalidade irrealizável historicamente (CORDEIRO, 1989).

Por fim, parecendo conseguir expressar o sentido dominante do conceito de utopia, Abbagnano (1960) afirma:

"Em geral, pode-se dizer que a utopia representa uma correção ou uma integração ideal de uma situação política ou social ou religiosa existente. Essa correção pode permanecer, como muitas vezes aconteceu e acontece, no estado de simples aspiração ou sonho genérico, resolvendo-se em uma espécie de evasão da realidade vivida. Mas pode também acontecer que a utopia se torne uma força de transformação da realidade em ato e assuma corpo e consistência bastante para transformar-se em autêntica vontade inovadora e encontrar os meios da inovação. Em geral, a palavra é considerada mais com referência à primeira possibilidade que à segunda" (ABBAGNANO, 1960: 947).

Diante dessa pluralidade conceitual, o senso comum, por sua vez, associa ao conceito de utopia o sentido majoritariamente dominante de projeto (individual ou coletivo) irrealizável, quimérico, fantasioso (FERREIRA, 1986). O conceito, a esse nível, ainda que seja mais homogêneo em seus significados, encontra-se bastante carregado de valores e preconceitos. A esta idéia de utopia não se consegue associar uma positividade, sendo quase sempre o conceito compreendido de forma negativa, como sinônimo de algo impossível de ser materializado, de ilusão.

Ao longo da história das idéias, as críticas ao conceito de utopia são muitas, mas se tornam ainda mais intensas quando se faz referência ao seu caráter normativo, antimaniqueísta, fechado, autoritário e ditatorial. Segundo LAPOUGE (1975), para muitos o mundo utópico é por essência constrangente, racionalizado e racionalizante, lugar onde a liberdade é sacrificada em nome da igualdade, e os instintos

e desejos são massacrados por um controle totalitário que aniquila a individualidade dos seres humanos. No mundo utópico, seria decretado o fim da história, partindo-se do princípio de que a sociedade perfeita já fora edificada. O "único problema", segundo Coelho (1980), é que, para os críticos das construções utópicas, esse mundo, aparentemente perfeito, seria plano, chato, monótono e repetitivo, sem elementos que chamassem a atenção e instigassem a vida de seus moradores-prisioneiros.

Na extremidade oposta a essa compreensão da utopia enquanto modelo, o conceito pode também significar uma ruptura com toda idéia de modelo, trazendo implícita a noção de incompletude, de obra aberta pluridimensional, de método, de convite, de meio, de espaço de proposição e de troca de diversas visões de futuro, longe de qualquer pretensão de ser um arcabouço completo e definitivo de como os homens devem organizar suas vidas em sociedade ou de negar a história e advogar a cristalização dos processos de mudança e de transformação social (ABENSOUR, 1990; BOBBIO, 1986). Ou ainda, conforme salientam Cordeiro (1989) e Souza (1987), a utopia pode ser compreendida como horizonte referencial coletivo de crítica à ordem social vigente e alvo para ações concretas que produzam novas alternativas.

Assim, à noção de utopia pode ser atribuído tanto um sentido totalitário (castrador, normativo, improdutivo, finalista, onírico e anistórico) - sentido este que parece dominante - quanto um sentido democratizante

(emancipador, proposicional, produtivo, processual, intencional e histórico) - que parece ser marginal, tanto a nível da literatura acadêmica, quanto do senso comum. Com vistas a demarcar claramente esta diferença de sentidos, continuarei a utilizar o conceito de utopia apenas quando referir-me a seu sentido dominante, passando a chamar de proposta de sociedade todas as representações utópicas que possuam aquele sentido marginal - democratizante, emancipador, proposicional, processual, intencional e histórico. Tal decisão objetiva, antes de mais nada, tentar evitar os perigos da utilização de um conceito que possui mais de um significado, principalmente no caso desta dissertação, onde o conceito de utopia estaria sendo usado em seu sentido menos convencional⁴.

Desta forma, é importante enfatizar que o conceito de proposta de sociedade possui pelo menos duas dimensões fundamentais: 1) a crítica daquilo que é, ou seja, seu potencial crítico-negativo; e 2) a representação daquilo que poderia ser; em outros termos, a representação idealizada de uma demanda por um mundo diferente (NETTO, 1987). Esta segunda dimensão, que em um certo sentido engloba a primeira, é por mim compreendida como a

4. É importante deixar claro, entretanto, que o conceito de proposta de sociedade, apesar de estar sendo aqui utilizado como sinônimo de um dos sentidos de utopia, não é de uso corrente na literatura acadêmica. Desta forma, todas as vezes em que eu reporto-me a outros autores para tratar deste conceito, eles estão chamando também de utopia o que eu chamo de proposta de sociedade.

característica específica da construção proposicional. Este registro é importante, visto que o conceito de utopia, ainda que também possua este potencial crítico-negativo, não é proposicional ao elaborar suas representações, mas sim impositivo, normativo: a maior parte das utopias foram elaboradas por autores que tinham a intenção de transplantá-las, automática e autoritariamente, para o plano do real (CHATELET, 1975).

No já referido estudo sobre a obra de Ernst Bloch, Albornoz (1985) afirma que a busca da felicidade, além de definir os homens, é o que dá sentido às propostas de sociedade. Mas será que as utopias se também pautam, necessariamente, pela busca da felicidade? Não acredito, a não ser que as representações de futuro, baseadas enfaticamente na vivência de experiências de opressão, privação e discriminação possam também ser vistas como fontes de prazer e de realização para os homens.

Representações extremamente opressoras, homogeneizadoras e angustiantes da sociedade futura também são consideradas utopias. É o caso, por exemplo, de obras de autores como Orwell (1983) e Huxley (1980) que, ao descreverem organizações sociais que em nada se aproximam das tradicionais imagens utópicas de felicidade, harmonia e justiça, nem de longe podem ser consideradas como otimistas em relação ao futuro da humanidade.

Desta forma, diferentemente do conceito de proposta de sociedade, que se fundamenta na busca da

felicidade do homem, o conceito de utopia traz, em nível de seu conteúdo, uma polaridade que delimita um universo demasiadamente significativo e familiar: o bom X o mau; ou, em outros termos, eutopia (o lugar bom) X distopia (o lugar mau). Fica claro, entretanto, que eutopias e distopias não existem em sentido absoluto, mas apenas enquanto tipos ideais (COHN, 1984). Em nível da representação utópica concreta, toda eutopia possui seu lado distópico e vice-versa (COELHO, 1980).

Neste sentido, acredito que a construção de eutopias, assim como de propostas de sociedade, está associada ao desejo e à esperança de que ocorram transformações nas atuais condições de existência, na busca da felicidade individual e coletiva dos homens e da preservação da vida no planeta - com a diferença de que as eutopias possuem um caráter normativo e as propostas de sociedade um caráter proposicional. Por outro lado, a formulação de distopias parece estar associada a uma descrença na possibilidade de ruptura do ciclo destrutivo em que se encontra o homem e o planeta. Na falta de perspectiva de transformações, o medo da dor radicaliza a paisagem do sofrimento futuro, através da exacerbação dos aspectos negativos da realidade presente. Obviamente, as distopias não propõem a opressão e o controle fascista como melhor modo de vida, mas apenas descrevem aquilo que consideram possível ou inevitável.

Mas os conceitos de proposta de sociedade e de utopia - e suas especificações eutopia e distopia - não conseguem abarcar em seus significados uma polaridade de nova ordem que também pode estar associada a representação futura da vida dos homens e do planeta: negentropia X entropia, ou tendência para a ordem X tendência para a desordem, respectivamente.

Poderíamos considerar como utopias ou propostas de sociedade as representações futuras da vida sobre a terra após uma hecatombe nuclear? A representação de um futuro humano sem Estado, sem leis, sem alguma forma - por mais minúscula que seja - de administração da vida cotidiana pode ser considerada uma utopia ou uma proposta de sociedade? É a barbárie concebida como uma forma de utopia ou proposta de sociedade? Acredito que estes cenários não constituem nem utopias, nem propostas de sociedade, ainda que não deixem de ser visões sociais de futuro.

Ao que parece, em todas as propostas de sociedade e mesmo nas representações utópicas mais distópicas, o elemento da tendência para a ordem sempre predomina sobre o da tendência para a desordem, o intencional sobre o aleatório, o consciente sobre o inconsciente, em uma palavra, a razão sobre a pulsão. As propostas de sociedade e as utopias têm sempre como elemento dominante, portanto, o caráter negentrópico, sendo relegado para um segundo plano, ou mesmo ignorado, o caráter entrópico da vida em sociedade.

Pode-se dizer, assim, que o conceito de proposta de sociedade é apolar: sempre lugar bom, tendencialmente destinado para a ordem; o conceito de utopia é monopolar: lugar bom ou lugar mau, mas ambos tendencialmente destinados para a ordem; e o conceito de visão social de futuro, por sua vez, é bipolar: lugar bom ou lugar mau, tendencialmente voltados ou para a ordem ou para a desordem.

Diferentemente da elaboração de utopias, por seu manifesto caráter normativo e seu latente caráter distórico, e de visões sociais de futuro, por seu potencial caráter distópico-entrópico, o principal objetivo das construções de propostas de sociedade seria, além de estimular e de fecundar a reflexão teórica (NETTO, 1987), o de instigar todos os atores sociais a refletirem sobre o futuro de uma forma produtiva, a elaborarem outras propostas de sociedade a partir da complementação ou oposição a uma "proposta-mãe" qualquer. Tais propostas de sociedade, ou vontades-desejos de futuro, quando discutidas em conjunto, teriam condições de auxiliar os agrupamentos sociais a definirem os rumos desejáveis para o futuro de suas vidas e da história. Eletrizar, estimular, incentivar os desejos e as vontades seria, portanto, o objetivo político da elaboração de propostas de sociedade, em oposição a quaisquer tentativas de projeções imaginárias, autoritariamente impostas como modelos utópicos - sejam eles eutópicos ou distópicos - de organização da vida em

sociedade. A proposta assume, assim, o valor de obra política, e não de modelo a ser seguido (ABENSOUR, 1990).

PROPOSTA DE SOCIEDADE: MAIS ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS DE UMA OUSADIA CONCEITUAL

Em uma outra linha de raciocínio, acredito que seja importante retirar qualquer idéia de fragmentação que possa estar associada ao conceito de proposta de sociedade. Na perspectiva aqui adotada, não é relevante identificar uma "proposta de sociedade ecológica", mas sim uma proposta de sociedade do movimento ecológico. O conceito de proposta de sociedade, portanto, estará sempre relacionado a uma idéia de totalidade e universalidade, diferentemente do conceito de utopia, que pode ser usado como a expressão, ainda que totalizante, de representações futuras parciais, como por exemplo, uma utopia sexual, religiosa ou econômica. O sentido totalizante e universalista do conceito de proposta de sociedade não deve ser confundido, entretanto, com a perspectiva de completude modelar, que é associada ao conceito de utopia, mas sim com uma tentativa de compreensão ampliada da vida em sociedade. Ser universalista não é ser completo e modelar, e ser total não é ser acabado e imutável.

Essa "incompletude totalizante", caracterizadora das propostas de sociedade, por sua vez, não deve ser confundida com uma visão de futuro parcial e

fragmentada, emasculada de qualquer radicalidade proposicional. Sem que eu queira me prender aos riscos de ressuscitar o velho debate entre revolução e reforma, a crítica de muitos marxistas ao caráter superficial das propostas de sociedade merece ser colocada em discussão, na medida em que nada garante, a priori, que delas esteja ausente uma crítica radical e profunda à ordem social vigente.

As propostas de sociedade podem ser vistas, em seu limite teórico de radicalidade⁵, como proposições de uma mutação unitária da civilização, ou a afirmação explícita de uma nova filosofia de vida (ABENSOUR, 1990). Nas palavras de McKIBBEN (1990) - ao fazer o questionamento da radicalidade do próprio marxismo em relação aos princípios da ecologia profunda: "Não é absolutamente tão radical discutir quem vai possuir as fábricas, pelo menos em comparação com a questão se vai ou não haver fábricas" (177).

Saliento, porém, que a idéia de proposta de sociedade deve ser dissociada da idéia de monopólio da verdade, sendo uma ingenuidade autoritária trabalhar-se com a noção de um sentido único para a história. Não há, evidentemente, pretensão de verdade em qualquer proposta de sociedade. Ao invés, esta objetiva, em seu caráter proposicional, o estabelecimento do estatuto da veracidade, ou seja, a possibilidade de ser a expressão de desejos que

5. Segundo Bobbio (1986), a expressão "utopia radical" seria pleonástica se o conceito de utopia não houvesse sofrido um desgaste de seu significado.

se enfrentam na arena política em busca daquilo que é melhor, senão para todos, pelo menos para a maioria.

O conceito de proposta de sociedade, por outro lado, pode ser visto como uma versão coletiva do sonho individual. A capacidade de sonhar coletivamente - produzir propostas de sociedade - tem a mesma importância para a saúde psíquica de uma sociedade que o sonho do indivíduo que dorme tem para o equilíbrio de sua personalidade. Da mesma forma como, ao acordamos, nossa dificuldade de lembrar de certos sonhos - particularmente daqueles que mais colocam em xeque a aparente normalidade de nossos cotidianos - pode estar relacionada à presença de um superego vigilante e controlador, o fato de uma coletividade perder a capacidade de sonhar, em outros termos, de formular propostas de sociedade, pode estar relacionada à presença de um sistema social com fortes interesses definindo os limites entre o inexistente e o ainda-não-existente, o impossível e o ainda-não-possível. A perda da capacidade de sonhar - individual ou coletivamente - poder ser vista, assim, como a expressão da perda da capacidade de viver.

"Mas o que fazer e como fazer para chegarmos a essa nova sociedade?", é uma das perguntas centrais que geralmente emerge de nossas mentes quando pensamos, lemos ou ouvimos falar acerca de formas futuras de organização social. É ao não conseguir responder satisfatoriamente a esse tipo de questão que as propostas de sociedade são acusadas de não possuírem uma teoria da história, ou seja,

uma teoria da transformação social com suporte lógico-racional e histórico-empírico, e de não passarem, por conseguinte, de elaborações fantasiosas (NETTO, 1987; ABENSOUR, 1990).

Entretanto, será que o fato de não estarem solidamente fundamentadas numa teoria da história invalida completamente as tentativas de elaboração proposicional, colocando-as na posição de meros sonhos pueris? Acredito que não, porque, antes de mais nada, a construção de uma teoria da história não implica a definição, a priori, dos rumos de qualquer processo de transformação social, os quais só podem ser definidos em nível da luta política cotidiana e não do desejo intelectualizante - há muito já se sabe que socialismo científico não passa de dogmatismo.

Ao se atribuir a uma teoria da história o papel de agente avaliador das potencialidades de realidade de uma determinada proposta de sociedade, incorre-se, a meu ver, num equívoco. A uma teoria da história não caberá dizer qual a possibilidade de futuro mais próxima de se tornar realidade, mas sim refletir sobre e potencializar a ação do homem a fim de que ele transforme coletiva e conscientemente o futuro desejado em futuro realizado.

A história já nos mostrou que a derrubada de um regime ou a desarticulação de um sistema social não necessariamente é seguida pela construção de uma nova ordem social justa e boa, e que após a tomada do poder não se pode repentinamente improvisar uma nova forma de organizar a vida

em sociedade (CORDEIRO, 1989). A dimensão prospectiva é, portanto, um complemento fundamental para a dimensão reativa (WEFFORT, 1989), ou seja, ao longo dos processos de transformação social é de grande importância a existência de visões positivas de um futuro novo para a humanidade (ALVES, 1986).

Após essa discussão acerca do conceito de proposta de sociedade - em que procurei salientar as diferenças e similitudes de seu significado em relação aos conceitos de projeto político, concepção de sociedade, utopia e visão social de futuro, bem como as perspectivas produtivas de sua utilização na reflexão teórica e na prática política -, o Capítulo 2, a seguir, tem por objetivo apresentar os pressupostos metodológicos que orientaram a definição do objeto e a realização da pesquisa.

CAPÍTULO 2

VISITANDO A COZINHA: NOTAS METODOLÓGICAS DE UM APRENDIZ DE PESQUISADOR

O eixo metodológico central desta dissertação foi o de compreender as propostas de sociedade enquanto representações sociais organicamente articuladas e socialmente condicionadas, as quais podem vir a se inserir no contexto mais amplo de um projeto político.

Desta forma, ao eleger as propostas de sociedade do movimento ecológico do Distrito Federal como objeto de estudo de minha dissertação de mestrado, fiz um corte - intencional e consciente - bem definido da realidade social. Reconheço que toda proposta de sociedade tem uma gênese (origem); que pressupõe a existência de processos cognitivos de elaboração; que traz consigo a necessidade de luta política para sua implementação no mundo real; e que pode ser questionada em termos de sua viabilidade e aplicabilidade no contexto da realidade social. Reconheço ainda que todos estes termos estão profundamente imbricados, mas fiz uma opção explícita, norteada por condições objetivas (disponibilidade de orçamento e tempo) e interesses pessoais (valorização da proposta de sociedade como instrumento catalizador do desejo), por estudar as

propostas de sociedade apenas em nível da representação, colocando como pano de fundo os demais aspectos acima mencionados.

É importante ressaltar, ainda, que a pesquisa não se centrou no estudo do processo de elaboração dessas propostas de sociedade, nos porquês de determinadas dimensões serem melhor vislumbradas no futuro pelo movimento, quando comparadas a outras, nem partiu do pressuposto categórico de que todos os grupos ecológicos possuem e/ou partilham uma proposta de sociedade. Em síntese, objetivou-se analisar não o processo de elaboração, mas sim as propostas de sociedade do movimento, concebendo-as como em processo de elaboração. As três estórias apresentadas no Capítulo 4, construídas a partir das falas de lideranças por mim entrevistadas, expressam bem esse caráter fragmentário de suas propostas de sociedade, e mesmo a ausência de proposta em alguns setores do movimento, como no caso da terceira delas, em que se pode falar de uma visão social de futuro, mas não de uma proposta de sociedade.

Por outro lado, é importante também ressaltar que não procurei ater-me, em profundidade, à investigação da dinâmica interna do movimento ecológico do Distrito Federal, nem tampouco à análise de sua inserção no contexto da sociedade civil local, regional e nacional ou de suas relações com os partidos e o Estado - como sugere Durham (1984) em relação aos estudos sociológicos acerca dos movimentos sociais -, pois como o leitor já deve ter

percebido, não se trata aqui de um estudo sobre o movimento ecológico *strictu sensu*, mas sobre as representações de futuro desta modalidade de movimento social.

Neste sentido, o quadro de análise por mim adotado não se fundamentou nos quatro planos sugeridos por Castells (1981:24-5) quando se refere aos estudos sobre movimentos sociais:

- a) a situação do movimento, definido pelo conteúdo estrutural do problema tratado;
- b) a estrutura interna do movimento e os interesses e atores que nele estão presentes;
- c) os interesses estruturais contrários ao movimento, expressão organizativa destes interesses, as práticas concretas desta oposição; e
- d) os efeitos do movimento sobre a estrutura urbana e sobre as relações políticas e ideológicas.

Tendo em vista os objetivos desta dissertação, atribuiu-se ênfase apenas ao conteúdo estrutural do problema tratado - apreensão das representações de futuro do movimento ecológico local - e aos atores e interesses representados pelo movimento ecológico do Distrito Federal -, colocando como pano de fundo os demais aspectos (ítems "c" e "d") mencionados pelo referido autor. Esta decisão pautou-se pela compreensão de que a identificação das lutas travadas pelo movimento ecológico na arena política, bem como da eficácia de suas ações no tecido social, não assumiam um papel central para a identificação e a análise

de suas representações de futuro, as quais podem vir a assumir a forma de propostas de sociedade que questionem os parâmetros da organização social vigente.

Desta forma, através de entrevistas semi-estruturadas e gravadas, buscou-se apreender no discurso de algumas das mais importantes lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal, os elementos que eram considerados prioritários, na perspectiva dos próprios atores sociais, em suas visões de futuro.

Com vistas a uma adequação empírica dos referenciais conceituais norteadores de minhas reflexões, oito (8) dimensões - organização econômica, organização política, afetividade, religiosidade, lazer, comunicação, saúde e educação - foram consideradas, em função de sua centralidade para a organização da vida em sociedade, como constitutivas das duas relações fundamentais que estruturam a existência humana: as relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza. Assim, cada entrevista foi composta de dez perguntas abertas, onde cada entrevistado podia discorrer livremente sobre os temas que lhes eram apresentados. As duas primeiras questões possuíam um caráter geral e abrangente, procurando apreender as representações presentes (concepções de sociedade) e futuras (propostas de sociedade) da organização da vida em sociedade, ao passo que as seguintes faziam referência as oito citadas dimensões constitutivas da organização das sociedades humanas. Nos

termos propostos por esta dissertação, vejamos, sucintamente, a importância e a centralidade de cada uma dessas dimensões.

A representação futura da organização econômica das sociedades humanas constituiu-se num elemento privilegiado a ser analisado, na medida em que é através desta dimensão da vida que os homens tanto apropriam-se da e transformam a riqueza material necessária à manutenção da sua sobrevivência, quanto criam as condições objetivas para o desenvolvimento de um universo de prazer e de realização individual associados ao trabalho ou consolidam condições subumanas de reprodução parcial ou total da espécie.

Uma outra dimensão fundamental da vida humana é a que diz respeito à afetividade, sendo importante analisar como as propostas de sociedade do movimento ecológico concebiam questões como amizade, casamento, poligamia, monogamia, homossexualidade, enfim, as diversas formas de expressão das relações afetivas.

Ainda neste contexto, assumia importância central procurar compreender a forma pela qual o movimento ecológico reflete acerca do papel da família (em sentido amplo) numa sociedade futura. Tal centralidade deve-se ao fato de ser a família a instância primária responsável pela reprodução da espécie humana, bem como por ser ela um dos espaços privilegiados do exercício da afetividade e da sexualidade.

Por outro lado, mostrava-se imperativo investigar também como as propostas de sociedade do movimento ecológico vinham refletindo acerca da organização política dos homens, onde assumem um papel importante as questões da democracia, da igualdade, da liberdade, da propriedade, da representatividade, da autonomia, da autodeterminação dos povos, das relações entre Estado e sociedade, dentre outras.

Num outro nível, considereei importante investigar como o movimento ecológico representava a dimensão da religiosidade numa sociedade futura, ou seja, o papel atribuído à lógica do sagrado. Nesta perspectiva, questões como liberdade de credo, princípios éticos, transcendentalidade, relação com os ancestrais, sentido do mundo, da vida e da morte, relação entre Estado e religião, em síntese, as relações gerais entre o sagrado e o profano assumem uma importância significativa.

Investiguei também como o movimento ecológico do Distrito Federal pensa a dimensão do lazer em suas propostas de sociedade. Vale a pena ressaltar que o lazer foi aqui compreendido como o conjunto de atividades que tem como fim último a realização da pessoa. Assim, procurei analisar a dimensão do lazer, a partir de quatro de suas características básicas: 1) liberação de um certo gênero de atividades; 2) ausência de fins lucrativos, utilitários ou

ideológicos; 3) busca de um estado de satisfação como um fim em si mesmo; e 4) busca de satisfação individual (DUMAZEDIER, 1979).

Mostrou-se prioritário também analisar como as propostas de sociedade do movimento ecológico enfocam a questão da comunicação entre os homens, entendendo-se esta como o conjunto dos processos sociais que permitem a criação, o armazenamento e a transmissão de informações. Foi priorizada, neste sentido, a apreensão das representações do movimento ecológico sobre o papel dos meios de comunicação de massa e dos computadores na sociedade futura.

Por fim, acredito que seja importante analisar como o movimento ecológico do Distrito Federal vêm pensando as questões da saúde e da educação, na medida em que estas duas dimensões da vida em sociedade constituem o espaço privilegiado da reprodução biológica e cultural da espécie humana.

Quando operacionalizei o conceito de proposta de sociedade a partir das oito dimensões anteriormente identificadas, fiz a suposição explícita de que nem todas as propostas de sociedade do movimento ecológico do Distrito Federal abarcariam igualmente estas mesmas dimensões. A função da operacionalização do conceito foi, essencialmente, a de orientar as reflexões teóricas e os trabalhos de campo, e não a de servir de uma viseira que ofuscasse meus olhos de pesquisador. Obviamente, procurei estar atento para captar e valorizar outras dimensões que porventura

emergissem ao longo das falas dos atores sociais por mim entrevistados, bem como para deixar o entrevistado transcorrer livremente acerca de sua representação de futuro, ainda que a mesma não assumisse a forma de uma proposta de sociedade.

A opção por trabalhar, nesta dissertação, com entrevistas como o instrumento privilegiado de levantamento de dados traz consigo a necessidade de esclarecimento de alguns dos pressupostos metodológicos por mim adotados.

O primeiro desses pressupostos diz respeito ao reconhecimento da existência de condições sociais de produção de discursos, ou seja, à compreensão de que as falas dos atores sociais são decisivamente influenciadas tanto pela situação imediata de enunciação do discurso (no caso, da entrevista), quanto pelas situações conjunturais e pelas determinações estruturais da organização societária em que o enunciante se insere (ORLANDI, 1983). Assim, a enunciação de discursos é diretamente influenciada por fatores das mais diversas ordens, os quais variam desde o estado emocional do entrevistado no momento de realização da entrevista, até o contexto sócio-histórico em que vive o enunciante.

Compreendendo-se as formações discursivas como o conjunto dos enunciados que podem e devem ser elaborados em determinadas condições de produção (ORLANDI, 1983), um segundo pressuposto metodológico é o do reconhecimento de uma vinculação explícita entre formação discursiva e

formação ideológica. Desta forma, os discursos dos atores sociais devem ser compreendidos como a "codificação" de visões de mundo ideologicamente estruturadas, onde palavras e expressões recebem um sentido próprio, a partir da posição que os enunciadores ocupam na estrutura social (SADER, 1988). Retomando Orlandi (1988), vê-se, portanto, que o enunciante é socialmente constituído, o seu discurso emerge de formações ideológicas, as palavras mudam de sentido ao passarem de uma formação discursiva para outra e os sentidos de um texto estão determinados pela posição de quem o produz e de quem o lê.

Em vista disso, um terceiro pressuposto, o do reconhecimento da contraditoriedade da noção de sujeito, assume uma importância fundamental: "(...) os processos discursivos não tem sua origem no sujeito, embora eles se realizem necessariamente nesse sujeito" (ORLANDI, 1983: 192). Ou em outras palavras, "(...) o discurso não nasce no sujeito, por isso os sentidos não se originam nele, são retomados por ele" (ORLANDI, 1988: 107).

Sem que isso signifique a negação absoluta do sujeito portador de uma individualidade, é importante salientar, entretanto, que a fala de um sujeito nunca pode ser tomada como fruto ou produto de uma essência individual, mas, ao invés, como a "materialização manifesta" de uma voz coletiva, da qual ele é o instrumento de expressão. Assim, sua individualidade de sujeito enunciante assume uma posição secundária diante das múltiplas determinações sociais que

condicionam sua história de vida, e o seu discurso pode ser tomado, em maior ou menor grau, como a expressão de uma determinada visão de mundo que é compartilhada por diversos outros sujeitos sociais.

Além desses três pressupostos centrais, a análise das entrevistas tomou por base a compreensão de que o texto (entrevista transcrita), enquanto objeto empírico, constitui uma totalidade com começo, meio e fim, mas enquanto objeto teórico é um produto inacabado e incompleto, assumindo a forma de um discurso. Segundo Orlandi (1983), esta incompletude possui um caráter intersubjetivo, manifestando-se tanto pelo conjunto das "idéias implícitas" presentes em um texto - as quais possibilitam a construção de relações de sentido entre o dito e o não dito pelo sujeito social -, quanto pelas relações que podem ser construídas a partir da intertextualidade, ou seja, a partir das relações entre o que um texto diz e o que os outros textos dizem.

Nesta perspectiva, ao tratar da relação autor/leitor/texto¹, Orlandi (1988) salienta, de forma muito arguta, que é impossível pensar-se na existência de um autor onipotente, de um leitor onisciente ou de um texto transparente. Tomando-se a leitura como uma interação verbal entre indivíduos (ZILBERMAN e SILVA - ORGS., 1988), cada

1. As noções de autor, leitor e texto são tratadas nesta dissertação como sinônimos, respectivamente, de entrevistado, entrevistador e entrevista.

leitura construirá um novo texto, fazendo com que um mesmo texto multiplique-se em muitos outros.

Por outro lado, por mais que o enunciante seja cobrado quanto à unidade, à clareza, a não-contraditoriedade e à correção de seu discurso (ORLANDI, 1988), é importante reconhecer que a linguagem não é nem clara, nem precisa. Saber ler é, portanto, saber que o sentido de um texto pode ser outro, diferente da intenção originária e consciente do autor e/ou do sentido que lhe atribuímos.

Vale a pena destacar, no entanto, que existem limites diante dessas múltiplas possibilidades de leitura de um texto, fazendo-se necessário o reconhecimento de uma relação de interação reguladora destas possibilidades. Ainda que as leituras possam ser várias, nem todas elas são boas, ou seja, nem todas captam um sentido que possa ser efetivamente associado ao texto, não passando, muitas vezes, de divagações ou compreensões equivocadas por parte do leitor.

Em vista disso, nas análises das entrevistas, procurei alcançar um "equilíbrio dinâmico" entre leituras parafrásticas e leituras polissêmicas, objetivando, desta forma, tentar apreender tanto o sentido que supunha ser o atribuído pelo autor a sua fala, quanto captar outras relações de sentido que se fizessem presentes, mesmo que de forma não-intencional, nos discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal.

À luz desses pressupostos e orientações metodológicas gerais, foram por mim analisadas as seis entrevistas com as lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal, pautando-me sempre pela tentativa de compreender os discursos em questão, e não apenas interpretá-los².

Acredito que agora, após essa apresentação sumária do caráter metodológico que orientou a realização dos trabalhos de campo e a análise dos dados, podemos enveredar pela caracterização do rico universo definidor do movimento ecológico em geral e do movimento ecológico do Distrito Federal em particular.

2. Em relação à distinção entre o ato de interpretar e o de compreender, Orlandi apresenta uma passagem que, pela sua beleza e precisão, merece ser destacada: "O sujeito que produz uma leitura a partir de sua posição, interpreta. O sujeito-leitor que se relaciona criticamente com sua posição, que a problematiza, explicitando as condições de produção de sua leitura, compreende. Sem teoria não há compreensão. (...) A compreensão (...) supõe uma relação com a cultura, com a história, com o social e com a linguagem, que é atravessada pela reflexão e pela crítica" (1988; 116).

CAPÍTULO 3

O MOVIMENTO ECOLÓGICO: ENTRA NA CENA POLÍTICA UM NOVO ATOR SOCIAL

De início, é importante salientar que o movimento ecológico, apesar de seus atributos particularizantes, possui várias das características comuns aos outros movimentos sociais: o fato de encontrar na luta contra as carências coletivas (manifestas e, principalmente, potenciais) as razões de sua gênese e de seu desenvolvimento; a ênfase em práticas democráticas e participativas; a tendência para a superação das barreiras de classe no interior do movimento (policlassismo); a contribuição para uma redefinição da cultura política (ecologização da sociedade); a diversidade de objetivos e práticas; as diferenciadas estratégias de ação que compõem seus (proto)projetos políticos; os diferenciados ritmos de mobilização; o grau relativamente baixo de institucionalização; e a valorização das idéias de flexibilidade, simplificação e descentralização, constitutivas da noção de autonomia (AMMANN, 1987; CARDOSO, 1987; DURHAM, 1984; SADER, 1988; SCHERER-WARREN, 1989; VIOLA & MAINWARING, 1987).

Mas ainda que essas características sejam importantes e significativas, o movimento ecológico, enquanto uma modalidade específica de movimento social, é aqui definido como toda ação social que tem na preservação e na ampliação das possibilidades e da qualidade de vida no planeta o sentido norteador de suas reflexões, estratégias de luta e objetivos¹. Neste sentido, é sempre, em maior ou menor grau, um movimento portador de valores universais, fundamentados na defesa da vida, os quais se traduzem, materialmente, por uma postura de denúncia, de conscientização e de combate à destruição de ecossistemas específicos - cidades, rios, florestas - ou da biosfera como um todo, e pela proposição de novas formas de relacionamento dos homens entre si e com a natureza.

1. Carneiro (1988) define movimento ecológico como o "conjunto de ações coletivas organizadas que objetivam a preservação da qualidade do meio ambiente" (01). Acredito, entretanto, que essa definição possui duas limitações: 1) ao se restringir à "preservação da qualidade do meio ambiente", incorre no perigo de ignorar que muitos esforços do movimento ecológico são empreendidos não apenas para preservar, mas também para ampliar, a atual qualidade do meio ambiente; e 2) ao identificar "a preservação da qualidade do meio ambiente" como o objetivo do movimento ecológico, restringe o nível de complexidade dos objetivos desta modalidade de movimento social, na medida em que "a preservação e a ampliação das possibilidades e da qualidade da vida" possui um significado político, social, cultural e econômico muito mais amplo, quando comparada à "preservação da qualidade do meio ambiente". Como já afirmou um poeta inspirado, não é qualquer vida que vale a pena, por mais preservado que esteja o meio ambiente. "Ecofascismo? Tô fora".

Procurando compreender as condições de emergência do movimento ecológico no Brasil, Viola (1988) apresenta seis fatores explicativos principais: o caráter internacionalizado do movimento ecológico mundial; a forte internacionalização do sistema produtivo e de comunicações no Brasil; a intensa degradação sócio-ambiental nas últimas quatro décadas; a visão de mundo predatória das elites do regime militar; a profunda crise da esquerda brasileira, a qual vincula-se à crise geral do marxismo no mundo ocidental; e o contexto sócio-político favorável criado pela transição democrática.

A construção da identidade coletiva do movimento ecológico brasileiro não ocorre, entretanto, no vácuo. Ela possui uma história, que nos possibilita compreender melhor o movimento a partir de suas semelhanças e diferenças em relação, tanto às outras modalidades de movimento social no Brasil, quanto ao movimento ecológico mundial².

Segundo Viola (1988), é nos processos de percepção do aumento da degradação das condições de vida e de acirramento das lutas cotidianas que o movimento ecológico vai construindo sua identidade coletiva. Paulatinamente, os militantes passam a atribuir uma maior

2. Foge aos objetivos desta dissertação uma abordagem pormenorizada acerca da história do movimento ecológico no Brasil. Tendo em vista a especificidade do escopo deste trabalho, serão abordados aqui apenas alguns aspectos considerados essenciais para a compreensão da gênese e do desenvolvimento do movimento ecológico no Brasil.

importância a aspectos até então não muito valorizados, tais como: 1) definição mais precisa de estratégias para alcançar objetivos pré-estabelecidos; 2) complexificação do significado de ser ecologista; 3) valorização do trabalho teórico; e 4) redimensionamento da concepção predominantemente negativa do Estado, através da percepção de suas contradições e fissuras internas.

Em meio a uma aparente homogeneidade, oriunda da construção de uma identidade coletiva fundamentada numa perspectiva universalista de preservação e de ampliação da vida no planeta, o movimento ecológico, assim como outras modalidades de movimento social, é composto por grupos e entidades que se diferenciam entre si em função de seus objetivos (i)mediatos, ou da forma de concebê-los, e de suas práticas políticas cotidianas. Desta forma, alguns setores do movimento ecológico possuem um campo de atuação caracterizado por um nível de particularidade maior que outros, o que fica evidenciado quando comparamos as diferenças e similaridades existentes entre uma entidade ecológica com fins bem delimitados (Sociedade Protetora dos Fássaros de Olinda, por exemplo), e uma outra, de atuação bem mais ampla, como o Movimento Brasil de Defesa da Terra.

UMA TENTATIVA DE CLASSIFICAÇÃO: NEM SEMPRE É POSSÍVEL DEIXARMOS DE SER CARTESIANOS

O movimento ecológico pode ser dividido, basicamente, em dois grupos (LAGO & PÁDUA, 1989): conservacionistas e ecologistas³.

Os grupos conservacionistas tendem a possuir um campo de atuação caracterizado pela limitação espacial e/ou temporal de seus objetivos e práticas, ou seja, a estarem articulados em torno de determinadas questões específicas, particulares, como, por exemplo, a criação de uma determinada reserva florestal, a organização de uma comunidade alternativa, a preservação de uma espécie animal qualquer ou o boicote aos produtos de uma indústria poluidora. Nas palavras de Antuniassi (1989):

"Para os conservacionistas, a questão central é a de reformular as práticas de usufruto dos bens naturais, através da utilização dos conhecimentos técnicos-científicos disponíveis, o que deverá garantir uma sobrevivência adequada do homem no planeta. Desenvolvem, então, uma ação mais conjuntural, ligada a causas específicas, promovendo estudos e pesquisas que subsidiam sua prática"(p. 42).

3. Ainda é bastante rudimentar na literatura acerca do movimento ecológico uma conceituação precisa e consensual das diversas correntes que o compõem. Os termos "ecologista" (LAGO & PÁDUA, 1989), "ecológico" (VIOLA & MAINWARING, 1987) e "ambientalista" (ANTUNIASSI, 1989) são usados intercambiavelmente pelos respectivos autores para designar uma mesma corrente do movimento ecológico, ao passo que os termos "ambientalista" (VIOLA & MAINWARING, 1987) e "conservacionista" (ANTUNIASSI, 1989; LAGO & PÁDUA, 1989) designam a outra.

Assim, o movimento ecológico, em sua vertente conservacionista, pode ser compreendido como um conjunto de grupos e entidades que encontram no combate à degradação ambiental o motivo primeiro de sua existência. Neste sentido, assemelha-se a outras modalidades de movimento social, que também se articulam em torno de demandas específicas, particulares, localizados na esfera da sociedade civil.

Já os grupos ecologistas, ainda que também possuam uma preocupação com o ambiente natural, a qual se materializa num campo de atuação definido espacial e/ou temporalmente, tendem a atribuir um caráter mais geral e universal a seus objetivos e práticas, quando comparados aos grupos conservacionistas, propondo e praticando formas alternativas de organização social. Os ecologistas, influenciados por diversas correntes de pensamento (LAGO & PÁDUA, 1989) - anarquismo não-violento, liberalismo humanista e marxismo libertário, dentre outras -, procuram difundir uma consciência ecológica a partir de questões mais gerais, tais como: mudança dos valores éticos da sociedade com relação à natureza; pacifismo; necessidade de preservação do patrimônio cultural e natural da humanidade; mudanças dos estilos de vida; importância do redimensionamento das formas de interação humana e das relações com o trabalho, dentre outras. Desta forma, enquadrar-se-iam nesta corrente do movimento ecológico, por

exemplo, aqueles grupos que, embora preocupados com as condições de vida e/ou a preservação de um ecossistema específico, tendem a ter como eixo norteador de suas reflexões e ações uma preocupação mais articulada com uma redefinição do atual modo de vida dos homens, preocupação esta que pode vir a se traduzir na elaboração de uma nova proposta de sociedade. A luta ecológica não é vista como um fim em si mesmo, mas apenas como uma etapa (BOSQUET, 1976).

Assim, o movimento ecológico, em sua vertente ecologista, pode ser compreendido como um conjunto de grupos e entidades que encontram na busca do redimensionamento das relações gerais do homem com o planeta o sentido norteador de sua existência, procurando realizar uma crítica global e radical do modo de produção industrial (DUPUY, 1980). Diferencia-se, portanto, significativamente, de outras modalidades de movimento social, por não estar voltado para o atendimento de demandas específicas e particulares, mas, ao invés, por estar preocupado com todas as dimensões e aspectos da vida do homem e do planeta. Em função disso, o movimento ecológico tenderia a localizar-se na esfera da sociedade política, assemelhando-se, em propósitos e objetivos - ainda que se orientando por estratégias e práticas de luta diferentes -, aos partidos políticos, os quais são, segundo Gramsci (1966), os grandes responsáveis pela elaboração e difusão de concepções de mundo.

O movimento ecológico, portanto, está sendo aqui abordado, em sua heterogeneidade, a partir dessa

relação privilegiada que os diversos grupos estabelecem entre as demandas particulares e as demandas gerais, ou seja, a partir de sua inserção simultânea no espaço da sociedade civil e da sociedade política, ora tendendo mais para uma, ora para outra.

Dessa forma, a possibilidade de inserção simultânea nos dois grandes planos superestruturais - sociedade civil e sociedade política - atribuiria ao movimento ecológico uma natureza duplamente universal.

A VIDA COMO OBJETO E A HUMANIDADE COMO SUJEITO: A DUPLA UNIVERSALIDADE DO MOVIMENTO ECOLÓGICO

Num primeiro plano, essa dupla universalidade manifesta-se através dos valores e interesses que são propostos e/ou defendidos, em maior ou menor medida, pelo movimento ecológico, os quais possuem um caráter global, gravitando em torno da temática da preservação e da ampliação das possibilidades e da qualidade de vida no planeta. Isto pode ser visto através de algumas de suas propostas e bandeiras de luta principais:

- Redimensionamento das relações (de oposição) entre cultura e natureza. Os produtos da ação intencional do homem - cultura - não mais são vistos como instrumentos de controle e de domínio do homem sobre a natureza. Propõe-se o fim do caráter instrumental das relações dos homens entre si e com a natureza, passando estas a serem pautadas

pelo princípio da reciprocidade, em busca da harmonia (GONÇALVES, 1989; McKIBBEN, 1990);

- Gestação de uma nova compreensão do homem enquanto parte da natureza, e não enquanto um sujeito desta separado⁴. Procura-se o restabelecimento de um equilíbrio dinâmico entre as partes constitutivas dessa relação (GONÇALVES, 1989; LUTZENBERGER, 1985);

- Luta pela defesa da sobrevivência da humanidade em escala planetária. Os militantes do movimento afirmam que a crise ambiental transcende fronteiras nacionais ou políticas, podendo ser vivenciada por qualquer habitante do planeta. Para problemas planetários, advogam-se soluções globais (SILVA, 1978; DUPUY, 1980; GUIMARÃES, 1988; VIEIRA, 1990);

- Fim da dicotomia campo/cidade e das fronteiras artificiais. Para o movimento ecológico, a questão ambiental deve ser concebida e operacionalizada a partir de uma nova compreensão das unidades espaciais,

4. É interessante constatar a inexistência de um conceito que possibilite nominar a natureza sem a presença do homem. Toda vez que desejamos nos referir a relação entre os homens e os demais elementos constitutivos (animados ou inanimados) do planeta, somos forçados a dizer "relações entre os homens/sociedade e a natureza" ou "relações entre cultura e natureza". Desta forma, o homem ou é sumariamente excluído da condição de ser natural - e automaticamente subordinado ao capital (GONÇALVES, 1989) -, ou é objeto de uma metonímia através de sua transformação em cultura - produto da ação do homem, e não o próprio homem. Talvez, brevemente, quem sabe, passe a ser de uso corrente um novo conceito, como por exemplo, "naturaahomo", o qual venha a designar uma natureza que prescinde da existência do homem, permitindo-nos uma precisão conceitual ao dizer "relações entre homens e naturaahomo".

priorizando-se as noções de ecossistema e ecorregião, bem como o caráter interdependente e não segmentado do meio ambiente (LAGO & PÁDUA, 1989).

- Redimensionamento das noções de progresso e de desenvolvimento. Procura-se associar a uma compreensão estritamente economicista destes conceitos - dominante tanto a nível do senso comum quanto do pensamento científico - a importância da incorporação de uma dimensão social e outra ambiental, onde não apenas os indicadores econômicos (PIB, PNB, renda per capita, dentre muitos outros) são os definidores do que seja progresso e desenvolvimento, mas também assumem papel fundamental os indicadores de qualidade de vida, de degradação sócio-ambiental e de justiça social (ANTUNIASSI, 1989; BOSQUET, 1976; DUPUY, 1980; RAMOS, 1981; LUTZENBERGER, 1976; SACHS, 1986);

- Proposição de um desenvolvimento econômico ecologicamente sustentado, fundamentado na adoção de tecnologias de baixo impacto ambiental e de um novo padrão técnico-produtivo, e de uma ética global imbuída de valores ecológicos e espirituais (CARNEIRO, 1988; BENJAMIM, 1990; VIOLA & LEIS, 1989).

- Crítica do Estado e da heteronomia política. Atribuição de grande importância à descentralização política e econômica, com o fortalecimento do local e do regional. A vida em sociedade seria organizada para atender as necessidades básicas da população, de forma a tornar as regiões autônomas e auto-suficientes, permitindo que os

trabalhadores passem a controlar o produto de seu trabalho, bem como as decisões da esfera política, através da valorização dos plebiscitos, do direito de vizinhança, do direito de petição e da participação das entidades da sociedade civil em todas as instâncias decisórias. (DUPUY, 1980; VIEIRA, 1990);

- Proposição de uma nova visão de mundo, fundamentada no princípio "Pensar globalmente (a vida) e agir localmente (pela vida)". Os grupos e entidades ecológicas ressaltam que cada indivíduo pode, a partir de sua vida cotidiana, tentar contribuir na luta contra o efeito multiplicador da degradação do meio ambiente. Por mais localizada que possa parecer a ação voltada para a preservação ou a ampliação das possibilidades e da qualidade de vida, ela terá um efeito produtivo e positivo sobre o restante do planeta. "Tudo está ligado a tudo".

- Questionamento das atuais bases do conceito de homem, onde este costuma ser compreendido como um consumidor por excelência; um intrínseco destruidor da natureza; um portador de instintos que precisam ser socialmente controlados; ou um mero detentor de um emprego ou posto de trabalho numa sociedade centrada no mercado. Matura-se uma compreensão holística da essência de uma nova natureza humana, onde a dimensão espiritual, o "hedonismo raciocinado" e o caráter relacional da vida assumem importância central (ANTUNIASSI, 1989; GUATARRI, 1990; RAMOS, 1981; LANDIM, 1988; VIOLA, 1987a; VIOLA E LEIS, 1989);

- Preocupação com a felicidade individual e coletiva dos homens. Elabora-se uma compreensão do homem enquanto um ser total, que possui necessidades, desejos, vontades, sonhos e projetos individuais e coletivos que devem ser prioritariamente considerados em qualquer proposição de transformação social. Esta compreensão está fundamentada num sistema de valores pós-materialista, o qual concebe o desenvolvimento humano como uma combinação harmoniosa de desenvolvimento material e espiritual (GUATARRI, 1990; LAGO & PÁDUA, 1989; LANDIM, 1988).

Por outro lado, a segunda dimensão da dupla universalidade do movimento ecológico manifesta-se através de sua natureza não restritiva quanto à condição dos participantes: seus simpatizantes e/o militantes podem ser negros, mulheres, homens, velhos, crianças, operários, patrões, estudantes, desempregados, homossexuais, camponeses etc. Em vista disso, o movimento ecológico pode ser contraposto a outras modalidades de movimento social, como o de moradores e o de "minorias" étnicas e raciais, os quais "impõem" a seus potenciais participantes a exigência prévia de possuírem a característica própria, aglutinadora, dos efetivos membros do movimento social em questão (ser negro, no caso do movimento negro; ser mulher, no caso do movimento feminista; ser morador, no caso de movimento de bairro etc). Viola (1988) chega mesmo a afirmar que o movimento ecológico constitui um ponto de inflexão na história das mobilizações sociais, na medida em que, ao ser portador de valores e

interesses universais -- estando voltado para o atendimento de carências que dizem respeito à preservação e à ampliação das possibilidades e da qualidade de vida do planeta --, rompe as fronteiras que tradicionalmente caracterizam os demais movimentos sociais, possuindo o potencial de incorporar a grande maioria da humanidade.

Sendo assim, considero que, em termos teórico-metodológicos, o fato de o movimento ecológico possuir este caráter duplamente universal coloca-o na condição de potencial elaborador de propostas de sociedade.

O QUE OS CIENTISTAS SOCIAIS FALAM SOBRE AS PROPOSTAS DE SOCIEDADE DO MOVIMENTO ECOLÓGICO

Alguns cientistas sociais e/ou militantes do movimento ecológico vêm refletindo acerca dos projetos políticos do movimento, incluindo-se, neste contexto, os estudos, ainda que escassos e fragmentários, acerca de suas propostas de sociedade.

Viola (1987a) apresenta uma categorização do movimento ecológico - a nível mundial e nacional -, bem como da teoria política ecologista - elaborada a partir da identificação de quatro diferentes visões de futuro e estratégias de luta política presentes no interior do movimento: fundamentalistas, ecossocialistas, ecocapitalistas e ecorrealistas.

Os ecologistas fundamentalistas, descrentes da possibilidade de transformação global da sociedade, propõem a construção de uma vida alternativa, organizada a partir de pequenos grupos autosuficientes e autogestionários, concebidos à margem dos sistemas sociais dominantes. Já os ecossocialistas, sempre segundo Viola (1987a), têm como referencial normativo a estatização ampla do sistema produtivo e o planejamento participativo centralizado, realizando uma crítica contundente tanto ao capitalismo quanto aos socialismos que acabam de desmoronar na Europa do Leste. A posição ecocapitalista, por sua vez, advoga a presença do mercado como principal agente alocador de recursos e o predomínio da grande propriedade oligopólica, passando o primeiro a ter seu funcionamento disciplinado por um Estado do Bem-Estar Sócio-Ecológico. Por fim, os princípios básicos dos ecologistas realistas - que são críticos tanto do socialismo quanto do capitalismo - são a pequena propriedade privada e a propriedade cooperativa, a autogestão do sistema produtivo e a ênfase no Estado de nível local como principal alocador de recursos.

Em termos gerais, Viola (1987a) afirma que o movimento ecológico, no seu conjunto, apresenta um sistema de valores centrado no equilíbrio ecológico, na justiça social, na não-violência ativa e na solidariedade diacrônica com as gerações futuras.

Lago & Pádua (1989) enfatizam a distinção conceitual entre conservacionismo e ecologismo. Segundo os

referidos autores, o conservacionismo não implica a apresentação de um projeto alternativo global para a transformação da sociedade, ao passo que o ecologismo caracteriza-se por ser um projeto político de transformação social ampla, implicando mudanças nos níveis da economia, da cultura e da própria maneira dos homens relacionarem-se entre si e com a natureza. Os elementos constitutivos da proposta de sociedade contida neste projeto político seriam, ainda de acordo com Lago & Pádua, a democracia direta, a autonomia, a convivencialidade, o controle social sobre a qualidade de vida e a integridade do ambiente, a descentralização geográfica da produção, a descentralização política, o cooperativismo, a autogestão, a adoção de tecnologias alternativas e ecologicamente equilibradas, dentre outros.

Já Gonçalves (1989) afirma que a questão principal colocada na arena política, ainda que de maneira diferenciada, pelo movimento ecológico, é a de como lidar com as diferenças da natureza sem hierarquizá-las. Segundo o referido autor, os caminhos possíveis para uma resposta a esta questão passam necessariamente pelo reconhecimento da necessidade de um outro projeto de sociedade, de um outro sentido para a vida e de um outro modo de produzir a própria vida. Estaria aí, talvez, a origem da vocação do pensamento ecopolítico brasileiro de sempre colocar e recolocar a questão do projeto nacional (LAGO & PÁDUA, 1989).

Por fim, nessa apresentação sumária e seletiva⁵ dos autores que trabalham com o pressuposto da existência de visões sociais de futuro no seio do movimento ecológico brasileiro, vê-se que Scherer-Warren (1987) identifica as seguintes características como constitutivas do projeto geral de sociedade do movimento ecológico brasileiro: descentralização da produção e do poder político, criando regiões autônomas e autogestionáveis; produção baseada no cooperativismo e organização social fundada na democracia direta; e, especialmente, a crítica direta ao sistema capitalista, com suas tecnologias duras, sugerindo o uso de tecnologias alternativas.

Assim, parece consensual nos diversos estudos, tomados isoladamente, a idéia de que o movimento ecológico brasileiro possui uma proposta de sociedade definida, geral e unitária.

"LIMITES" - O FILME QUE HUMBERTO MAURO NÃO FEZ

No contexto em que se afirma ser o movimento ecológico portador de uma proposta de sociedade, também há alguns autores que problematizam acerca da efetiva correspondência entre os pressupostos teóricos e as características reais desta modalidade de movimento social.

5. Outros autores que, direta ou indiretamente, elaboram, em sua prática política e/ou intelectual, formulações acerca de um projeto político e/ou proposta de sociedade associada ao movimento ecológico: Carlos Minc (1985), Fernando Gabeira (1985), Liszt Vieira (1990) e Roberto Guimarães (1988).

A primeira dessas características diz respeito ao limitado alcance político das lutas do movimento ecológico, constatação essa que também costuma ser associada a outras modalidades de movimento social (KOWARICK, 1987; VIOLA & MAINWARING, 1987). No que diz respeito a isso, Antuniassi (1989), ao estudar o movimento ecológico de São Paulo, que é o mais forte e organizado do país, ressalta que o reformismo é um elemento preponderantemente caracterizador da ideologia⁶ de seus militantes. Segundo a referida autora, ainda que o discurso do movimento vá de encontro aos valores e à ética capitalista, a transformação revolucionária está absolutamente ausente de seus princípios e de sua prática. Ao invés, a transformação social é concebida a partir da mudança de mentalidades e de reformas institucionais, raramente sendo contemplada a questão do conflito de classes.

Assim, Antuniassi (1989) alerta-nos para lutarmos contra o canto da sereia que ecoa em nossas mentes tentando nos seduzir a transformarmos o movimento ecológico no novo sujeito revolucionário da história, em substituição ao proletariado desgastado pelo poder de cooptação do capitalismo avançado e pelas crises dos socialismos reais (LIPIETZ, 1991). Ainda que se possa discordar de algumas das formulações da referida autora, chamando-as de conservadoras por privilegiarem princípios e mecanismos tradicionais de

6. Por ideologia estou compreendendo o conjunto de justificativas racionais ou racionalizantes dos objetivos de um grupo ou de uma classe social (CASTORIADIS, 1982).

realização da transformação social, é importante que estejamos atentos para não reincidirmos em erros já cometidos com relação a outras modalidades de movimento social no Brasil, as quais tiveram seu potencial de reflexão e ação transformadora superestimado.

Contrariando os autores que afirmam estar o movimento ecológico gestando visões sociais de futuro que tendem a se materializar em propostas de sociedade, Touraine (1981) afirma que os movimentos sociais não possuem o projeto de uma sociedade futura onde reine a igualdade e a liberdade. O desejo onírico da passagem do reino da necessidade para o da liberdade esvaece-se, cedendo lugar a um conjunto de reivindicações imediatas, voltadas para as necessidades do momento presente.

Segundo Neto (1985), essa redução da perspectiva coletiva de futuro estaria associada à intensa e multifacetada crise vivida pelos homens das sociedades contemporâneas, particularmente nas grandes metrópoles. A percepção da profundidade da crise e da possível iminência do caos tenderia a levar os indivíduos a realizarem uma aproximação da consciência com o aqui e o agora, acelerando os processos de busca de informação e de criação de oportunidades sociais imediatas e concretas.

Realizando uma crítica perversa da aparente universalidade do discurso ecológico, Benjamim (1990) afirma que, apesar do seu pretenso compromisso com o futuro, o movimento ecológico é incapaz de apresentar um projeto

nacional consistente, em razão de estar ausente do mundo da produção e das lutas sociais contra a exploração do trabalho, e por não confiar nas possibilidades de organização do povo.

Antuniassi (1989), por sua vez, afirma que, embora seja incontestável que o ideário ecológico possui um caráter universalizante - no sentido de que interessa a todas as classes - e potencialmente transformador do sistema social vigente, o movimento não possui uma visão clara acerca do sistema sócio-econômico-político-cultural da sociedade futura, não conseguindo elaborar uma proposta de sociedade acabada e/ou coerente.

Entre os extremos de possuir uma proposta de sociedade geral e unitária e o de não possuir nenhuma reflexão ou preocupação acerca da organização futura das sociedades humanas, entretanto, existe uma distância muito grande. Obviamente, é nesse espaço que a potencialidade do movimento ecológico de elaborar propostas de sociedade precisa ser melhor investigada empiricamente, a fim de que se possa analisar em que medida ela começa a apresentar seus primeiros sinais de materialização. Uma amostra dessa possibilidade pode ser encontrada nas palavras de Vieira (1990), militante e pensador do movimento:

"Não propomos um modelo de sociedade pronto para usar, mas sim a produção de novos sistemas de valores, através de novas práticas sociais, estéticas, ético-políticas, novas práticas de si em relação ao outro"(20).

A segunda característica diz respeito à predominância de militantes e simpatizantes de classe média no movimento ecológico (ANTUNIASSI, 1989), fenômeno esse que, na prática, entraria em conflito com o potencial transclassista atribuído teoricamente ao movimento (VIOLA, 1987a). A constatação de uma efetiva predominância de militantes e simpatizantes de classe média não é, a meu ver, um indicador suficientemente forte para anular seu caráter transclassista e atribuir-lhe um caráter de classe. A posição que atualmente é ocupada pelos indivíduos de classe média no interior do movimento pode, teoricamente, vir a ser ocupada por indivíduos de qualquer outra classe social. Se isso não ocorre, deve-se procurar as razões para tal fenômeno - como por exemplo o caráter massacrante e alienante das lutas pela sobrevivência imediata -, e não afirmar-se, simplesmente, que o mesmo é uma decorrência do caráter excludente do movimento.

Muitas vezes, ao se realizar a crítica dos objetivos e propósitos do movimento ecológico, por serem supostamente de origem pequeno-burguesa, afirma-se que uma pessoa faminta, sem acesso à casa, trabalho, saúde e educação, não muito facilmente vai sentir-se mobilizada pelas lutas em defesa das baleias ou contra o desmatamento de uma floresta. Sem dúvida, esse tipo de argumentação possui um poder de convencimento aparentemente elevado, mas equivoca-se profundamente ao fundamentar-se em uma

compreensão simplista do que seja o movimento ecológico, restringindo-lhe o universo de reflexão e ação à esfera do conservacionismo.

Assim, ainda que atualmente seja predominante a presença de militantes e simpatizantes de classe média, as lutas ecológicas, como já foi anteriormente salientado, dizem respeito a toda a humanidade, possuindo o potencial de incorporar parcelas significativas da população mundial.

Associada indiretamente à presença de militantes e simpatizantes de classe média, Antuniassi (1989) e Paiva (1991), dentre outros, identificam como uma outra característica do movimento ecológico a tendência para a profissionalização da militância, a qual leva o movimento à elitização e à institucionalização.

"(...) a discussão no seio do movimento é a que deve-se deixar de lado o 'amadorismo' e desenvolver a profissionalização dos grupos, o que significa ter nos quadros das entidades técnicos e especialistas em meio-ambiente, ou contratá-los. O que, por sua vez, significa a necessidade de receber apoio financeiro do Estado ou de empresas, o que pressupõe uma maior institucionalização do movimento" (76-7).

Essa tendência à profissionalização da militância e, conseqüentemente, à institucionalização do movimento, parece estar associada a um outro fenômeno, em grande medida desencadeado a partir da chegada dos exilados

políticos em fins da década de 70: o surgimento e a proliferação de organizações não governamentais (ONGs) no Brasil.

Landim (1988) define as ONGs como um agrupamento de entidades não pertencentes ao universo oficial (governamental) que, fundamentadas nos princípios da livre iniciativa e da autonomia, colocam-se "a serviço" de determinados movimentos sociais. Ainda que nem sempre os limites entre as ONGs e os movimentos sociais aos quais estas se vinculam estejam claramente definidos, elas não se confundem nem com sindicatos ou partidos, nem com entidades filantrópicas.

Vivendo muitas vezes o dilema entre serem assessoras e consultoras dos movimentos sociais ou parte integrante dos próprios movimentos, a maioria das ONGs brasileiras é pouco especializada, dedicando-se, simultaneamente, a uma gama variada de atividades. A maior parte de seus orçamentos é originária de ONGs estrangeiras, sendo a instabilidade institucional - criação e desaparecimentos frequentes, mudanças de endereços e circulação de quadros - uma outra característica a elas associada.

No que diz respeito especificamente às ONGs ecológicas, Landim (1988) afirma que, além de serem bastante independentes com relação a outros pólos institucionais - tais como as igrejas, os sindicatos e os partidos -, elas devem ser consideradas como parte integrante do próprio

movimento ecológico, uma vez que tal separação não encontra justificativas em nível do real. Grupos ecológicos e ONGs ecológicas, na maior parte das vezes, atuam conjuntamente na defesa de princípios e bandeiras de luta, tendo como destinatários de sua ação a humanidade e a natureza, ainda que adotem modelos organizativos e institucionais diferenciados.

Assim, a tendência à profissionalização da militância e à institucionalização do movimento, identificada por Antuniassi (1989) e Paiva (1991), parece encontrar seu correlato na proliferação expressiva de ONGs ecológicas no Brasil, identificada por Landim (1988). O que aparentemente não passa de uma transformação no formato organizativo e na estrutura de alguns grupos e entidades, pode significar, no entanto, um complexo redimensionamento das atuais características do movimento ecológico brasileiro, inserindo-o num contexto multinacional e conciliador.

Após essa discussão acerca das características gerais e específicas do movimento ecológico - onde foi dada uma ênfase especial à análise de sua dupla universalidade e de seu potencial de elaborar propostas de sociedade -, acredito que seja possível iniciar o estudo propriamente dito do movimento ecológico do Distrito Federal.

CONSERVACIONISMO E ECOLOGISMO NO DISTRITO FEDERAL: ALGUNS APONTAMENTOS PARA LEITORES CURIOSOS

Se o morador do Distrito Federal, em termos individuais, parece estar buscando as formas e construindo as condições para uma vivência harmoniosa consigo mesmo, as condições de vida da cidade, em termos coletivos, demonstram sérios sinais da degradação sócio-ambiental que também caracteriza as demais áreas metropolitanas do país. Além do aumento generalizado e significativo da miséria, da pobreza e das desigualdades sociais, a cidade assiste ao aumento e à proliferação das diversas formas de degradação do meio ambiente, seja através dos desmatamentos, da erosão hídrica e antrópica e da grande quantidade de dejetos sólidos lançados na água (esgotos, fertilizantes, pesticidas e lixo doméstico), seja, em menor proporção, através da deterioração da imagem urbana, da contaminação do ar e da alteração dos solos pela expansão de projetos agrícolas.

A percepção do aumento das fontes e dos focos dessa degradação sócio-ambiental e as influências oriundas da militância ecológica em outras capitais do país e do mundo foram as razões primeiras que, aparentemente, motivaram a formação e a multiplicação de grupos e entidades preocupadas com a questão ecológica no Distrito Federal.

Foi possível localizar aproximadamente vinte e cinco (25) grupos que estão envolvidos com a questão ecológica na cidade, tendo sido o primeiro deles organizado formalmente em 1984. Em linhas gerais, seguindo uma tendência presente em nível nacional, são grupos constituídos por pessoas das mais variadas faixas etárias (desde crianças até adultos), originárias das diferentes regiões do país, valorizadoras de práticas espiritualistas, com orientação político-ideológica de centro-esquerda, predominantemente do sexo masculino, com um nível de escolaridade médio ou elevado e pertencentes à classe média moradora do Plano Piloto.

Também seguindo uma tendência já identificada em nível do movimento ecológico nacional, os grupos ecológicos do Distrito Federal constituem um conjunto bastante heterogêneo de formas organizativas, orientados por um leque variado de interesses, reflexões e práticas políticas, sendo possível identificar a presença de entidades voltadas para diversas áreas de atuação específica: educação ambiental, denúncia de problemas ambientais, exploração de cavernas, prática coletiva de esportes, observação e proteção de espécies animais e vegetais ou ecossistemas específicos, atuação em nível de associações profissionais e/ou de pesquisa científica, divulgação de idéias ecologistas e prática política propriamente dita.

Algumas das características mais relevantes desses grupos foram identificadas, as quais, combinadas, possibilitaram a construção de três tipos ideais de grupos ecológicos existentes no Distrito Federal, permitindo uma melhor visualização dos mesmos:

1) Grupos com âmbito de atuação regional e eventualmente nacional, formados por voluntários, voltados para conscientização/educação ambiental e ações específicas, nos parâmetros conservacionistas; e

2) Grupos com âmbito de atuação regional, formados por voluntários, voltados para a denúncia/combate de problemas sócio-ambientais concretos e ações gerais, nos parâmetros ecologistas;

3) Grupos com âmbito de atuação nacional, formados por profissionais, voltados para a pesquisa e a proposição de ações corretivas específicas, nos parâmetros conservacionistas.

Indiscutivelmente, o primeiro tipo ideal é o que melhor caracteriza o maior número de grupos ecológicos existentes no Distrito Federal, os quais podem ser denominados "Conservacionistas Voluntários". Esses grupos, em geral, surgiram mais ou menos por volta de 1987 e foram registrados em Cartório um ou dois anos depois. Possuem um número médio de militantes-associados que varia de 30 a 200 por entidade, sendo que o núcleo efetivo de ação nunca ultrapassa um quinto desses totais. Suas diretorias são formadas por eleição direta e secreta e/ou aclamação, para

mandatos de um ou dois anos. Geralmente, não possuem nenhum instrumento alternativo de comunicação com os associados e/ou a sociedade local (alguns grupos chegaram a imprimir boletins informativos que, no entanto, tiveram uma existência efêmera), encontrando nos meios de comunicação convencionais, principalmente jornais e TVs, a forma de apresentarem seus objetivos, lutas e denúncias para a sociedade maior. Quase na sua totalidade, estes grupos não possuem sede própria, reunindo-se semanal ou quinzenalmente nas casas dos militantes ou em sedes de outras instituições, como igrejas e colégios. Como forma de captação de recursos, utilizam-se das contribuições (muitas vezes simbólicas) de associados e das doações de simpatizantes, e só nos casos de projetos específicos de maior porte (o que ocorre com rara frequência) recorrem às doações e/ou financiamentos de empresas privadas.

O segundo tipo ideal, aqui denominado "ecologismo voluntário", é caracterizador de um conjunto bem mais reduzido de grupos, os quais congregam alguns dos militantes mais antigos do movimento ecológico local, ou seja, suas lideranças históricas, que estão vinculadas a essas questões desde fins da década de 70. Parecendo seguir uma tendência também presente no movimento ecológico nacional, esses grupos têm apresentado sinais de perda de hegemonia no interior do movimento, cedendo lugar para os grupos mais recentes e de caráter mais conservacionista. Ainda que possuam muitas das características institucionais

destes últimos, os ecologistas voluntários diferenciam-se por uma maior valorização da inserção da questão ecológica no conjunto das demais lutas sociais e, conseqüentemente, por uma maior importância atribuída à arena política como campo de atuação privilegiado. Entretanto, com um número reduzido de militantes e sem a atuação pragmática que caracteriza os conservacionistas (voluntários ou profissionais), os ecologistas voluntários não conseguem apresentar-se à sociedade local - seja através da organização de eventos que mobilizem as comunidades ou de ações que repercutam nos meios de comunicação de massa -, tornando difícil uma maior difusão de suas idéias, bem como sua reprodução social enquanto grupo.

O terceiro tipo ideal, o aqui chamado "conservacionismo profissional", faz referência a entidades que assumem muito mais a feição de organizações não-governamentais ambientalistas do que grupos ecológicos convencionais. Caracterizando-se por uma estrutura organizacional sólida, fundamentada na contratação de pessoal administrativo e pesquisadores, e movimentando orçamentos que ultrapassam a casa dos milhões de dólares, as entidades conservacionistas profissionais costumam ter uma atuação em nível nacional, desenvolvendo projetos de grande porte (estudos sobre ecossistemas específicos e espécies animais ou vegetais, criação de áreas de proteção ambiental e parques nacionais, dentre outros), contando com o apoio e o financiamento tanto do Estado, quanto de

associações e organismos internacionais ou de empresas privadas nacionais e multinacionais. Vale a pena destacar que a consolidação de grupos conservacionistas profissionais - as chamadas "king ongs" - é uma tendência dominante no interior do movimento ecológico - seja ele nacional ou internacional.

Obviamente, nem todos os grupos ecológicos do Distrito Federal podem ser enquadrados, esquemática e perfeitamente, no esquema classificatório construído a partir desses tipos ideais, ainda que estes possibilitem uma visão geral da natureza e dos objetivos das entidades. Muitas delas são efêmeras e pouco expressivas, contando com um número pouco significativo de militantes - às vezes uma única pessoa compondo uma entidade -, não podendo, talvez, nem serem consideradas como microcosmos de reflexão e ação coletiva ecológica.

É importante salientar, também, que os grupos ecológicos do Distrito Federal, tomados em sua totalidade, possuem, geralmente, fracas identidades político-ideológicas e encontram-se em estágios variados de organização e atividades. Orientando-se por objetivos, na maior parte das vezes, específicos e privilegiando quase sempre ações isoladas e pontuais, os grupos ecológicos da cidade caracterizam-se pela dificuldade de realização de alianças e de definição de estratégias gerais de luta que orientem as ações coletivas de médio e longo prazo.

Assim, ainda que em alguns momentos as disputas políticas sejam freqüentes e intensas em seu interior, o movimento ecológico do Distrito Federal não tem conseguido expressar a articulação dos diversos interesses por ele potencialmente representados: ausentou-se deliberadamente da arena político-partidária (uma plenária de entidades ecológicas do Distrito Federal decidiu não reconhecer nenhum dos candidatos às eleições de outubro de 1990 como candidatos efetivamente ligados à questão ecológica) e vem encontrando dificuldades para participar ativamente dos grandes debates que perpassam a vida política local, como, por exemplo, a definição da Lei Orgânica do Distrito Federal, que brevemente deverá ser promulgada.

As iniciativas voltadas para a consecução de trabalhos conjuntos, envolvendo diversos grupos e entidades - como por exemplo, a criação, em novembro de 1990, da Rede de Entidades Ecologistas e Alternativos (REAL-DF), cujo objetivo era tentar ecologizar a Lei Orgânica do DF - geralmente esbarram em dificuldades das mais variadas ordens, indo desde a inexperiência de trabalho coletivo de parte de alguns militantes, até às práticas personalistas e centralizadoras de alguns dirigentes que dificultam a consecução dos princípios elementares da convivência democrática.

Em vista disso, as ações conjuntas do movimento ecológico do Distrito Federal não têm conseguido adentrar a esfera da atuação ecologista propriamente dita,

restringindo-se, na maior parte das vezes, a um reduzido número de ações de caráter conservacionista, voltadas para a educação ambiental, tais como a realização de exposições, "passeios ecológicos", coleta de lixo em áreas de lazer, dentre outras.

Por outro lado, esse estado parcialmente anêmico do movimento ecológico de Brasília, caracterizado pela presença de entidades fracas e pouco articuladas entre si, é contrabalanceado pela presença de pessoas fortes ("lideranças carismáticas") que dão a tônica geral do movimento. Também seguindo uma tendência do movimento ecológico em nível nacional (VIOLA, 1987a), por traz de cada um dos grupos de atuação mais expressiva no Distrito Federal existe sempre um número reduzido de pessoas, que às vezes resume-se a uma única, responsável pela operacionalização e encaminhamento das principais decisões e ações. Geralmente, essas são as pessoas que possuem maior tempo de militância no movimento ecológico, possuem um posicionamento mais claro e definido acerca das questões que norteiam a construção e implementação dos objetivos dos grupos, bem como possuem uma visão mais ampla acerca da inserção das lutas ecológicas no contexto da sociedade global.

Assim, nesse universo heterogêneo, onde militantes profissionais e voluntários - sejam conservacionistas ou ecologistas - tentam nortear-se pelo lema do "Agir localmente e pensar globalmente", esta pesquisa privilegiou a análise do discurso das chamadas

"lideranças carismáticas", procurando apreender suas reflexões acerca de como poderia ser organizada a sociedade futura. Esta decisão fundamentou-se no pressuposto de que são estas lideranças carismáticas - influenciadas elas mesmas pelas mais diversas fontes" - as principais responsáveis tanto pela elaboração e difusão dos princípios e valores que norteiam as ações e lutas do movimento ecológico, quanto pela delimitação das linhas gerais de suas concepções de sociedade e propostas de sociedade.

Nesta perspectiva, foram analisados os os discursos de 6 (seis) das mais importantes lideranças do movimento ecológico local, selecionadas a partir de dois critérios básicos:

1) Expressividade do grupo por elas representado em nível da sociedade civil (número de associados, tempo de existência, presença na mídia e "tradição de luta"); e

2) Disponibilidade e boa vontade da liderança do grupo para a realização da entrevista⁶.

7. As principais fontes influenciadoras das concepções de sociedade e das propostas de sociedade que estão sendo cotidianamente reelaboradas pelo movimento ecológico do Distrito Federal são o próprio movimento ecológico nacional e internacional, os intelectuais ligados a esse movimento, os pesquisadores preocupados com a questão da preservação e multiplicação das possibilidades de vida no planeta e as reflexões e ações de outras modalidades de movimento social.

8. Em relação à questão da disponibilidade, é importante salientar que apenas uma das lideranças pré-selecionadas pelo primeiro critério afirmou, repetidas vezes, estar com a agenda cheia, não dispondo de tempo, portanto, para conceder-me uma entrevista. Depois de educadamente insistir por mais de 20 vezes, resolvi substituí-la por outra liderança do movimento ecológico do Distrito Federal.

Conjugando-se esses dois critérios, as lideranças do movimento ecológico ainda foram selecionadas com vistas a haver uma distribuição proporcional, na amostra não-aleatória de entrevistados, dos três tipos ideais de grupos anteriormente identificados. Assim, foram selecionados 3 (três) representantes de grupos conservacionistas voluntários, 2 (dois) representantes de grupos ecologistas voluntários e 1 (um) representante de grupos conservacionistas profissionais.

A escolha dos entrevistados foi precedida por um trabalho de reconhecimento do universo estudado, utilizando-se para tanto dos arquivos de jornais das bibliotecas da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, bem como do cadastramento de entidades e lideranças, a partir do contato com informantes-chaves. Só depois de um mapeamento geral dos grupos vinculados ao movimento ecológico do Distrito Federal, as lideranças a serem por mim entrevistadas foram definidas.

Em linhas gerais, o perfil dos 6 (seis) entrevistados compõe um quadro formado por pessoas do sexo masculino, que militam no movimento ecológico da cidade há pelo menos 5 anos, estando na faixa etária dos 25-35 anos (só um dos entrevistados tinha mais de 35 anos), onde 4 (quatro) são casados e 2 (dois) solteiros. Originários de centros urbanos de pequeno e médio porte, todos residem no Distrito Federal há pelo menos 15 anos. Só dois possuem curso universitário completo (um contador e um jornalista),

estando os demais distribuídos entre o segundo grau incompleto e o terceiro incompleto. Com uma renda mensal média-baixa para os parâmetros da cidade, a maioria absoluta dos entrevistados mesmo assim reside no Plano Piloto. Majoritariamente ocupados no funcionalismo público, todos se dizem espiritualistas, sendo também simpatizantes dos partidos de centro-esquerda, ainda que alguns deles se mostrem indecisos e reticentes quando perguntados acerca de suas preferências partidárias.

O capítulo seguinte, de número 4, apresenta de forma ficcional as três visões sociais de futuro identificadas nos discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal, constituindo-se no ponto de partida para a análise e problematização do material empírico que subsidiou a realização desta dissertação.

CAPÍTULO 4 - TRÊS VISÕES DE FUTURO

PEDRO E A TERRA DA FELICIDADE QUASE TOTAL

"Aquário. Novo milênio. Uma nova humanidade habita o planeta. Passaram-se muitos anos até que os homens compreendessem a importância e o significado da palavra amor, mas a GRANDE CRISE de outrora não mais inquieta nossas mentes e corações. Depois das guerras, das catástrofes ecológicas, das epidemias incontrolláveis, da angústia, da dor e do desespero, uma nova era de paz e harmonia reina entre nós.

Se nos perguntarmos como tudo começou, provavelmente nenhum de nós saberá dizer com detalhes, mas o importante é que nós mudamos, a humanidade mudou, as relações entre os homens mudaram e, conseqüentemente, nossas relações com o planeta também. Acredito que hoje somos mais autênticos, mais realizados, mais conscientes, mais fraternos, mais solidários, mais livres, mais felizes, enfim.

Não somos perfeitos, nem estamos no paraíso, mas somos homens em evolução e não mais vivemos naquele caos que nossos antepassados costumavam chamar "vida moderna". Até que alguns poderiam se considerar felizes naqueles tempos, mas com certeza eram poucos, muito poucos, os que conseguiam viver dignamente, auto-realizados, libertos. Com

certeza havia muitos robôs alegres, mas com certeza havia muito mais robôs tristes.

Hoje, estou particularmente feliz. Nasceu meu segundo filho, e tenho a certeza de que um mundo cada vez melhor o aguarda no futuro. Sinto-me seguro quanto a isso, e esta sensação é bastante boa. Não consigo imaginar como nossos ancestrais tinham coragem de colocar novos seres sobre o planeta. Hoje, não. Tudo é diferente, a começar pela forma como concebemos e vivenciamos a chegada de um novo ser sobre a Terra. Neste momento, sinto-me impelido a contar um pouco da minha história, da história da minha vida e da história do meu tempo, como um ato de gratidão diante da vida.

Chamo-me Pedro, trabalho em casa, como alfaiate, fornecendo roupas para uma parte da comunidade de Ailisarb. Depois de diversas experiências em atividades variadas, optei pela confecção de roupas, por ser a que me proporciona mais prazer. Conheço todos os passos do meu trabalho, desde a escolha dos tecidos até o acabamento final e trabalho sempre para um número reduzido de pessoas. Conheço seus gostos, o tipo de roupa mais adequado para suas necessidades, bem como de quanto em quanto tempo elas precisarão substituir uma peça gasta pelo uso. Na verdade, caso queira, posso trabalhar para um número relativamente grande de pessoas, porque as roupas que hoje produzimos são sempre de excelente qualidade, feitas para durar por longos

anos, e que podem facilmente serem adaptadas entre si para a composição de diversos modelos.

Com o redimensionamento tecnológico, conseguimos identificar as fibras mais resistentes - sem abrir mão da beleza -, as máquinas mais eficientes no corte dos tecidos e as posturas corporais mais adequadas para a realização do trabalho e a manutenção da saúde dos alfaiates. Nunca trabalho nesta atividade mais que quatro horas por dia, tempo suficiente para uma produtividade excelente e o sustento da família, juntamente com os rendimentos provenientes do trabalho de Marina, minha esposa.

Há alguns meses, Marina começou a trabalhar num Centro de Saúde Integral. Ela é homeopata e trabalha juntamente com acupunturistas, psicólogos, raizeiros, benzedores, dentistas, naturopatas, passistas, alopatas, massagistas, dentre outros. O atendimento é individualizado e cada pessoa é acompanhada desde o nascimento por uma equipe multidisciplinar, que procura realizar um trabalho que leve em consideração suas dimensões física, psíquica, emocional e espiritual. Os casos de enfermidades mais graves e quadros clínicos mais complexos são sempre encaminhados para os Centros de Recuperação Holística, os quais também procuram dar um atendimento integral ao paciente.

Além disso, no Centro funciona um serviço permanente de educação para a saúde, onde as pessoas são

esclarecidas e orientadas em relação às formas mais adequadas de manutenção de suas condições de vida: alimentação, trabalho, lazer, interação com a natureza, vícios, sexualidade etc. Nem é preciso dizer que todos os serviços prestados, tanto na área de saúde como na de educação, são inteiramente gratuitos, garantidos pelo Estado, como um direito dos indivíduos.

Marina também sente-se muito realizada em seu trabalho. Estudou alguns anos no Instituto Avançado da Saúde de Ainaiog e só recentemente iniciou sua efetiva atuação profissional. Assim como eu, não trabalha mais que quatro horas diárias no Centro, podendo dedicar-se à permanente atualização de seus conhecimentos, bem como a outras atividades que lhe aprouver, particularmente o pólo aquático, que é a sua grande paixão. Por incrível que possa parecer, não mais existe em nossa sociedade aquela antiga divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual. Tanto Marina quanto eu somos profissionais respeitados em nossas respectivas atividades, recebendo remunerações praticamente equivalentes.

Um aspecto interessante de nossa vida é que nos sentimos profundamente responsáveis por ela. Há muito conquistamos a tão sonhada autonomia individual e cada vez mais nos tornamos responsáveis pela gestão comunitária dos bens e serviços. O Centro de Saúde, por exemplo, é administrado em regime de autogestão. Existe um plano geral de metas de saúde, mas os procedimentos, as normas e a

execução dessas diretrizes são todos decididos e implementados a nível local. E não apenas o Centro de Saúde funciona desta forma, mas também as escolas, a coleta do lixo, a manutenção das estradas, a produção de hortifrutigranjeiros, os serviços de comunicação, dentre muitos outros. Sem dúvida, a descentralização da arrecadação de impostos foi uma medida que contribuiu decisivamente para que isso pudesse ser realizado. Hoje, a descentralização é uma realidade em nossas vidas.

A produção de energia é um bom exemplo. Foram-se os tempos em que dependíamos de grandes hidrelétricas ou de usinas nucleares para produzir a energia que consumimos. Agora, nossa produção de energia é local, comunitária, a partir do sol, dos ventos, das marés, de pequenas represas, de detritos orgânicos, dos copetéis. Esta conquista da independência energética foi um passo decisivo para que pudéssemos partir para outras formas de descentralização, sendo o caso mais notável, indiscutivelmente, o da descentralização e reorganização da economia.

A produção de bens materiais e a prestação de serviços passaram por uma completa reformulação. Foi um processo lento e gradual, mas que tem surtido efeitos muito benéficos para todos nós. Tudo começou quando as pessoas passaram a questionar a qualidade e a utilidade do que era produzido pelas grandes indústrias. Por que se fabricam produtos que duram tão pouco tempo? Por que muito do que consumimos faz mal à saúde? Por que não se prioriza a

utilização de matérias-primas renováveis e recicláveis nos processos produtivos?

A partir daí, iniciaram-se longos processos de discussão sobre as modalidades de consumo existentes, que logo estenderam-se para o questionamento da própria estrutura produtiva. Por que temos que consumir produtos que não são produzidos para o atendimento de nossas reais necessidades? Por que não podemos incentivar a produção local de alimentos? Por que não resgatamos um pouco da nossa criatividade e passamos a fazer nós mesmos muitos dos produtos que hoje somos induzidos a comprar no mercado? E assim, através desses e de outros questionamentos, as coisas começaram a mudar. Passou-se a boicotar uma série de produtos, ao mesmo tempo em que a produção local foi revitalizada.

Não pensemos, entretanto, que esse tenha sido um processo harmonioso e veloz, nem decidido apenas pelo consenso. Levaram-se muitos anos, polêmicas e lutas até que os primeiros sinais de mudanças concretas começassem a aparecer. Como sempre, os pioneiros foram tachados de loucos, de visionários, mas com o tempo as pessoas começaram a implementar um novo modo de vida que passou a empurrar a antiga estrutura econômica no sentido da mudança. Muitas indústrias poluentes faliram por falta de consumidores, principalmente dentre as de alimentos, de fertilizantes e de farmacêuticos. As antigas indústrias de veículos automotores passaram a investir pesadamente na descoberta de novas

fontes de energia substitutivas para os combustíveis fósseis. As indústrias de bicicletas e patins tiveram um aumento significativo de sua produção, e mesmo antes que seus trabalhadores assumissem a gestão coletiva das fábricas, reinvestiram seus lucros no redimensionamento do processo produtivo, visando à criação de um ambiente de trabalho mais prazeroso e gratificante. Multiplicaram-se as pequenas e médias empresas de serviços e de produção doméstica, que reuniram com sucesso o uso intensivo de alta tecnologia e trabalho artesanal. Reestruturou-se todo o sentido da produção agropecuária, incentivando-se a produção de hortifrutigrangeiros, em detrimento da pecuária, para o mercado local e ecorregional, com a utilização de tecnologias de baixo impacto ambiental.

Incontestavelmente, porém, a transformação mais radical e significativa que continua ocorrendo até hoje, diz respeito à própria concepção do trabalho. A divisão de classes tradicional entre patrões e empregados foi substituída por relações de produção horizontalizadas, onde os planejamentos, as decisões e as implementações são assumidas coletivamente. As pessoas passaram efetivamente a participar na definição do que produzir, por que produzir, como produzir e para quem produzir. Todos são responsáveis por tudo. Autogestão não é apenas uma palavra de ordem...

E o mais maravilhoso que está ocorrendo é a mudança do próprio sentido do trabalho. Trabalhar agora não significa mais a execução de atividades estafantes ou

alienantes em troca de um salário. Trabalho atualmente é sinônimo de prazer e realização. A remuneração é apenas uma garantia de condições dignas de vida, sendo o mais importante a auto-realização, o desenvolvimento pessoal e a contribuição para o bem-estar de todos.

Claro que essas transformações estão em pleno andamento, e ainda existem, em determinados grupos de nossa sociedade, pessoas que não pensam desta forma, que ainda orientam suas vidas pelos valores da ganância, da ambição e do desejo de acumular bens. Mas estes hoje já são uma minoria. Ninguém mais precisa submeter-se a um trabalho estafante e alienador, a não ser que seja movido por razões de ordem pessoal.

E as razões de ordem pessoal merecem todo o respeito do mundo. Como é bom cada um poder guiar-se pelos próprios desejos, vontades e intuições...

Marina e eu nos conhecemos numa situação muito especial. Estávamos a passear num bosque com um grupo de excursionistas quando percebemos um a presença do outro. Ficamos fascinados. Não conseguíamos parar de nos olhar e, quando nos demos conta, estávamos já completamente afastados do restante das outras pessoas. Sentamo-nos à sombra de um ipê-azul e começamos a conversar. Foram doze horas seguidas de histórias infundáveis. Era como se nos conhecêssemos há várias vidas e aquele momento fosse apenas um reencontro, depois de uma longa viagem. Despedimo-nos com o desejo certo e a intuição forte de que voltaríamos a nos encontrar.

Desde então, era como se nossos corpos e mentes se atraíssem por encantamento. Passamos a nos encontrar em lugares diversos e nossos cotidianos entraram em sintonia. Uma intensa amizade crescia, ao mesmo tempo em que um imenso desejo amoroso tomava conta de nossos corpos. A primeira vez que dormimos juntos foi verdadeiramente mágico. Entrega total. Respeito recíproco. Prazer indescritível. Fizemos um pacto de amor, um pacto de crescimento dual.

Muitos anos já se passaram daqueles dias para cá e juntos temos vivido tempos sublimes. Respeito é uma vivência cotidiana. Juntos estamos, mas não somos prisioneiros. Cativamo-nos, sem as exigências da paixão. Admitimos a existência de terceiros, com a lucidez da importância e da centralidade de nosso vínculo. E, principalmente, sabemos que essa é a nossa forma de viver o amor.

Temos alguns amigos que vivenciam histórias parecidas com a nossa, mas também existem outros que pensam, sentem e agem de formas completamente diferentes da nossa. Amamos a todos e nos respeitamos nas nossas opções de vida. Alguns experenciam a poligamia transparente e permanentemente; outros são monogâmicos ortodoxos; Paulinho e José estão juntos, há mais de 20 anos, nos moldes mais convencionais; Cecília diz que não abre mão de suas práticas sado-escatológicas; e Joana é celibatária convicta, casada com o Cosmos, como ela costuma dizer. O importante mesmo é que cada um de nós exercita a dimensão afetiva e sexual da

vida com grande respeito aos desejos e valores de nossos parceiros e de forma coerente com nossos princípios e objetivos existenciais, sem aqueles velhos preconceitos dicotômicos "normalidade-perversão".

A chegada de Mialra e Eusah, nossos filhos, sem dúvida mudou um pouco as nossas vidas, para melhor. Agora somos quatro amigos vivendo juntos, e não mais apenas dois. Marina e eu conversamos muito antes de decidirmos, afinal de contas crianças sempre foram vistas como sinônimo de dores de cabeça e preocupações. Que nada! Fazemos quase tudo que podemos juntos, e quando temos atividades que não podemos ou não queremos ter a presença das crianças, não nos faltam vizinhos solidários e compreensivos com quem deixá-las. É uma troca muito grande. Tem dias que lá em casa chega a ter até dez crianças!, enquanto seus pais trabalham, meditam, estudam, dormem, amam-se, passeiam ou simplesmente respiram.

Não podemos nos esquecer também que as crianças têm muitas atividades comunitárias - como passeios ecológicos, escolinhas de criatividade, oficinas de artesanato e tecnologia, cultivo de hortas e de mudas nativas sintéticas etc -, além de suas adoráveis e tradicionais brincadeiras, que lhes deixam ocupadas por uma boa parte do dia, independentemente da nossa supervisão ou presença. Como vivemos num mundo onde todos podem andar livre e despreocupadamente, não mais existem os receios de que nossas crianças sejam vítimas de violência. Se por acaso, algum incidente ocorrer, sempre podemos confiar na

presença amiga de algum vizinho, que certamente tomará as providências adequadas à solução do problema.

E, é claro, a escola desempenha um papel muito importante na vida de nossos filhos. Eles simplesmente a adoram e lá têm a oportunidade de aprenderem as coisas fundamentais para suas vidas. A ênfase se dá sobre as aulas práticas, propiciadoras de um contato efetivo das crianças com a natureza e a realidade do seu mundo, tudo isso sob a coordenação e orientação de professores-facilitadores experientes e capacitados, que procuram auxiliá-las ao longo de seu desenvolvimento integral como seres humanos. Tentamos todos ter uma relação a mais horizontal possível com as crianças, sem que isso signifique, claro, ausência de limites ou de referenciais. Hierarquias rígidas e patriarcalismos são idéias que tentamos abolir de nossas vidas, e essa experiência tem-nos feito aprender muito com as crianças.

Outro dia fiquei espantado. Ao chegar em casa encontrei a Mialrinha brincando com o nosso micro. Que tolo que sou - logo em seguida pensei -, por que espantar-me com isso se as crianças convivem com computadores praticamente desde a hora do seu nascimento? De fato, os computadores estão em todos os lugares e são dos mais variados tipos. Praticamente tudo que é possível hoje já está informatizado, e isso tem nos propiciado uma vida bem mais cômoda e confortável. No início muitas pessoas temeram que essa "onda computadorizante" pudesse ser utilizada para o

controle autoritário de nossas vidas, mas nada disso aconteceu. Muitos debates ocorreram até que fossem encontrados os mecanismos adequados para impedir um eventual abuso de poder por parte do governo.

Primeiro foram, como de costume, as discussões no âmbito das comunidades locais, em reuniões abertas a todos. Várias comunidades chegaram a reunir mais de dez mil pessoas para discutir a questão, realizando mais uma de nossas maratonas democráticas, onde todos tinham direito a voz e a voto. Num segundo momento, foi a vez das assembleias ecorregionais, onde as propostas majoritárias de cada comunidade foram levadas por seus representantes e também discutidas amplamente. Identificaram-se divergências em alguns aspectos, mas conseguiu-se delinear alguns princípios gerais que eram comuns a todas as propostas. Só então, com base nesse amplo processo de debates e discussões, foi que os representantes, a nível nacional, tiveram condições de definir as grandes linhas mestras de uma política nacional de criação, armazenamento e transmissão de informações. Obviamente, nem todos ficaram satisfeitos, mas a imensa maioria pôde continuar a respirar tranquilamente, tendo a certeza de que suas vidas só seriam beneficiadas com o uso generalizado de computadores.

Esse caso da informática é bem ilustrativo de um sentimento predominante nos dias de hoje. Cada vez mais queremos menos a presença do Estado. Não queremos mais viver com limites, controles e repressões. Os valores

universais são a pluralidade e a autonomia. A idéia de um Estado autoritário e paternalista - no fundo, um grande superego - não encontra eco e ressonância entre nós. Governo só para as questões mais gerais e complexas, atuando sempre como mediador, coordenador, sem aqueles vícios ancestrais.

Quando me lembro dos livros de história que nos contam como era a atuação dos governos das sociedades passadas, sinto um verdadeiro calafrio. Como aqueles homens puderam suportar tanta tirania e interferência em suas vidas individuais? E o pior é que não eram só os governos que costumavam agir assim. As formas de controle e de aniquilação da pessoa tinham verdadeiros tentáculos, e um deles, com certeza, eram os meios de comunicação de massa, em particular a televisão.

Programas massificados, informação manipulada, monopólios das grandes redes, desvalorização da produção local, nada disso existe mais. O que eles antigamente chamavam de TVs piratas, hoje faz parte do cotidiano, são as TVs comunitárias. Quando quero, ligo a minha televisão e tenho uma multiplicidade quase infinita de opções, desde canais especializados em concertos de ópera até aqueles que só passam filmes de violência e sexo explícito. É claro que a censura e os cartéis da comunicação há muito tempo foram banidos do nosso dia-a-dia, e por isso hoje é possível ver tudo, ter acesso a todas as informações, às diversas versões de um mesmo fato, cabendo a cada um de nós decidir o que queremos assistir, de acordo com os valores e os princípios

que norteiam as nossas vidas. E o mesmo acontece com os cinemas, os jornais, as rádios, os calomás etc. A informação e a cultura "comunitarizaram-se", "ecorregionalizaram-se", passaram a ir ao encontro dos interesses e das necessidades de todos nós.

Puxa, está quase na hora de fazer o jantar... Nunca pensei que o nascimento de Eusah fosse despertar em mim esse desejo alucinado de deixar registrado como vem sendo a vida na Terra na época de sua chegada. No fundo mesmo, sinto-me bastante orgulhoso, orgulhoso de mim mesmo e do mundo, da vida que conseguimos viver. O respeito pelo ser humano e pelo planeta que conseguimos conquistar valeu-nos muitas vidas, mas o que importa agora é que somos uma humanidade renovada, consciente de nossos limites e possibilidades. Somos uma humanidade que acredita nos deuses, que aprendeu a valorizar e respeitar as obras de sua criação. Força cósmica? Energia divina? Fonte incomensurável? Todo Poderoso? Pai Nosso? Que importa? Sabemos apenas que Dele(a)(es)(as) vimos e a Ele(a)(es)(as) voltaremos; que nossa viagem pela Terra é breve e que devemos desfrutá-la da melhor forma possível no caminho da nossa evolução, sem nos esquecermos que depois de nós, muitos outros virão e que eles também precisam e merecem encontrar Gaia, nossa mãe azul, tão bela e deslumbrante como nos foi legada.

Que a vida te seja leve, meu amado Eusah."

E Pedro guardou calmamente seu athenak*.

* Visão de futuro construída a partir dos discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal por mim entrevistadas.

MINHA AVÓ JÁ DIZIA QUE A FELICIDADE ESTÁ NAS PEQUENAS COISAS

"Sonho, sonho, sonho... Será que não passará disso?"

Parece tão simples, é tão fácil colocar em prática tantos projetos e tornar meu ideal um exemplo pra tantos que são parecidos comigo. Resta tão pouco, que me angustia esperar.

Só quero uma terra, um naco de chão desse enorme país, uma área com verde abundante, sem gente barulhenta, rio poluído, terra queimando e bichos sofrendo nas mãos de seres humanos.

Só desejo viver da terra, pisar o chão com carinho, cuidar do jardim, da horta, do pomar, tratar os bichos silvestres como irmãos, alimentá-los naturalmente através da preservação de suas matas, seus rios e suas fontes de alimentos.

Só vivo por isso, só vivo para isso, não penso em mais nada que não seja a realização desse sonho.

Uma reserva ecológica habitada, mas habitada por seres racionais, que colocam a vida (toda forma de vida) em primeiro plano.

Uma área onde os humanos situam-se entre a horta, pomar e lazer, praticam apicultura, piscicultura e educação ambiental, e os animais têm sua área de cerrado, mata ciliar, campos etc intocados. As aves desfrutarão das

frutas do pomar, dos frutos das matas, dos peixes do rio, dos grãos da cultura, tudo naturalmente tratado, sem a velha e mal utilizada química industrial humana. Os restos são fontes para renovação da terra desgastada e como tal serão tratados. Folhas secas, cascas e restos de frutos, sobras de nossa alimentação serão enterradas e misturadas à terra. Produtos como vidros, plásticos e outros terão um destino próprio, apropriado, e não deixados ao solo, nos rios, em meio à natureza.

Todos os projetos estão prontos. A vontade é enorme. Só me falta a própria terra.

Talvez em grupo fosse mais fácil. Várias pessoas com esse ideal alternativo. E eu até conheço muitas pessoas assim. O difícil é se desprender totalmente desses antigos valores materiais. Deixarmos que esse corre-corre da cidade seja substituído pela enorme paz do campo.

Parece pura poesia, um simples sonho de alguém que pouco fala sério. Mas não é! É tudo que eu anseio na vida. É um lance superior a minha vontade, uma força interna que empurra e me faz ficar alucinado por esse ideal. Eu brinco, sorrio, conquisto amigos pacas, mas seria feliz, realmente feliz, se pudesse morar próximo a todos eles, trabalhar junto a eles, por um ideal que quase todos os meus amigos têm.

Se eu pudesse sozinho, faria sozinho, até provar que realmente é possível realizar isso tudo. Depois então, convidá-los-ia a participarem. É tudo uma questão de

tempo, eu sei, mas não consigo esperar por uma coisa tão clara em meu destino.

Será que ninguém nesse país tem a mesma vontade? Ninguém tem a liberdade para largar tudo e ir ao encontro da paz?

Produzir, consumir e vender ou trocar o excedente por aquilo que nos faltar.

Reunirmo-nos para conversar, sair, cantar, jogar etc.

Esta é minha proposta. Uma chácara ou fazenda praticamente independente, onde, por fora, não ousaríamos agredir a natureza e, por dentro, na parte habitada, teríamos a estrutura de um grande grupo ecológico, com sala de exposições, vídeo, jogos etc. Teríamos condições de promover encontros, palestras e passeios ecológicos.

Parece algo grande demais, mas não é difícil de ser realizado. Como já disse, os projetos estão prontos e esperando apenas a terra para serem implantados. Restaurante, turismo, comercialização de peixes, mel, frutas e verduras.

Não sairia mais caro que um apartamento no Plano Piloto ou uma casa no Lago, sendo que, além do conforto, do enorme espaço físico, do prazer da conquista, da saudável vida a ser levada, ainda teríamos um grande retorno financeiro de maneira a manter e ampliar cada vez mais a reserva e aperfeiçoar os espaços habitados que, jamais, serão superiores a dez por cento da reserva.

Bom, eu estou aqui.

Agora é com o tempo.**

* Relato escrito autonomamente por um militante do movimento ecológico do Distrito Federal, antes de ser por mim contactado para a realização de uma entrevista.

DESORDEM E CAOS. O TRISTE FIM DE UM PLANETA QUE DANÇOU POR
EXCESSO DE ENTROPIA

"- é assustador.

- Não acho.

- Como é possível você não achar isso assustador, Sumadartson?

- Ora, não é a primeira vez que nós vemos daqui o futuro caótico de um planeta...

- Mas para mim é sempre triste, é sempre muito triste, principalmente porque nós podemos ver o que eles não vêem e ao mesmo tempo não podemos fazer nada para impedir esses acontecimentos catastróficos.

- Ora, Saiasi, o que nós podemos ver daqui, eles poderiam supor de lá.

- Mas...

- Já sei. Tudo bem. Você vai dizer que nós estamos num futuro onde o futuro deste planeta é passado, e o que para nós é passado para os habitantes de lá ainda é futuro.

- Isso mesmo.

- Mas não se esqueça que cada agrupamento de seres é responsável pela manutenção da integridade de seus planetas, e que seu futuro é sempre determinado pelo que eles fazem no presente. Sendo assim... por uma questão de

lógica... eles deveriam saber que as conseqüências de atos inconseqüentes, geralmente...

- Tudo bem, tudo bem, Sumadartson. Eu sei que as conseqüências de atos impensados, principalmente quando em grande escala, geralmente levam ao caos.

- E, além do mais, eu não sei por que você ainda fica tão chocado com essas coisas. Eu, de minha parte, consigo ver o belo que existe no caos. Sempre gosto de ficar vendo esses futuros-passados dos seres de outros planetas. Fico com a sensação de estar assistindo um filme de tradições visuais alienígenas.

- Ora, Sumadartson, francamente...

- Bem, se você não tiver nada contra, acho que a gente poderia parar um pouco com essas discussões de ordem sentimental, e dar uma olhadinha no futuro-passado desse planeta. Como é mesmo o nome dele?

- Terra.

- Ah, é mesmo. Quem sabe a gente não termina descobrindo algumas coisas interessantes...

E assim, em meio à curiosidade instigada por Sumadartson, o futuro-passado da humanidade terrícola aparecia em suas mentes, como um filme tridimensional.

A situação era realmente caótica.

- Saiasi, o que é aquela nuvem escura que está envolvendo todo o planeta?

- Ah, Sumadartson, até parece que você nasceu ontem... Aquilo ali são os resíduos tóxicos resultantes dos desequilíbrios ambientais por que passa a Terra.

- Mas eu nunca tinha visto uma nuvem tão escura quanto essa...

- Bem, as partículas provenientes dos desastres ecológicos estão associadas às oriundas do baixíssimo padrão vibratório do planeta. A presença constante de guerras, doenças, promiscuidade de todas as ordens, maus pensamentos, infelicidade generalizada, dentre muitas outras coisas, está contribuindo para que o planeta tenha esta aparência horripilante...

- Nossa! As coisas lá estão mais brabas do que eu poderia imaginar... Estou começando a gostar.

- Sumadartson!

- É só brincadeirinha...

- Mas agora que começamos, vamos até o fim. Procure sintonizar seus eletrodos nas coordenadas 59WX e 756A. O que você está vendo?

- Que confusão! São seres brigando por todos os lados.

- Procure focalizar mais detidamente. Preste atenção na paisagem natural da região...

- Mas que paisagem? Só vejo um grande deserto. Não há praticamente nenhuma forma de vida, nem animais nem vegetais, a não ser uns esquisitos bípedes desengonçados com uma aparência bastante deplorável.

- Esses são os habitantes dominantes desse planeta. Chamam-se homens, e são os principais responsáveis por esse quadro que você está vendo: terra arrasada, ausência de água, amontoados de prédios abandonados...

- Mas será que o planeta inteiro está nessas condições? Vamos mudar o foco?

- Você pode escolher. Eu acompanho com o meu seletor.

- Que belo! A pura estética da desordem. Acho que aquilo é uma cidade, né?

- Parece que sim, Sumadartson.

- Muito interessante.

- Como você pode achar isso interessante? Você sabe o que é aquilo?

- Claro que sei. São longas filas, longas filas para tudo. É uma confusão generalizada.

- Sim, Sumadartson. São longas filas para ter acesso à água! Isso é o que há de mais comum nos planetas altamente degradados. As fontes de água pura reduziram-se a um número infinitamente pequeno, e as guerras pelo seu controle devem ser uma das causas mais fortes da desordem reinante.

- E aquelas roupas estranhas que eles estão usando, você sabe para que servem?

- Com certeza, não, mas eu imagino que seja para proteger contra os raios solares. A camada de ozônio

desse planeta está praticamente destruída, e essas roupas devem servir para proteger contra...

- Já sei, contra uma possibilidade quase infinita de doenças.

- Exatamente. Isso significa que as facilidades de locomoção e de contato efetivo com o que ainda há de vida natural na Terra devem estar bastante limitadas.

- Interessante...

- Vamos focalizar noutro lugar. Veja agora. São os restos do que sobrou de uma grande floresta, talvez a maior que a Terra já teve e que foi quase completamente devastada. Pelo jeito, ela virou mais uma terra de ninguém, onde tudo parece gravitar em torno do contrabando de drogas e metais preciosos, num verdadeiro salve-se quem puder...

- Hum, já está começando a ficar monótono. Será que não tem nem um lugarzinho onde as coisas transcorram com mais naturalidade, com mais harmonia, algo parecido com o que vivemos por aqui?

- Puxa, Sumadartson, você falando uma coisa dessas...

- Ora, Saiasi, deixa de ser polícia. Você sabe que eu sou contraditório mesmo e que me canso facilmente das coisas...

- Tá bem. Eu localizei um lugar que acho que você vai gostar de ver agora. Sintonize comigo... Sintonizou? Aquilo ali com certeza é uma das poucas regiões onde ainda se vive uma vida com um mínimo de dignidade.

Claro que nem se aproxima do que nós conhecemos como vida, porque num "planetinha como esse, por mais que se tente, o nível de comprometimento astral não permite grandes coisas. Eles fazem o que podem, mas para isso tiveram que se excluir do contexto global e criaram uma verdadeira ilha, onde os valores, os comportamentos e a relação com a natureza são completamente diferentes do padrão dominante...

E a conversa estendeu-se ainda por longas horas. Saiasi e Sumadartson, assistindo e comentando sobre o futuro-passado do planeta Terra. Uma história de caos e desespero, onde a mais fértil das imaginações humanas não seria capaz de prever as conseqüências dos seus insensatos atos, que atingiram um ponto sem retorno quando todos os ecologistas, em função de suas lutas e reivindicações, foram mortos e esquartejados a partir de uma ordem do Governo Planetário Central".*

* Visão de futuro construída a partir do relato de uma liderança do movimento ecológico do Distrito Federal por mim entrevistada.

CAPÍTULO 5

UM OLHAR GERAL DE QUEM ESTÁ APARENTEMENTE DISTANTE

As três estórias apresentadas no capítulo anterior descrevem de forma sucinta e ficcional as visões sociais de futuro de seis lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal. Sem dúvida, nenhuma dessas estórias pretendeu ser a expressão perfeita e acabada das visões sociais de futuro identificadas, mas constituem-se em modelos ideal-típicos de representação da realidade futura, construídos a partir das falas dos atores sociais entrevistados.

O caráter "literário" das estórias constituiu-se num recurso metodológico auxiliar à construção dos tipos ideais, com vistas a possibilitar uma melhor e maior visualização das representações de futuro a serem analisadas, não podendo ser compreendido como uma decorrência do conteúdo das entrevistas propriamente ditas. Neste sentido, muitos dos detalhes presentes nessas estórias foram por mim livremente criados, procurando ater-me sempre, entretanto, ao sentido definidor, atribuído pelas lideranças entrevistadas, as suas representações de futuro.

À guisa de esclarecimento, vale a pena salientar que na construção dos tipos ideais norteiei-me pelo critério de sempre apropriar-me das representações de futuro

que apresentassem o maior nível de complexidade e elaboração, ou seja, diante da mesma unidade temática - por exemplo, família - a representação que apresentasse o maior poder descritivo, e ao mesmo tempo não entrasse em contradição com as demais, era a escolhida para compor o tipo ideal correspondente. Esta decisão fundamentou-se no pressuposto de que, na medida em que os discursos "comunicam-se intertextualmente", o mais relevante para os objetivos desta dissertação era a apreensão da representação de futuro mais abrangente e complexa, originária do interior do movimento ecológico do Distrito Federal.

Em linhas gerais, pode-se dizer que as lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal possuem visões sociais de futuro permeadas de particularidades, especificidades e lacunas, mas que, ao serem agregadas e comparadas enquanto totalidades, apresentam expressivos conjuntos de convergências que dão origem a três grandes grupos de representação do futuro da vida humana no planeta Terra. Assim, as três histórias, tomadas conjuntamente, expressam a quase totalidade dos elementos constitutivos das visões sociais de futuro em questão.

De início, fica patente que todos os líderes do movimento ecológico do Distrito Federal por mim entrevistados possuem um nível de insatisfação bastante elevado em relação ao atual modelo de organização social vigente, enfatizando a necessidade de mudança e

transformação profundas em praticamente todas as oito (8) dimensões anteriormente identificadas como constitutivas das relações fundamentais da vida em sociedade (Ver Capítulo 2).

Ao serem questionados sobre a sociedade em que vivemos, ou seja, acerca de suas concepções de sociedade, todos os entrevistados respondiam em uníssono que a sociedade brasileira é uma sociedade caótica, carente de ética e de valores edificantes, conflitante, injusta, desumana, desigual, violenta, com uma forte concentração de renda, consumista, incapaz de proporcionar um nível aceitável de qualidade de vida, destruidora dos ecossistemas naturais e não preocupada com as gerações futuras. Em suma, é uma sociedade que vive uma megacrise, que atinge as esferas econômica, política, social, ambiental, cultural e espiritual, e que se encontra atualmente sem qualquer projeto político nacional alternativo.

Esta "supercrise" da sociedade brasileira, entretanto, não é percebida pelos entrevistados como uma crise conjuntural e isolada, mas como parte de um contexto de crise mais ampla, estrutural e global, associada ao planeta em sua totalidade, assim como as dificuldades de construção de um novo projeto de sociedade para o Brasil são inseridas na situação de crise dos modelos de organização social capitalista e dos socialista realmente existente e generalizadas para todas as sociedades humanas.

A identificação dessa insatisfação generalizada em relação à atual forma de organização das sociedades

humanas coloca-nos diante de uma questão fundamental: Será que as lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal, na condição de sujeitos sociais potencialmente elaboradores de propostas de sociedade, conseguem articular de maneira produtiva o caráter crítico-negativo de suas reflexões e ações com a representação idealizada de uma demanda por um mundo diferente?

Sem dúvida, a resposta a questão anteriormente elaborada é afirmativa. Quando perguntados acerca de como poderia ser a organização ideal das sociedades humanas no planeta, ou seja, quanto as suas propostas de sociedade, as palavras-chaves das visões sociais de futuro dos líderes do movimento ecológico do Distrito Federal, por mim entrevistados, foram: evolução, transformação, descentralização, participação, pluralidade, autonomia, liberdade, igualdade, autogestão, não-consumismo, autosuficiência, respeito, honestidade, interação homem-natureza, amor, fraternidade, prazer, solidariedade, justiça, pacifismo, preocupação com as gerações futuras, auto-realização, interiorização pessoal.

Essas palavras-chaves definidoras das formas ideais de relacionamento dos homens entre si e com a natureza nem sempre conseguiam, entretanto, traduzirem-se automática e imediatamente em propostas alternativas de organização da vida humana em contextos societários complexos. Em muitos momentos, a crítica ao existente ou emergia com uma facilidade muito maior do que a apresentação

de soluções para os problemas identificados, ou transubstanciava-se na visualização de um futuro caótico para a humanidade e o planeta Terra, reconhecendo a totalidade dos entrevistados que era muito difícil refletir positivamente sobre algumas das questões fundamentais da organização da vida humana no planeta.

Os discursos dos entrevistados apresentaram um nível de complexidade bastante diferenciado em termos das reflexões e das elaborações de cada ator social em relação à representação futura das diversas dimensões da organização da vida em sociedade. Em termos gerais, pode-se dizer que as dimensões da religiosidade, da afetividade, do lazer, da saúde, da educação e da comunicação foram aquelas que as lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal demonstraram maior facilidade para representar sua forma ideal numa sociedade futura, ao mesmo tempo em que as dimensões da política e da economia foram as identificadas como de mais difícil representação⁴.

Em vista disso, mostra-se interessante refletir sobre as possíveis razões que levaram as lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal, tomadas enquanto conjunto, a encontrarem maior facilidade para representar algumas dimensões da vida em sociedade do que outras. A

1. É importante ressaltar que a pergunta final de cada entrevista consistia em procurar saber se os sujeitos entrevistados desejavam falar sobre alguma outra dimensão que por ventura não houvesse sido abordada ao longo da entrevista. De uma maneira geral, a resposta era negativa, sendo esta pergunta utilizada como "deixa" para a complementação de comentários já anteriormente enunciados.

primeira e mais óbvia das possibilidades explicativas seria dizer que as dimensões econômica e política da vida em sociedade são as que possuem um maior nível de complexidade e, conseqüentemente, as mais difíceis de serem alteradas. Sem dúvida, este é um argumento legítimo, reconhecido inclusive pelos atores sociais entrevistados, mas acredito que esta seja uma explicação necessária, porém não suficiente, para a compreensão da problemática em questão.

Um outro fator explicativo possível de ser aventado é o que atribui essa fragilidade da representação futura da organização econômica e política das sociedades humanas a um ofuscamento do potencial universalizante do discurso do movimento ecológico, devido ao efetivo caráter de classe que este movimento assume no momento atual. Em outras palavras, na medida em que os atores sociais entrevistados não mais estejam preocupados com as lutas cotidianas pela questão da sobrevivência, eles estariam em condições de direcionarem seus universos de interesses e reflexões para outros campos, tais como o lazer, a saúde e a afetividade, dentre outros, em detrimento da economia e da política.

O poder de persuasão e convencimento desse tipo de explicação é, a meu ver, muito limitado. Ainda que as lideranças do movimento ecológico no Distrito Federal pertençam à classe média, isso não significa dizer que elas já tenham resolvido todos os problemas da ordem da sobrevivência e, portanto, possam voltar-se para outros

planos de preocupações. Ao contrário, no contexto de crise econômica e política profunda em que o Brasil encontra-se, essas lideranças ainda se vêem fortemente vinculadas a preocupações de ordem material, lutando cotidianamente para conquistarem os recursos necessários a sua reprodução social. Neste sentido, caso seguissemos a linha de argumentação anterior, o efeito seria justamente o contrário do esperado e as lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal estariam totalmente absortas em preocupações de ordem econômica, não havendo condições de se envolverem com outras modalidades de interesses. Além do mais, é bastante limitado o raciocínio que associa o universo de reflexão dos sujeitos sociais vinculados ao movimento ecológico apenas a aspectos de ordem estritamente superestrutural e aparentemente secundária, visto que, como afirma um dos entrevistados, a questão da natureza é essencialmente econômica, porque se não houvesse a necessidade de transformação da natureza para fins produtivos, a humanidade não estaria diante de tantos problemas ecológicos.

Em outro ramal de reflexão acerca das dificuldades de elaboração de uma nova representação para a organização econômica e política das sociedades humanas, talvez mais produtivo que o anterior, é interessante pensar na possibilidade de que os discursos dos líderes do movimento ecológico do Distrito Federal estejam indicando uma inversão de prioridades individuais e sociais para o

futuro: necessidades de ordem material cedendo lugar a necessidades de novas ordens como, por exemplo, a espiritualidade, a afetividade, a educação, a saúde, a informação e o lazer.

Certamente muitos diriam que a definição dos parâmetros da organização econômica e política é o ponto de partida para a delimitação de todas as outras dimensões da vida em sociedade, e que é ingenuidade onírica imaginar-se um homem espiritualizado, afetivamente realizado, educado, saudável, informado e com opções variadas de lazer, mas que não tem definida a forma através da qual irá obter os recursos necessários para sua sobrevivência física, nem tampouco sabe quais são as regras de convivência vigentes em sua sociedade. Na verdade, porém, este parece ser um falso dilema, visto que a questão não é que os líderes do movimento ecológico do Distrito Federal não estejam preocupados com a dimensão econômica e política da futura sociedade, mas sim que seus grandes objetivos e metas individuais, bem como suas representações idealizadas da vida humana em sociedade, estão fundamentados em valores novos, não mais de caráter economicista ou politicista, que indicam na direção de novas filosofias de vida, não mais centradas no consumo desenfreado e na exploração dos homens sobre os homens e sobre a natureza.

Talvez essa seja uma das razões para que os líderes do movimento ecológico do Distrito Federal não possuam formulações claras e complexamente elaboradas acerca

das formas através das quais a economia e a política seriam organizadas nas sociedades humanas futuras. Cabe aos próprios homens, a partir de grandes princípios gerais que são partilhados pela quase totalidade dos entrevistados - descentralização do poder político e da produção, adoção de tecnologias brandas e limpas, autogestão, distribuição de renda, democracia de base e representativa conjugadas e justiça social - definirem, através dos jogos de consenso e persuasão, quais serão os mecanismos concretos e as formas operacionais materializadoras desses princípios. Indiscutivelmente, porém, os mesmos só fazem sentido, na perspectiva dos líderes entrevistados, na medida em que estiverem voltados para a criação de condições de vida que possibilitem a existência de uma humanidade espiritualizada, afetivamente realizada, saudável, educada, informada e com opções variadas de lazer.

Obviamente, a heterogeneidade do potencial de representação das principais dimensões estruturantes da vida nas futuras sociedades humanas, identificada no nível de cada entrevistado individual, também manifestou-se quando as diversas entrevistas foram tomadas comparativamente. Assim, alguns dos entrevistados possuíam representações bem mais articuladas que outros, tanto no que se refere a dimensões específicas, quanto à organização global da vida em sociedade.

A partir dessa constatação, é importante salientar que essas representações de futuro mais

estruturadas e articuladas foram as enunciadas pelos entrevistados que possuíam também uma concepção de sociedade mais clara e definida, geral e abrangente, constituindo-se numa crítica consistente e profunda aos valores, princípios e objetivos da sociedade em que vivemos.

Mas é interessante constatar também que, com exceção da fala de um único entrevistado, não foi possível identificar nos discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal uma pretensão de serem eles os agentes exclusivos da universalidade ou os porta-vozes, privilegiadamente reconhecidos e legitimados, dos parâmetros de uma nova normatividade social. Pelo contrário, em alguns momentos das entrevistas, ainda que poucos, as lideranças do movimento ecológico - independentemente de serem conservacionistas ou ecologistas - não conseguiam colocar-se a partir da posição de um sujeito universal, potencialmente preocupado com todas as dimensões da vida humana no planeta Terra, assumindo a posição de um sujeito particular, preocupado apenas com a dimensão ambiental da vida no planeta.

Com exceção daquele único entrevistado, que afirmou serem os ecologistas as "antenas do Terceiro Milênio" e cogitou a possibilidade de um Partido Verde vir em substituição ao Partido dos Trabalhadores na condução das grandes lutas gerais por transformações sociais, os discursos dos líderes do movimento ecológico do Distrito Federal não demonstram qualquer pretensão de serem a

expressão definitiva e acabada de como devam ser encaminhadas as lutas gerais da sociedade, nem tampouco de deterem o monopólio da verdade definidora de um sentido único e linear para a história, autoresponsabilizando-se pela indicação da forma perfeita e acabada dos homens relacionarem-se entre si e com a natureza. Em outras palavras, não foi encontrado nos discursos analisados das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal nenhuma representação social de futuro de caráter utópico, ou seja, totalitária, normativa, castradora, finalista e anistórica.

Por outro lado, vale a pena salientar que em nenhum momento os discursos dos líderes do movimento ecológico do Distrito Federal acerca da representação futura das sociedades humanas assumiram a forma ou o caráter de futurologia ou adivinhação. Nenhum dos entrevistados mostrou-se propenso a justificar com bases pretensamente científicas a viabilidade de suas representações de futuro, nem tampouco afirmar uma inexorabilidade do futuro, fundamentando-se nos mecanismos clássicos de adivinhação - tarô, astrologia, búzios, cristais, dentre outros. É relevante registrar, porém, que um certo tom profético, de cunho evolucionista, emergiu particularmente de um dos discursos analisados, sinalizando a possibilidade de existência de uma vinculação explícita entre discurso religioso e discurso ecológico. Na fala específica deste entrevistado, foi possível perceber uma forte crença na

inevitabilidade da evolução, a qual possibilitará, mais cedo ou mais tarde, o aperfeiçoamento definitivo dos homens que habitam o planeta Terra e, conseqüentemente, das formas de relação que esses homens estabelecerão entre si e com a natureza.

APROXIMANDO A CÂMARA

As visões sociais de futuro das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal compõem um quadro rico e diferenciado em termos de complexidade, onde muitas idéias e propostas, elaboradas de forma aparentemente isolada e desconectada, sobrepõem-se, formando um conjunto que pode ser dividido em três grandes linhas, não fechadas e não acabadas, de representação do futuro. Duas delas, expressas na primeira e na segunda estórias apresentadas no Capítulo 4, assumem a forma de propostas de sociedade, ao passo que a terceira é portadora das características de uma visão social de futuro caótico para o planeta Terra e para a espécie humana.

A primeira dessas visões sociais de futuro possui um conteúdo positivo - no sentido de assumir a forma de uma proposta de sociedade para a humanidade terrestre - e um caráter geral e abrangente, ou seja, representa a vida humana no futuro nos termos de uma organização social, política, econômica e cultural em grande escala. Esta visão é a que encontra maior ressonância nas falas dos atores

sociais entrevistados, sendo que seus elementos constitutivos e características principais estão presentes, de forma central ou marginal, no discurso de praticamente todos os entrevistados. De uma maneira geral, a visão social de futuro retratada pela primeira estória expressa um desejo e uma vontade de consolidação de mudanças significativas na atual forma de organização da vida dos homens e de sua inserção no planeta, bem como reafirma a crença de que isso seja possível.

Pôde-se perceber, no entanto, que, no tocante ao conteúdo e às características principais dessa representação de futuro, o nível de generalidade e de complexidade das proposições dos atores sociais entrevistados pareceu estar diretamente relacionado à maior ou menor inserção das práticas e reflexões destes atores numa perspectiva de ecologia política, ou seja, a uma vinculação explícita entre contestação ecológica e crítica do modelo de organização social vigente. Assim, as lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal mais diretamente vinculadas a valores e objetivos ecopolíticos - em outras palavras, lideranças ecologistas - foram os principais agentes enunciadores dessa representação social de futuro, demonstrando uma maior capacidade de reflexão universalista e universalizante acerca da organização futura das sociedades humanas, quando comparados aos demais entrevistados, geralmente orientados por uma visão de mundo conservacionista.

Já a visão social de futuro expressa através da segunda estória, apesar de também possuir um conteúdo positivo - no sentido de assumir a forma de uma proposta de sociedade - apresenta um caráter bastante molecular e restrito, não encontrando a mesma ressonância que a primeira nos discursos dos entrevistados. Essa segunda proposta de sociedade, mais vinculada a uma perspectiva fundamentalista, está presente de forma central no discurso de apenas uma das lideranças entrevistadas, constituindo-se, para as demais, em apenas uma das formas que alguns dos agrupamentos sociais poderiam escolher para organizar suas vidas dentro de um contexto bem mais amplo de diferenciação e de complexidade social. Para esse entrevistado em questão, a organização da sociedade humana no futuro é concebida a partir de modelos de vida coletiva para pequenos agrupamentos, inspirados no ideário das comunidades alternativas da década de 60. Partindo-se do princípio de que são "mundos fechados" - palavras do entrevistado -, estes modelos, fundamentados essencialmente numa visão conservacionista, não foram pensados de uma forma organicamente articulada, estando ausentes desta representação proposicional as reflexões acerca das formas de interação e de relacionamento destes agrupamentos entre si e com a sociedade global.

Por fim, a terceira visão social de futuro, representada pela última das estórias apresentadas no Capítulo 4, possui um conteúdo essencialmente negativo - no

sentido de que não assume a forma de uma proposta de sociedade - apresentando, além disso, um caráter geral e abrangente: o caos estaria em toda parte. Assim como a segunda das visões sociais de futuro, esta também não encontra grandes ressonâncias nos discursos dos atores sociais entrevistados.

Sem dúvida, porém, todas as lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal trazem implícita em suas falas a idéia de que, caso não sejam alterados os modelos de organização social e de "desenvolvimento" reinantes no planeta, as possibilidades de continuação da vida sobre a Terra estão seriamente ameaçadas. Mas apesar da consensualidade no tocante a esse pressuposto, apenas na fala de um dos entrevistados pôde-se identificar que a idéia da destruição e do caos iminentes possuía mais força que a da capacidade dos homens de interromperem e mesmo reverterem o processo predatório e construir novos parâmetros de relação entre si e com a natureza. Para esse entrevistado, o caos parece iminente, ainda que em alguns momentos ele próprio aventure-se a enunciar como poderia ser a vida humana na terra em caso de interrupção da escalada autodestrutiva.

Em termos gerais, pode-se dizer que as duas primeiras representações sociais de futuro, ao assumirem a forma de propostas de sociedade, estão fundamentadas essencialmente na busca da felicidade individual e coletiva dos homens e na preservação da vida no planeta, advogando a

busca da igualdade e da liberdade a partir da construção de uma nova ordem racional, fundamentada numa nova ética, a qual se baseia em princípios de solidariedade sincrônica e diacrônica e de respeito ao ser humano e à natureza. Nelas, a proposicionalidade prevalece sobre a normatividade, o caráter negentrópico predomina sobre o entrópico, a intencionalidade criadora da ação humana possui mais força que a aleatoriedade ou o fatalismo do destino e do carma coletivo, e o princípio da realidade associa-se ao princípio do prazer como mecanismos estruturadores das relações sociais².

Neste sentido, o fato do movimento ecológico ser portador de um conjunto de reivindicações imediatas, voltadas para as necessidades do momento presente, e de se ver às voltas com uma série de problemas concretos e aparentemente insolúveis, que exigem de seus militantes uma postura de permanente combate e denúncia, não parece inviabilizar, como sugerira Touraine (1981), a possibilidade de que suas lideranças estejam elaborando representações proposicionais de uma vida futura fundamentada em princípios e valores diferentes dos atualmente vigentes. A profundidade da crise parece não estar sendo uma razão suficientemente forte para que o futuro seja relegado ou esquecido, mas, ao

2. Princípio de prazer e princípio de realidade são os dois princípios que, segundo Freud, regem a vida mental. Em linhas muito gerais, pode-se dizer que, no caso do primeiro, a busca do prazer realiza-se pelos caminhos mais curtos e imediatos, ao passo que, no segundo, a realização da satisfação pulsional é condicionada pelos limites impostos pelo mundo exterior (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986).

contrário, tem contribuído, na percepção dos atores sociais entrevistados, para a afirmação da necessidade de procura de soluções alternativas para os problemas gerais vivenciados pelas sociedades humanas⁴.

Por outro lado, a terceira representação social de futuro demonstra uma descrença e uma desesperança em relação ao futuro da espécie humana e do planeta Terra. O anseio da construção de um reino de liberdade e de igualdade cede lugar a imagens de barbárie e autofagia, num cenário onde a humanidade perdera totalmente a noção de eticidade. Numa Terra sem lei, sem moral, sem respeito ao ser humano e profundamente degradada em termos ambientais, a luta pela sobrevivência torna-se-ia o objetivo imediato de todos.

Em um cenário caótico assim visualizado, os homens perderiam o controle consciente sobre os rumos de sua história, bem como a capacidade de definirem, normativa ou proposicionalmente, as formas idealizadas de se relacionarem entre si e com a natureza. Neste contexto, o caráter entrópico predominaria sobre o negentrópico, a irracionalidade da ação humana criaria as condições para a instauração da aleatoriedade e da irreversibilidade dos processos (auto)destrutivos e o princípio do prazer estabelecer-se-ia como parâmetro único norteador das ações voltadas para a sobrevivência imediata.

4. Nos limites do escopo desta dissertação, como já foi anteriormente salientado, não são objeto de análise as relações entre desejabilidade (identificação das representações sociais de futuro que assumem a forma de propostas de sociedade) e viabilidade (análise das estratégias concretas para a efetivação do ideal desejado).

No que tange ao conteúdo particular de cada uma das três representações sociais de futuro, que foram por mim identificadas no discurso das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal, acredito que uma abordagem mais detalhada faz-se necessária, particularmente em relação à primeira delas, por ser a que apresenta o maior nível de complexidade, abarcando de forma mais profunda e ampliada as diversas dimensões constitutivas da vida em sociedade, mas sobretudo por ser a mais expressiva nos discursos dos atores sociais em questão. Neste sentido, focalizarei minhas atenções, no próximo capítulo, no conteúdo da proposta de sociedade expressa através da primeira estória, a fim de salientar seus princípios basilares e alicerces fundamentais, bem como compreender melhor seus pressupostos, significados e implicações.

CAPÍTULO 6

O CLOSE

Com vistas a facilitar a descrição e uma melhor análise da proposta de sociedade expressa através da primeira estória apresentada no Capítulo 4, as principais dimensões da sociedade foram divididas em dois grandes grupos, de acordo com o seu grau de centralidade. O primeiro deles foi formado a partir da reunião das dimensões tradicionalmente consideradas como menos estruturais para um projeto de reorganização da vida coletiva dos homens - dimensões da saúde, educação, lazer e comunicação -, ao passo que o segundo foi constituído pelo agrupamento das dimensões que são habitualmente consideradas como fundamentais para a definição dos principais parâmetros das relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza, ou seja, a economia, a política, a afetividade e a religiosidade.

SAÚDE, EDUCAÇÃO, LAZER E COMUNICAÇÃO - COMO SERIA BOM SE TUDO FOSSE DIFERENTE

No que tange ao primeiro grupo de dimensões, pode-se dizer que, no discurso dos entrevistados, o caráter público prevalece sobre o privado, tanto em relação à saúde

e à educação, quanto ao lazer e à comunicação. Já em termos de representação simbólica, saúde, educação e lazer são compreendidos na perspectiva de busca de integração das dimensões física, mental e espiritual do homem, sendo sinalizada pelos entrevistados a importância da integração destas três dimensões para a construção de uma humanidade auto-realizada, consciente e feliz. O acesso a um universo significativo de informações, por sua vez, é orientado, na visão das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal, pela representação simbólica de um ideal de transparência e equidade, onde todos os homens teriam acesso a todas as informações de interesse social.

Dessa forma, saúde, educação, lazer e acesso à informação são vistos como direitos fundamentais de toda a humanidade, cabendo, entretanto, aos adultos uma grande responsabilidade e um compromisso ético profundo na orientação das crianças, seja no sentido dos cuidados com sua saúde e educação, seja no tocante ao estímulo a formas edificantes de lazer e na definição de limites as suas possibilidades de acesso a informações que possam vir a comprometer seu desenvolvimento moral - particularmente no que diz respeito aos meios de comunicação de massa.

Nos discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal, homens saudáveis-educados-livres-de-tensão formam um trinômio praticamente inseparável, onde ao lazer caberia um papel central na criação de um sentido lúdico e prazeroso para a vida. Sem

dúvida, os atores sociais entrevistados, em sua totalidade, reconhecem a existência de uma pluralidade de formas de lazer e salientam que esta é uma das dimensões onde os homens podem melhor expressar suas possibilidades de escolhas individuais - o que proporciona prazer e satisfação varia significativamente de indivíduo para indivíduo e de coletividade para coletividade. Ao mesmo tempo, porém, nos discursos analisados, o incentivo a todas as formas de lazer tem como princípios orientadores da valorizada noção de satisfação individual o estímulo ao contato interativo com a natureza e ao alívio de tensões através do privilegiamento de mecanismos e de recursos facilitadores do contato interpessoal, não-violentos e originários das culturas locais.

Com referência à saúde e à educação, que são considerados como dois direitos sociais fundamentais para o bem-estar individual e a reprodução social dos homens, os sujeitos entrevistados afirmam que os mesmos não podem ser regidos pela lógica de mercado e propõem uma reorganização dos sistemas de saúde e de educação, os quais passariam a ter um caráter gratuito e comunitário.

No que diz respeito à saúde, os discursos dos sujeitos entrevistados tendem a valorizar uma associação entre práticas da medicina alopática fundamentadas no uso de alta tecnologia e práticas alternativas tradicionais - autóctones ou orientais - nos processos de cura, enfatizando também a importância do caráter preventivo e integrado dos

cuidados com o corpo, a mente e o espírito - proposição de uma abordagem holística e crítica à concepção cartesiana presente nas especialidades médicas. Como condições necessárias ideais para a preservação da saúde dos homens numa sociedade futura, os discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal destacam ainda: a necessidade de melhoria da qualidade do meio ambiente - fim dos desequilíbrios ecológicos de todas as ordens; o combate ao uso indiscriminado de remédios; o incremento de novas práticas alimentares, orientadas prioritariamente para o consumo equilibrado de produtos de origem vegetal - a noção de qualidade predominando sobre a de quantidade; e o aumento do nível de informação da população em geral, a fim de que a mesma possa melhor distinguir entre os hábitos e costumes saudáveis e aqueles que levam à deterioração de seu bem-estar físico, emocional e espiritual.

Em relação às grandes linhas definidoras da educação, as lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal, de uma maneira geral, realizam uma crítica incisiva aos atuais parâmetros de aprendizagem e socialização - sejam aqueles que ocorrem na família, sejam aqueles que ocorrem na escola. Afirmam, por sua vez, a importância de que, numa sociedade futura, a educação objetive fortalecer, através do conhecimento teórico e de experiências práticas, o caráter interativo das relações que os seres humanos venham a estabelecer com a natureza - valorização da educação ambiental em todos os níveis e

instâncias. Outro aspecto a ser aqui salientado é a indicação da necessidade de aumento do nível de informação geral da população, seja através dos mecanismos formais de escolarização, seja através de formas outras, como a educação à distância, a educação através dos meios de comunicação de massa ou a educação associada às práticas de lazer.

No tocante às características de um novo sistema de ensino, prevalece a proposição de um sentido mais prático e diretivo¹ para os processos de aprendizagem - que em alguns momentos chega a aproximar-se de uma concepção cartesiana, fragmentadora das áreas de conhecimento -, enfatizando-se a importância de uma educação que proporcione aos homens, e especialmente às crianças, um contato mais profundo e imediato com as realidades por eles vivenciadas. Em contradição com o sentido diretivo dos processos de aprendizagem, no discursos dos entrevistados também se faz presente uma concepção de educação que estimule a liberdade, a autonomia e a criatividade individuais, sendo uma preocupação permanente a formação de homens que possam escolher consciente e adequadamente seus futuros campos de atuação profissional.

Por sua vez, a dimensão da comunicação - compreendida como a produção, o armazenamento e a circulação

1. No discurso de apenas um dos entrevistados encontrou-se uma concepção de educação aberta, onde as pessoas estudariam livremente, de acordo com suas necessidades e interesses individuais, e a escola constituir-se-ia no local privilegiado de reflexão das grandes questões sociais.

de informações — está presente nos discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal como um dos parâmetros fundamentais para a construção de uma nova sociedade. Ainda que de forma vaga, as falas dos sujeitos entrevistados atribuem à comunicação o papel de contribuir tanto para a disseminação de informações necessárias ao crescimento e aprimoramento individuais, quanto para a construção das bases de uma sociedade democrática, onde todos os segmentos sociais teriam acesso às informações de interesse coletivo, ao mesmo tempo em que encontrariam as condições necessárias para expressarem livremente, através dos meios de comunicação de massa, seus posicionamentos e pontos de vista para a sociedade em geral.

Ainda em relação aos meios de comunicação de massa, os sujeitos entrevistados enfatizam a importância do fim dos grandes monopólios, advogando uma maior regionalização da informação e da produção cultural — TVs comunitárias, jornais comunitários e rádios comunitárias. Salientam também a necessidade de transparência e honestidade no tratamento das informações, atribuindo um valor central às possibilidades de acesso e à veiculação da versão verdadeira em detrimento da omissão e da manipulação da realidade. No que diz respeito ao conteúdo e às mensagens veiculadas através dos meios de comunicação de massa, em especial da televisão, as falas dos sujeitos entrevistados apontam no sentido da máxima liberdade aliada ao bom senso. Assim, por mais que não se autodefinam como moralistas ou

defensores da censura, é possível identificar em seus discursos uma dificuldade no equacionamento dos termos "liberdade de produção e de acesso à informação" e "fomento a hábitos e valores voltados para o bem-estar individual e coletivo". Diante da recusa de uma opção pela censura explícita e em nome da preservação dos direitos individuais, a questão de um possível controle restritivo sobre os meios de comunicação de massa cede lugar ao estímulo à formação de homens conscientes e auto-realizados, capazes de criterizar o que é bom e o que é mau e de escolherem livremente no sentido da produção e do consumo de bens simbólicos voltados para o pacifismo, a fraternidade, o respeito às diferenças, o crescimento pessoal e a harmonia coletiva, em detrimento das mensagens centradas nos abusos da violência e da sexualidade e no desrespeito aos direitos individuais e coletivos.

Quando perguntados acerca da forma como concebiam a possibilidade de uso generalizado de computadores numa sociedade futura, as lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal afirmam ser esta uma idéia positiva, desde que este uso esteja voltado para uma maior democratização do bem-estar individual e coletivo, sem os riscos da instauração de um controle autoritário da vida em sociedade. As máquinas caberia, portanto, o papel exclusivo de facilitar a vida dos homens, tornando-a mais facilmente administrável e prática, sem que isso signifique,

entretanto, a instrumentalização das relações entre os seres humanos.

ECONOMIA E POLÍTICA - FUNDAMENTOS BÁSICOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO NOVO

Após essa descrição sumária das dimensões da saúde, da educação, do lazer e da comunicação, focalizarei um pouco mais detidamente o olhar sobre as dimensões da economia, da política, da afetividade e da religiosidade. Procurarei apreender em que medida, na condição de aspectos centrais da vida humana em sociedade, elas são representadas pelas lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal de forma a definir novos fundamentos e parâmetros indicadores da construção processual de formas alternativas de organização social no futuro.

Em termos econômicos, uma primeira constatação que chama a atenção nessa proposta de sociedade diz respeito à visualização de novas formas de relacionamento tanto dos homens entre si, quanto com a natureza. A definição de novos parâmetros de organização da vida humana não mais é percebida nos termos do antropocentrismo tradicional, presente tanto nas representações de cunho liberal, quanto socialista, que colocam ora o arrefecimento, ora o fim da exploração do homem pelo homem como condição necessária e suficiente para a consolidação de um mundo harmonioso e justo. A necessidade de instauração de relações de

interação, e não de dominação, não apenas dos homens entre si, mas também com a natureza, assume uma importância central na proposta de sociedade dos sujeitos entrevistados. Indiscutivelmente, porém, esta forma de conceber interativamente as relações dos homens com a natureza não pode ser compreendida como algo inusitado na história das representações idealizadas de organização das sociedades humanas, visto que ela também estava presente no pensamento dos socialistas utópicos - isso para não nos reportarmos a momentos mais longínquos da história -, o qual propunha uma reinserção do homem na natureza como um de seus princípios fundamentais.

Mas se no pensamento dos socialistas utópicos do século XIX essa valorização do natural assumia os contornos de um idealismo exótico para os valores da época, sem uma sólida fundamentação de ordem científica ou prática, no discurso das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal o redimensionamento das atuais relações que os homens estabelecem com a natureza assume um sentido imperativo. Partindo-se do princípio de que a natureza é um conjunto finito de seres animados e inanimados, responsáveis, tanto quanto o homem, pela manutenção do equilíbrio dinâmico do planeta, e não um mero estoque agregado de infinitos recursos disponíveis para a utilização predatória e irracional da humanidade, a garantia da sobrevivência futura da espécie humana e da manutenção da vida no planeta passa a depender de uma significativa

transformação da forma através da qual os homens apropriam-se da natureza para satisfazerem suas necessidades básicas.

Neste sentido, na perspectiva dos atores sociais entrevistados, faz-se presente uma nova relação, mais equilibrada em sua forma e mais radical em seu conteúdo, entre antropocentrismo e biocentrismo, onde à natureza, enquanto totalidade, é reconhecido o direito à vida, independentemente da utilidade imediata que a biodiversidade possa ter para a sobrevivência da humanidade. No que diz respeito aos interesses do homem, por sua vez, a natureza precisa ser preservada para além de sua beleza e sacralidade, visto que a instauração de novas formas dos homens se relacionarem com ela passa a ser um dos principais elementos condicionantes das possibilidades de permanência da espécie humana no planeta Terra. Não se trata mais de uma questão de sensibilidade de vanguarda, mas sim de uma opção entre a manutenção das possibilidades de vida e a certeza da morte iminente.

Como um aspecto correlato a essa necessidade de redimensionamento das relações que os homens estabelecem com a natureza, a proposta de sociedade dominante no discurso das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal não aponta no sentido da construção do reino da abundância e da opulência material, pressuposto sempre presente nas ideologias liberal, social-democrata e socialista, seja de caráter utópico ou "científico". Aos homens do futuro não mais é associada uma vida de fartura incomensurável e

crescimento econômico ilimitado, uma vez que a alteração dos padrões de relacionamento com a natureza traria como corolário o redimensionamento do sentido da produção e das formas e possibilidades de consumo.

Isso não significa dizer, entretanto, que as lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal proponham como elemento constitutivo de sua representação de futuro o estabelecimento da pobreza compulsória ou de uma economia do estado estacionário², mas sim uma nova compreensão das noções de valor, riqueza, progresso e desenvolvimento. Em oposição aos atuais indicadores de desenvolvimento e de progresso das sociedades humanas - tais como Produto Interno Bruto, Renda Per Capita e Superavits de Balança de Pagamentos, dentre outros - delineia-se uma tendência a valorizar-se a adoção de novos índices de mensuração dos parâmetros de desenvolvimento e de progresso como, por exemplo, os indicadores de bem-estar e justiça social, de felicidade e auto-realização individual e coletiva, de preservação e conservação de recursos e ecossistemas naturais.

Trata-se, em verdade, de uma mudança de prioridades e valores associados à idéia de bem-estar humano, onde um novo sentido de utilidade para o que é produzido e consumido passa a assumir um papel central. A

2. Por Economia do Estado Estacionário compreende-se a noção de que "a partir de certo nível de desenvolvimento produtivo a economia poderia parar de crescer, limitando-se a reproduzir o padrão de bem-estar material alcançado" (LAGO & PÁDUA, 1989: 90).

produção anárquica em grande escala, fundada numa lógica irracional e destruidora da natureza, e o consumo exacerbado e desenfreado de bens e serviços não se constituiriam, portanto, na perspectiva das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal, em indicadores de progresso e desenvolvimento numa sociedade futura. Ao invés, o uso de energias e recursos renováveis, a valorização de tecnologias de baixo impacto ambiental, a combinação de alta tecnologia e trabalho artesanal, a priorização do setor de serviços e a preocupação com a qualidade, a durabilidade e a reciclagem do que é produzido e consumido passariam a constituir-se nos pilares de uma nova ética de produção e de consumo, orientadora das opções e possibilidades de compatibilização entre objetivos econômicos, sociais e ecológicos.

Neste sentido, a dimensão econômica da proposta de sociedade que encontra maior expressão nos discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal parece indicar uma grande valorização dos princípios e fundamentos da proposta ecodesenvolvimentista, enunciada por Ignacy Sachs (1986): auto-sustentabilidade, criação de valores de uso que satisfaçam necessidades sociais reais, prudência no manejo de recursos naturais, uso de fontes locais de energia, estabelecimento de um esquema de mercado que ofereça termos de troca relativamente justos, adoção de um estilo tecnológico que seja adaptado às condições sócio-

culturais, políticas, econômicas, técnicas e ecológicas locais, e solidariedade diacrônica com as gerações futuras.

Também se faz presente nos discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal uma concepção do "trabalho" distanciada da atualmente dominante, a qual está associada

às idéias de contribuição para o bem-estar coletivo e de realização e gratificação individuais. Em termos gerais, esta representação também está presente nos ideários de cunho anarquista e socialista, mas entra em total confronto com as práticas dos socialismos realmente existentes, bem como com as representações de fundo liberal, na medida em que, para os sujeitos entrevistados, o trabalho perderia o caráter de compulsoriedade necessária à obtenção dos meios de sobrevivência e não mais seria estruturado em padrões alienadores: todos os homens passariam a ter consciência do que, do porquê, do como, do para que e do para quem se destinam os frutos de sua atividade produtiva, podendo intervir concretamente nos rumos dessa produção.

É importante também salientar que o trabalho é concebido não apenas nos termos da venda da força de trabalho no mercado formal, sendo valorizadas as atividades produtivas voltadas para o consumo próprio - "ownwork" - e a produção em pequena e média escala, voltada para o consumo comunitário. Resgata-se, desta forma, o ideal da construção de uma economia dual, fundamento de uma sociedade multicêntrica (RAMOS, 1981), onde sistema de mercado e

sistema de orientação mutuária são vistos de forma articulada e integrada.

Compreendido como uma atividade importante na vida de todos os homens, o trabalho não mais seria concebido, porém, como a atividade central de suas existências, ocorrendo uma ruptura da unidade coincidente entre vida e trabalho. Não mais definido como um mero detentor de um emprego, o ser humano seria estimulado a dedicar-se também a outras atividades, como por exemplo, os cuidados com a saúde, o contato com a natureza, o aperfeiçoamento intelectual, as práticas de lazer, dentre outras.

Por outro lado, ao longo dos discursos dos atores sociais entrevistados, esse redimensionamento do sentido do trabalho é acompanhado permanentemente pela afirmação da necessidade de transformações, em todos os níveis, nas relações que os homens estabelecem entre si, estando presente o pressuposto de que, em termos políticos, a conquista da igualdade e da liberdade são princípios orientadores para a construção de uma nova sociedade.

Em relação à questão da liberdade, os atores sociais entrevistados, de uma maneira geral, sinalizam elementos de cunho fortemente liberal como seus indicadores principais: uma nítida distinção entre o público e o privado; o mínimo de intervenção do Estado na vida dos cidadãos; o respeito coletivo às opções individuais; a valorização da auto-realização pessoal; a compreensão dos

indivíduos como sujeitos portadores de necessidades de diversas ordens (orgânica, afetiva, erótica, cultural e espiritual), que são diferencialmente hierarquizadas em termos de prioridades individuais; e a não transformação das diferenças individuais em desigualdades sociais. O respeito ao indivíduo é, assim, o grande fundamento articulado à noção de liberdade, sendo esta compreendida como o principal instrumento para que cada ser humano procure, num contexto societário favorável, as formas de implementação do seu ideal de felicidade individual e coletiva. Enquanto grande meta a ser atingida por toda a humanidade, a felicidade constitui-se no critério máximo de aferição do efetivo progresso e desenvolvimento alcançados pelas sociedades humanas, o que nos remete ao pensamento anarquista e socialista utópico do século XIX.

Já no tocante à questão da igualdade, os discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal remetem a uma revalorização radical e profunda das dimensões civil, política e social associadas à noção de cidadania, enfatizando a importância de que todos os homens possam tanto participar efetiva e equanimemente dos processos de discussão e decisão dos rumos da vida em sociedade, quanto ter acesso a um trabalho útil e significativo e aos bens e serviços necessários a sua reprodução social. A fim de que tais ideais possam ser realizados, a descentralização da produção econômica e das instâncias de poder político são sinalizadas pelos atores

sociais em questão como de absoluta prioridade, ressaltando-se sempre a importância das práticas autogestionárias como instrumentos consolidadores de princípios de auto-suficiência e autonomia comunitária.

Dessa forma, pode-se dizer que as lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal propõem, como fundamento básico para a regulação política da vida em sociedade a partir dos princípios da igualdade e da liberdade, uma combinação entre uma perspectiva liberal, baseada na presença de um Estado que governe o menos possível, e uma de caráter mais democratizante, traduzida pela concepção de um Estado descentralizado, em que o governo esteja nas mãos dos cidadãos.

Sem dúvida, porém, as formas concretas para que essa igualdade seja materializada numa sociedade futura são ainda muito vagas nos discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal. Mesmo os grandes princípios gerais, como a democracia representada pela articulação da democracia de base e da democracia representativa, a auto-suficiência, a autogestão e a descentralização são noções ainda pouco articuladas e pouco consistentes, chegando, algumas vezes, a assumirem formas que se aproximam de uma ingenuidade voluntarista.

Por outro lado, é possível constatar a partir das falas dos sujeitos entrevistados que a abolição da propriedade privada e a socialização dos meios de produção - pressupostos classicamente apontados pelas correntes

socialistas, de origem utópica ou não, como mecanismos de promoção de igualdade social - não são compreendidos como fundamentos constitutivos da organização de uma nova sociedade. Na perspectiva da maior parte dos entrevistados, valoriza-se uma combinação de propriedade coletiva (para alguns setores da produção) com pequena e média propriedade privadas, com vistas a garantir, ao mesmo tempo, a delimitação do universo de relações regidas pelo mercado e a possibilidade de uso da propriedade individual - seja para fins produtivos ou não - como um direito dos seres humanos. Esta compreensão das múltiplas possibilidades de formas de propriedade numa sociedade futura, presente nos discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal, é acompanhada pela percepção da importância da função social e ecológica da propriedade, ainda que não esteja claramente definido em suas falas o sentido das noções de função social e ecológica, nem os mecanismos através dos quais dar-se-iam essas regulações.

Dessa forma, as falas das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal parecem não conseguir expressar a superação da velha antinomia, presente no discurso liberal, entre propriedade (fato econômico) X liberdade e igualdade (fatos políticos). Ao não visualizarem mais profícua e nitidamente as formas através das quais "proprietários" e "não proprietários" possam relacionar-se com base nos princípios da igualdade e da liberdade, os sujeitos entrevistados abrem espaços para que se reproduza,

em sua proposta de sociedade, a atual situação de ineficiência e ineficácia de uma liberdade abstrata e de uma igualdade teórica, emasculadas de sua potencialidade de serem valores políticos reguladores de uma organização societária justa e harmoniosa.

É importante salientar também que, nessa proposta de sociedade, a relação entre interesses individuais e interesses coletivos seria mediada por valores tais como fraternidade, solidariedade, altruísmo, honestidade, sinceridade e reciprocidade, procurando-se, sempre, a conjugação de esforços para a compatibilização das esferas de auto-realização pessoal e bem-estar coletivo e o fortalecimento do senso de autonomia individual e de pertencimento comunitário, alijando-se da vida em sociedade os valores e sentimentos associados à violência, à falsidade, ao egoísmo e à competitividade.

No nível do sujeito individual estaria localizado o espaço da grande transformação, a qual seria responsável pela emergência de um novo homem, capaz de relacionar-se de uma forma interativa, fraterna e solidária com o mundo exterior que o cerca. Neste sentido, o principal pré-requisito para a instauração de relações políticas novas seria uma mudança coletiva de mentalidade.

Nestes termos, advoga-se, indiretamente, uma ética pré-moderna, onde a eficiência da política não seria garantida, fundamentalmente, nem pelo estabelecimento de princípios normativos reguladores rígidos, nem pelo

digladiamento na arena política entre correntes partidárias e/ou ideológicas diversas, mas sim pela predominância de valores e preceitos de respeito à pessoa humana e ao bem-estar coletivo. O que se procura, em outras palavras, é o que fazer e como fazer para que a política não invada nem divida as pessoas.

A descentralização seria o grande eixo norteador dos parâmetros das relações de poder, mas um forte senso ético cristão constituir-se-ia no mecanismo de operacionalização de uma convivência humana harmoniosa e justa. À guisa de ilustração, é interessante sinalizar que, nos discursos dos sujeitos entrevistados, "políticos sinceros, honestos e de bom caráter" é uma idéia muitas vezes vista como mais eficaz para a construção de uma sociedade justa do que a possibilidade de escolha do regime político - parlamentarismo ou presidencialismo, por exemplo.

No que diz respeito à questão da organização sócio-espacial das sociedades humanas no futuro, os discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal apontam no sentido de uma reorientação da tendência atual à consolidação de grandes estruturas urbanas, priorizando a descentralização geográfica, tanto da produção quanto das instâncias de poder. Ao longo das falas dos entrevistados, está presente a idéia de que "geralmente o maior é o pior", enfatizando-se que aglomerados humanos menores tendem a favorecer o fortalecimento das relações interpessoais, do respeito ao ser humano, do contato com a

natureza e da auto-suficiência energética e produtiva. Assim, a redução do tamanho dos cenários sociais é vista como um elemento importante para a criação de melhores condições para a integração das dimensões econômica e política da vida em sociedade.

Isso não significa dizer, entretanto, que as lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal por mim entrevistados proponham o fim das unidades geopolíticas de caráter nacional, valorizando a concepção de um modo de vida inteiramente organizado a partir de pequenos aglomerados humanos. Não. Prioriza-se o menor em detrimento do maior, mantendo-se, entretanto, a presença da figura do estado-nação.

Em termos de uma política planetária, os discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal apontam no sentido da difusão de uma nova ética, pacifista e preservacionista, onde a idéia de que todos os homens e nações são responsáveis pela manutenção das possibilidades de vida na Terra assume um papel central. Como se dariam as relações entre os diversos estados-nação, entretanto, é uma reflexão que não se fez presente nos discursos dos sujeitos entrevistados. Fica implícita a idéia de que a construção de uma nova sociedade pressupõe o fim das relações de dependência econômica e cultural entre os diversos países. No máximo, pode-se inferir que algo próximo a uma política internacional também seria regida pelos mesmos princípios estruturadores das relações políticas nas

sociedades nacionais, ou seja, fraternidade, solidariedade, honestidade, sinceridade e reciprocidade.

AFETIVIDADE E RELIGIOSIDADE - O RESGATE DO CORPO E DO ESPÍRITO ENQUANTO ESPAÇOS DE TRANSFORMAÇÃO

Paralelamente a essa redefinição das relações políticas entre os homens e as nações, a proposta de sociedade mais expressiva nos discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal também indica alterações nos atuais parâmetros definidores das dimensões da religiosidade e da afetividade, ainda que, na perspectiva dos sujeitos entrevistados, essas duas dimensões sejam as que já dão mais sinais de estarem em pleno processo de transformação. Assim, através da reunião de algumas tendências do presente e de alguns desejos de futuro, os sujeitos entrevistados muitas vezes construíram suas representações das dimensões da religiosidade e da afetividade nessa proposta de sociedade.

Tomadas em conjunto, a religiosidade e a afetividade são representadas pelos sujeitos entrevistados a partir do reconhecimento explícito da importância da consolidação de uma sociedade plural e democrática, onde aos homens é atribuído o direito de livremente escolherem as formas e os mecanismos para se relacionarem com o Outro transcendental e o outro humano. Sem dúvida, essa concepção plural das formas de relacionamento com o sagrado e do

exercício da afetividade está coerentemente articulada com a concepção liberal de preservação das liberdades individuais anteriormente identificada. Ao Estado não caberia qualquer intervenção reguladora nessas esferas, ficando claro que aí residem duas das principais esferas de exercício da autonomia e da liberdade individual.

No que diz respeito especificamente à dimensão da religiosidade, os discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal enfatizam ser este um dos universos de maior significação para a estruturação das relações dos homens numa sociedade futura, pois seria a partir de uma busca de significado para a vida que a humanidade tenderia a voltar-se para uma compreensão transcendental de sua presença no planeta e para uma redefinição de princípios e valores orientadores de sua conduta.

É interessante constatar, porém, que a expressão "religiosidade" não encontra receptividade nas falas da maior parte dos sujeitos entrevistados. Em seu lugar, preferem utilizar a noção de "espiritualidade", demarcando nitidamente as fronteiras entre uma concepção religiosa e uma concepção espiritualista do mundo. Tal eletividade conceitual manifesta-se, nos discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal, no respeito a todas as opções religiosas dos homens, mas, sobretudo, na afirmação de que as religiões, enquanto "representantes burocráticos de Deus na Terra", seriam

completamente dispensáveis numa sociedade futura. Neste sentido, a relação homem-divindade é representada de uma maneira muito mais direta e individual, onde os homens, através da interiorização, do auto-conhecimento pessoal e da interação com a natureza teriam a oportunidade de relacionarem-se, de maneira intensa e gratificante, com o místico e o mágico.

Ainda que as religiões sejam vistas como algo totalmente dispensável, uma compreensão espiritual da vida passaria a ser o grande amálgama articulador de uma consciência cósmica, definidora do bem e do mal, do certo e do errado, que viria a nortear as relações dos homens entre si e com a natureza. Consciente e livre, cada indivíduo saberia, no íntimo de seu ser, quais são os padrões de comportamento e os valores que estariam em consonância ou dissonância com sua harmonia individual e com o equilíbrio do planeta, podendo e devendo, portanto, discernir claramente sobre as melhores formas de situar-se diante da vida.

Nessa perspectiva, nos discursos dos sujeitos entrevistados faz-se presente uma compreensão que articula o sentido da vida dos homens ao sentido da existência do cosmos, procurando-se realizar uma mediação entre interesses individuais e interesses universais. Concebido como um ser em permanente evolução, o homem encontraria nos valores e nos princípios das grandes correntes espiritualistas os

fundamentos capazes de orientar racionalmente sua conduta individual e suas relações sociais.

Vê-se, assim, que, nessa proposta de sociedade, uma compreensão estritamente materialista da vida não encontra qualquer ressonância. Aproximando-se de algumas correntes socialistas utópicas e anarquistas, mas afastando-se das perspectivas liberal e socialista, o discurso dos sujeitos entrevistados privilegia de forma significativa a possibilidade de que as relações entre os homens sejam mediadas por valores que levem em consideração o aspecto transcendental e cósmico da vida, ainda que o caráter normativo e moralizante das religiões tradicionais seja severamente criticado. A espiritualidade é vista, assim, como a base fundamental para a construção de uma nova ética, centrada no respeito a todas as formas de vida e na busca da evolução individual e planetária.

Esses princípios orientadores da formação de uma nova ética espiritual são também a base para a consolidação das formas de exercício da afetividade numa sociedade futura. Nos discursos dos sujeitos entrevistados, o resgate do valor intrínseco do amor é o ponto de partida para o redimensionamento de todas as relações afetivas que os seres humanos estabelecem entre si, sejam elas de amizade, familiares ou de parceria sexual.

Através de uma combinação entre racionalidade e emoção, o exercício de uma afetividade livre de tensões, associada a práticas de cunho espiritualizante, em muito

contribuiria, na perspectiva das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal, para a criação de um novo equilíbrio psíquico em toda a humanidade, o qual repercutiria positivamente sobre todas as relações sociais.

Homens e mulheres violentos, agressivos, pessimistas, egoístas, possessivos, recalçados, dissimulados e competitivos cederiam lugar a seres humanos fraternos, solidários, otimistas, altruístas, sinceros e auto-realizados. A disposição interna, em nível do indivíduo, mudaria, colocando os homens e mulheres do futuro em condições de vivenciarem de forma mais harmoniosa e integrada a relação com o outro humano. As relações de amizade, por conseguinte, são representadas como algo a ser intensificado e ampliado, contribuindo de forma significativa para o fortalecimento dos vínculos de integração entre os homens.

No que diz respeito às relações familiares, as falas das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal apontam no sentido do fortalecimento do papel da família como unidade básica de estruturação da vida em sociedade. Em oposição ao discurso anarquista e socialista, a família é concebida como o núcleo central de vinculação do indivíduo com a sociedade, o *locus* privilegiado de socialização e exercício amoroso, tendendo a readquirir, numa sociedade futura, a centralidade que outrora possuía na definição dos rumos da vida em sociedade.

Isso não significa dizer, entretanto, que a atual estrutura familiar e suas regras de funcionamento sejam representadas como idealmente dominantes no futuro. Ao contrário, as críticas aos modelos e fundamentos das relações familiares do presente são bastante intensas, sendo a família no futuro representada a partir de novas bases, fundadas no estabelecimento de relações de igualdade e de reciprocidade, sem a presença de hierarquias autoritárias - seja de caráter patriarcal ou matriarcal. Aos pais, sem dúvida, caberia uma grande responsabilidade sobre a orientação e a formação dos filhos, mas isso não lhes colocaria numa posição de superioridade massacradora das liberdades de reflexão, sentimento e ação das crianças e dos jovens. Todos aprenderiam e cresceriam juntos, como se fossem grandes amigos.

Um outro aspecto importante a ser salientado é que os sujeitos sociais entrevistados realizam uma nítida distinção entre família biológica e família cultural, afirmando serem ambas importantes para a composição de sua noção global de família. A família biológica, como a própria expressão já indica, seria a formada por indivíduos que mantêm vínculos de consangüinidade, ao passo que a família cultural seria aquela composta por indivíduos que se autodefinem reciprocamente como profundamente importantes e significativos, dentro de um contexto de relações de amizade. Vale a pena salientar que o tipo de relacionamento e envolvimento predominantes, tanto na família biológica,

quanto culturais, são representados como de uma qualidade semelhante, fundamentados, sempre, em princípios democratizantes, voltados para o bem-estar e a felicidade individual e coletiva.

Os mesmos padrões que regeriam as relações de amizade e familiares são os sinalizados, pelas lideranças entrevistadas, como os estruturadores das relações afetivas que alcançam o nível da parceria sexual. Numa sociedade onde a consciência individual seria o grande parâmetro norteador da conduta humana, o livre exercício da sexualidade é compreendido como um momento de fundamental importância e grande significado na existência de homens e mulheres, sendo também considerado como um espaço privilegiado para o exercício da liberdade de escolha e de respeito às opções individuais.

Baseando-se sempre no pressuposto da reciprocidade, o campo das relações de ordem sexual é associado ao da pluralidade de possibilidades de exercício da amorosidade, estando presente no discurso dos sujeitos entrevistados o princípio de que na questão do amor não existem limites de gênero, de dogmas, de tabus ou de hierarquias. Nessa proposta de sociedade, há espaço para todas as formas de relacionamento afetivo-sexual, desde as mais radicalmente revolucionárias até as mais ultra-conservadoras, com o único pré-requisito de que os indivíduos nelas envolvidos encontrem a satisfação física, emocional e espiritual que procuram.

é importante salientar, porém, que o reconhecimento da possibilidade de existência de diversas modalidades de relacionamento amoroso entre os seres humanos não traz implícita a idéia da instauração do reino da promiscuidade e da anomia sexual, como costumeiramente os segmentos mais conservadores e moralistas da sociedade costumam traduzir os anseios individuais pela construção de um universo de pluralidade e respeito em relação às possibilidades de exercício de uma sexualidade lúdica. Ao contrário, nos discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal há uma forte tendência no sentido da valorização da segurança afetiva das práticas eróticas, sendo a rotatividade excessiva de parceiros sexuais vista não como um mal em si mesmo, mas como algo potencialmente gerador de inseguranças e de instabilidades, as quais poderiam vir a comprometer o nível de bem-estar e de felicidade dos próprios sujeitos eróticos.

Enfim, esses foram os conteúdos das falas dos sujeitos por mim entrevistados em relação às dimensões do lazer, da saúde, da educação, da comunicação, da economia, da política, da religiosidade e da afetividade. Nelas, as falas, o "novo" e o "velho" encontram-se misturados, demonstrando que a proposta de sociedade mais expressiva nos discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal encontra as fontes de seu sentido numa colagem de princípios e valores originários de diversas matrizes:

socialismo utópico, socialismo científico, anarquismo, pacifismo, social-democracia, liberalismo, neoliberalismo, comunismo primitivo e cristianismo.

Vale a pena também registrar que os discursos dos sujeitos entrevistados não remetem, mecânica e automaticamente, a uma proposta de sociedade fechada e acabada, definidora de todos os elementos constitutivos da organização futura das sociedades humanas. Como já foi anteriormente salientado, em muitos momentos os discursos das lideranças do movimento são reticentes, incongruentes e evasivos, deixando claro que o futuro desejado e pensado não está "pronto" em suas cabeças.

Em vista disso, as lacunas dessa proposta de sociedade podem ser consideradas, por um lado, como uma fragilidade do potencial de representação futura dos sujeitos entrevistados - demonstrando que eles não conseguem refletir prospectivamente sobre todas as dimensões da vida social em profundidade - e, por outro, como estando associadas estruturalmente ao caráter democratizante da proposição, a qual, por ser tão inacabada, está aberta para seletivamente incorporar novos elementos e conteúdos.

É importante salientar, entretanto, que, em função dos objetivos da pesquisa e dos princípios metodológicos que orientaram sua realização, os discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal foram trabalhados a partir de suas complementaridades e convergências. Assim, Com vistas à identificação da proposta

de sociedade mais expressiva, as visões sociais de futuro dos entrevistados não foram aqui apresentadas em toda sua pluralidade e riqueza de detalhes.

Por fim, é preciso estar bem claro que, por mais que eu tenha tentado - na condição de "leitor" de fenômenos sociais - realizar uma abordagem isenta de valores, de preconceitos e de julgamentos, pautando-me pelo ideal da objetividade acadêmica, esta dissertação é fruto de uma leitura específica dos discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal. Nesta perspectiva, diante da pluralidade de conteúdos e de sentidos das falas em questão, minha leitura é uma das possíveis, não podendo ser considerada nem única, nem como definitiva.

O diálogo está iniciado. Mas por mais que eu e os líderes do movimento ecológico do Distrito Federal já tenhamos falado, muitos interlocutores ainda estão chegando e a conversa está apenas começando.

CONCLUSÃO

Depois de quase dois anos debruçado sobre textos, livros, entrevistas, documentos, reportagens, enfim, sobre as mais diversas modalidades de fontes de informações e de considerações sobre as representações sociais de futuro e sobre o movimento ecológico do Distrito Federal, a percepção que tenho agora sobre o processo de elaboração desta dissertação é a de que todo o esforço de pesquisa de um cientista social precisa estar pautado pela consciência da fragilidade e das limitações do seu exercício reflexivo. Por maior que tenha sido seu envolvimento intelectual e afetivo com seu objeto de análise, o cientista social é, antes de tudo, um sujeito que precisa aprender a lidar com sua castração e com sua potência.

Como diz a instigante Maria Rita Kehl (1989), na condição estrutural de castrados, a falta, a ausência, a incompletude é um estado constitutivo dos seres humanos, ficando sempre claro que o prazer associado à realização do desejo criador passa pela mediação do outro. Sozinho, o prazer máximo que se pode imaginar é o do onanista, que materializa na satisfação secundária de suas pulsões a imaturidade da realização individual do desejo. Através do outro instaura-se o espaço da intersubjetividade, da troca produtiva, que revela toda a potência da criação coletiva, seja ela de ordem sexual ou sublimatória.

O cientista social precisa, assim, do outro para poder realizar o seu desejo criador de cultura. Sozinho, oscila entre a impotência depressiva da mediocridade e a onipotência maníaca da obra-prima, perdendo a potencialidade de reconhecer-se como sujeito castrado-potente, que supera a sua falta, os seus limites, os seus não-ditos a partir do reconhecimento da inserção de sua produção num contexto mais amplo, coletivo, de problematização da realidade social.

Neste sentido, esta dissertação representou para mim a possibilidade de um exercício sublimatório estruturalmente inacabado, inconcluso, incompleto, que só encontra sua validade na medida em que se insere no contexto das reflexões gerais acerca da busca de caminhos e possibilidades de superação da situação de miséria material e psíquica em que se encontra a humanidade. Na condição de homem castrado-potente, coloco em cena o produto de minha criação, que apesar de aparentemente solitária, partilhou momentos de intenso prazer e profunda dor com toda uma coletividade de homens e mulheres que, assim como eu, pensam, lêem, dialogam e propõem formas de compreensão e de intervenção nos rumos do planeta Terra, por mais molecular que aparentem ser o escopo de suas ações.

Em minha compreensão, dissertar faz parte, portanto, de uma tentativa de instauração de uma razão sábia (KEHL, 1989), a qual procura dialogar de uma forma produtiva com as pulsões e com os limites da exterioridade

social, superando o ciclo alucinatório de uma razão louca, que, diante da dor e da opressão, não consegue dialogar com o inconsciente, gastando toda a energia de vida na manutenção de um "suave desespero", fechando as portas para a transformação inovadora. Egos emancipados, sábios, tenderiam a produzir sociedades emancipadas, livres, e foi justamente a busca dos princípios gerais que potencialmente estruturariam a construção de novas formas de vida em sociedade o que norteou a realização desta dissertação.

A partir do desencantamento com o socialismo enquanto projeto político e projeto teórico e da atual "yuppiezação" dos defensores, nos anos 60, de uma visão de mundo anarco-erótica, os analistas sociais e políticos afirmam que a década de 80 e o início dos anos 90 caracterizam-se - com exceção da plataforma ecológica - pela ausência de propostas de sociedade que coloquem em xeque as atuais estruturas do modo de produção capitalista, o qual tornou-se, hoje, mais global do que em qualquer outro momento da história da humanidade.

Particularmente nos países ditos terceiro-mundistas, a linguagem universal da carência parece ter regredido aos primórdios da Roma Antiga, numa versão pós-modernizada do "Pão e Circo" para todos: "Nossos corpos e nossos espíritos estão famintos. Queremos Mc Donalds e Madonas". Nesta perspectiva, as possibilidades de transformações estariam quase sempre restritas ao interior do modelo de sociedade capitalista, orientadas no sentido do

crescimento - noção quantitativa, econômica -, e não do desenvolvimento - noção qualitativa, social.

No momento em que parcelas significativas da população mundial pulsam em dor, sofrimento, desesperança e falta de horizontes para a transformação, o que tentei apreender foi se ao longo das reflexões e lutas do movimento ecológico do Distrito Federal poderiam estar sendo gestadas perspectivas para o novo, reflexões no sentido da busca dos rumos da transformação, propostas de sociedade que rompam com o ciclo autodestrutivo em que parece se encontrar a humanidade, enfim.

No contexto desta conclusão, é importante salientar, antes de mais nada, que às falas dos sujeitos entrevistados não pode ser atribuído um sentido escatológico, finalista, ficando claro que o futuro não se prevê, mas se cria através da ação intencional do homem. Ainda que todos eles reconheçam que o ingresso na Era de Aquário pode significar o advento de uma nova etapa nos rumos da vida humana e do planeta, uma representação de futuro modelar e fechada não se faz presente em suas reflexões.

Como foi descrito e problematizado nos Capítulos 4, 5 e 6, três representações de futuro diferenciadas entre si foram identificadas nos discursos dos entrevistados, sendo que apenas duas podem ser consideradas propostas de sociedade. Particularmente a primeira delas, que é a que melhor expressa o conteúdo das falas analisadas,

diferencia-se claramente dos modelos de futuro associados à tradição do pensamento utópico, visto não ser pautada pelo sentido totalitário, castrador, tanático, normativo, improdutivo, finalista e anistórico. Ao contrário, possui uma perspectiva emancipadora, democratizante, proposicional, produtiva, erótica, processual, intencional e histórica.

A partir de uma busca de conciliação entre interesses individuais e universais, entre avanço científico e progresso moral, entre ideais hedonistas e estóicos, parece estar sendo proposta pelas lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal a instauração de uma nova ética, apolínea e dionisiaca, que orientaria toda a construção das bases de uma nova vida humana associada.

Ainda que sem grandes precisões conceituais, os sujeitos entrevistados autodefinem-se, por exclusão, como não partidários nem do socialismo nem do capitalismo, posicionando-se como defensores de uma nova forma de conceber a vida em sociedade. Sem dúvida, esta representação de futuro situa-se entre a perspectiva marxista e a religiosa, arraigando-se no desejo, nas fantasias de plenitude, de harmonia e de felicidade individual, familiar e social, reinventando a potencialidade da convivência na diferença e ampliando as possibilidades da experiência individual, do convívio não-violento, da auto-realização, da autonomia individual, da igualdade, da liberdade, da solidariedade e da justiça.

Para as lideranças entrevistadas, a espécie humana continua a ser vista, no futuro, como o "ator-vivo" privilegiado na ordem do planeta, sendo a felicidade individual e coletiva da humanidade o ponto de partida para a reorganização das relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza. Seus discursos, portanto, devem ser aqui considerados como representativos de uma visão ainda antropocêntrica, a qual, apesar de reconhecer a importância de todas as formas de vida, concebe a manutenção da espécie humana como o vetor determinante de qualquer representação de futuro.

Essa visão antropocêntrica, caracterizadora do que McKibben (1970) chama de ecologia superficial, pode ser contraposta a uma noção de ecologia profunda, a qual faz referência a uma vertente minoritária do movimento ecológico mundial, de caráter biocêntrico, em que a felicidade humana possui uma importância secundária diante da preservação de todas as possibilidades de vida do planeta e do cosmos. Para os representantes da ecologia profunda, os desejos humanos não são o motor da história, não fazendo sentido falar-se em propostas de sociedade, visto que à existência dos homens no futuro não é atribuída qualquer importância além daquela atribuída às demais espécies. Por terem uma visão antropocêntrica, portanto, é que as lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal pensam o futuro da Terra a partir de uma perspectiva que atribui um sentido privilegiado à presença da humanidade.

Isso não significa dizer, entretanto, que esse futuro seja algo nítida e claramente visualizado pelos sujeitos entrevistados. Não. Seus discursos são, em momentos vários, repletos de lacunas, de contradições, de inconsistências, revelando que, para eles, o ideal de vida futura para a humanidade não está articulado de forma modelar e acabada. O sentido da transformação desejada parece estar claro. As formas concretas, que materializariam os grandes princípios gerais, são um tanto quanto ainda nebulosas, demonstrando uma fragilidade proposicional dos discursos analisados.

Ainda que, historicamente, a diferenciação social tenha precedido a distinção entre o social e o natural (CARVALHO, 1991), salta aos olhos nos discursos dos entrevistados a compreensão de que não existe uma concepção etapista das transformações nas relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza. Em outras palavras, não se advoga a existência de uma prioridade das transformações nas relações entre os homens sobre as relações destes com a natureza. Todas as transformações são vistas como parte de um processo único e global, em que o fim de todas as modalidades de relações de dominação é percebido como a condição primeira para a construção de uma nova organização societária.

Por outro lado, os discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal em relação ao futuro possuem, apesar de suas negações, muitos traços em comum

tanto com o ideário socialista, quanto com o capitalista, compondo um mosaico multifacetado de orientações e princípios originários de matizes ideológicos diversos. Para além da proposição do redimensionamento das relações dos homens com a natureza e das conseqüências deste redimensionamento principalmente na esfera da produção econômica, muito pouco espaço resta para o efetivamente novo. Muitos dos elementos constitutivos de sua representação de futuro certamente já foram pensados em algum tempo e em algum lugar. O inusitado talvez, esteja na forma de agrupar e ordenar esses elementos num mesmo conjunto proposicional.

Uma tal reunião de idéias aparentemente contraditórias - manutenção da propriedade privada e valorização da igualdade, por exemplo - seria constitutivo daquilo que Abensour (1990) chamou de Neo-Utopismo, ou seja, o produto de uma conciliação entre socialismo utópico e socialismo conservador, de caráter reformista.

Ainda que o conceito de Neo-Utopismo seja de utilidade para nominar essas formas aparentemente paradoxais de representar o futuro, acredito que a afirmação de que elas estão geneticamente emasculadas de qualquer possibilidade de resultarem em efetivas transformações da ordem social vigente é uma conclusão talvez apressada. Antes de mais nada, porque elas são o produto de um processo histórico, o qual permite aos sujeitos sociais se apropriarem criticamente dos aspectos positivos e negativos

das tentativas de instauração de novas formas de organização social, podendo, em consequência disso, avaliarem e reavaliarem as experiências do passado com vistas à construção do futuro. Pensar-se que os princípios e valores propostos pelo ideário socialista utópico ou comunista podem ser transpostos em sua totalidade para os dias de hoje é uma ingenuidade talvez só comparável à crença de que é possível inventar um futuro tão radicalmente novo para a humanidade, que seja capaz de negar toda a história e ignorar a profundidade dos ensinamentos das experiências passadas.

Desta forma, ainda que o caráter ideologicamente multifacetado e plural da proposta de sociedade prevalecente nos discursos das lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal possa parecer um sinal de suas limitações e fragilidades, ele demonstra, por outro lado, uma potencialidade desta modalidade de movimento social estar resgatando o que já foi pensado e vivenciado pelos homens, definindo as bases para o futuro a partir de um dos princípios básicos da própria pós-modernidade em que se insere, ou seja, da conciliação entre o novo e o velho, da "colagem" de diversas orientações ideológicas (socialismos utópico, libertário e científico, (neo)liberalismo, social-democracia, anarquismo, cristianismo, espiritualismo oriental).

Há poucos anos atrás, uma tal forma plural e enxertada de representar o futuro certamente seria chamada de ingenuidade juvenil pronta para ser absorvida pela lógica

do modo de produção capitalista. Indiscutivelmente, este risco de absorção pelo sistema ainda é bastante real, mas isso depende muito mais das formas e das estratégias de encaminhamento das lutas sociais do que do caráter calidoscópico dos conteúdos das propostas de sociedade propriamente ditas.

Face ao esfacelamento da idéia de revolução, à diminuição dos espaços ocupados pelo Estado nas sociedades contemporâneas e à permanência de parcelas significativas da humanidade em situação de profunda miséria material e psíquica, pensar a transformação social em novas bases é uma questão imperativa. Neste contexto, talvez seja a hora de nos perguntarmos se realmente é importante a identificação de um único e privilegiado sujeito coletivo transformador ou se o mais instigante e produtivo seria refletirmos em termos de múltiplos agentes da transformação. A história parece já ter nos mostrado que a escatologia marxista não produziu frutos muito saborosos e a idéia de um mundo novo construído a partir da ação privilegiada de um único sujeito pretensamente portador da universalidade me traz à mente a imagem do amante sádico, que, em nome da realização do seu desejo, está disposto a destruir o outro (burguês, intelectual, homossexual, católico etc). Neste sentido, acredito que talvez seja possível evitarmos entronar novos agentes da universalidade e tentarmos pensar em termos não hierárquicos.

Seguindo essa linha de raciocínio, certamente o movimento ecológico pode ser pensado como um dos agentes da transformação desse final de milênio, visto que parece estar tentando articular sua prática cotidiana a valores e princípios que orientem a construção de uma outra sociedade. Isso não significa dizer, entretanto, que ele está se constituindo no novo agente da universalidade, em substituição ao proletariado, e sendo, portanto, capaz de assumir a posição de "sujeito-guarda-chuva" ou "sujeito-galinha-protetora-da-ninhada".

Neste momento, não se pode confundir a universalidade que significa "dizer respeito a todos" com a universalidade que significa "falar em nome de todos". No primeiro caso, a assertiva é verdadeira, mas no segundo ela é falsa. A problemática ecológica sem dúvida diz respeito a toda a humanidade (homens, mulheres, trabalhadores, desempregados, homossexuais, estudantes, camponeses, operários, crianças, velhos, negros, brancos, índios etc etc etc), podendo incorporar variados e amplos setores ao seu universo de reflexão e atuação. Mas daí a inferir-se que, em nome da "consciência ecológica", é possível realizar uma hierarquização das demandas e necessidades humanas e atribuir-se um sentido secundário às lutas - universais ou particulares - travadas em todos os campos da vida em sociedade, existe uma distância muito grande. As lutas dos trabalhadores, das mulheres, dos negros, dos jovens, dos velhos, enfim, dos diversos segmentos oprimidos e

marginalizados em nossa sociedade, possuem muitos pontos em comum com as lutas do movimento ecológico, mas não se confundem nem se anulam diante destas.

Por outro lado, essa questão da multiplicidade de sujeitos sociais remete-nos a refletir sobre um possível redimensionamento das relações entre partidos políticos e movimentos sociais, particularmente no que diz respeito a potencialidade destes últimos de passarem a atuar, juntamente com os primeiros, na elaboração e difusão de concepções de sociedade, projetos políticos e propostas de sociedade.

Sem dúvida, esta é uma discussão antiga, mas parece inegável que até a emergência do movimento feminista, e especialmente do movimento ecológico, os partidos políticos eram vistos como os principais "experimentadores" (GRAMSCI, 1966) de novas concepções de mundo. Hoje, porém, acredito que não é mais possível pensarmos nestes termos. Ainda que os partidos políticos continuem a ser os "grandes negociadores institucionais" da transformação, o processamento e a difusão de novas demandas sociais estão intrinsecamente associados à atuação dos movimentos sociais. Os partidos estão, em nível mundial, incorporando a suas plataformas muitas das bandeiras de luta gestadas no interior de organizações tradicionalmente consideradas como pertencentes à sociedade civil.

Particularmente no que tange ao movimento ecológico, alguns de seus setores optam, em contextos

sociais específicos, por se constituírem como partido político - o chamado partido verde. Este fenômeno provavelmente explica-se pelo fato desses setores não se sentirem legitimamente representados pelos partidos convencionais.

Seja como partido, seja como movimento, se as propostas de sociedade originárias do pensamento de cunho ecológico vão conseguir ganhar as ruas, cooptar simpatizantes e transformar-se em realidade, é uma questão que pertence ao futuro.

Entretanto, a partir deste estudo microscópico dos discursos de algumas lideranças do movimento ecológico do Distrito Federal, foi possível problematizar como esses sujeitos sociais estão processando, por meio da elaboração de propostas de sociedade, a superação do universo caótico e aparentemente paralisante que caracteriza o momento histórico em que vivemos.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Mestre Jou, 1960.
- ABENSOUR, Miguel. O Novo Espírito Utópico. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- ALBORNOZ, Suzana. Ética e Utopia sobre Ernst Bloch. Porto Alegre: Movimento, 1985.
- ALVES, Rubem. A Gestão do Futuro. Campinas: Papirus, 1986.
- AMMANN, Safira B. Excluídos Sim. Invasores não. In: PAVIANI, Aldo. Urbanização e Metropolização. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, Codeplan, 1987.
- ANDERSON, Perry. As Antinomias de Gramsci. São Paulo: Juruê, 1986.
- ANTUNIASSI, Maria R. O Movimento Ambientalista em São Paulo: Análise Sociológica de um Movimento Social Urbano. São Paulo: NERU, 1989.
- BENJAMIM, César. "Nossos Verdes Amigos". Revista Teoria e Debate. São Paulo, n. 12, pp. 06-21, nov./1990.
- BOBBIO, Norberto. Dicionário de Política. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1986.
- BOSQUET, Michel. Ecologia e Política. Lisboa: Editorial Notícias, 1976.
- CARDOSO, Ruth C.L. "Movimentos Sociais na América Latina". Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, (3): 27-37, fev. 1987.
- CARNEIRO, Eder J. Reflexões para uma Abordagem Sociológica do Movimento Ecológico. Textos Sociologia

- e Antropologia. Belo Horizonte, (22), UFMG, jan./fev. 1988.
- CARVALHO, Marcos de. O que é Natureza. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CASTELLS, Manuel. "Posfácio à Questão Urbana". Espaco e Debates, São Paulo (1): 09-44, 1981.
- CASTORIADIS, Cornelius. A Instituição Imaginária da Realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CHATELET, François. A Actualidade da Utopia. In: BARTHES, Roland. A Crise da Sociedade Contemporânea. Lisboa: Edições 70, 1975.
- COELHO, Teixeira. O que é Utopia. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- COHN, Gabriel (Org.). Max Weber. Sociologia. São Paulo: Ática, 1986.
- CORDEIRO, Celeste. O Conceito de Racionalidade Comunicativa em Habermas. Fortaleza: UFC/NEPS/Mestrado de Sociologia, 1989.
- COUTINHO, Carlos Nelson. A Democracia Como Valor Universal. São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1980.
- DUMAZEDIER, Joffre. Sociologia Empírica do Lazer. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- DUPUY, Jean-Pierre. Introdução à Crítica da Ecologia Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- DURHAM, Eunice R. "A Construção da Cidadania". Revista Novos Estudos CEBRAP, (10), 1984.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

- GABEIRA, Fernando. Vida Alternativa, uma Revolução do Dia-a-dia. Porto Alegre: LPM, 1985.
- GONÇALVES, Carlos W. P. Os (des)caminhos do Meio Ambiente. São Paulo: Contexto, 1989.
- GRAMSCI, Antonio. Concepção Dialética da História. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- GUATARRI, Félix. As Três Ecologias. Campinas: Papirus, 1970.
- GUIMARÃES, Roberto P. "Ecologia e Política na Formação Social Brasileira". Dados - Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: IUPERJ/Vértice, v. 31, n. 2, 1988.
- HUXLEY, Aldoux. O Admirável Mundo Novo. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- KEHL, Maria Rita. A Razão Depois da Queda (Utopias e Psicanálise). In: FERNANDES, Heloisa Rodrigues. Tempo do Desejo - Sociologia e Psicanálise. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- KOWARICK, Lúcio. "Movimentos Urbanos no Brasil Contemporâneo: Uma Análise da Literatura". Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, (3): 38-50, fev. 1987.
- LAGO, Antônio & PÁDUA, José Augusto. O Que é Ecologia. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- LANDIM, Leilah (org.). Sem Fins Lucrativos - As Organizações Não-Governamentais no Brasil. Rio de Janeiro: IGER, 1988.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1986.

- LAPOUGE, Gilles. A Actualidade da Utopia. In: BARTHES, Roland. A Crise da Sociedade Contemporânea. Lisboa: Edições 70, 1975.
- LIPIETZ, Alain. "As Crises do Marxismo - Da Teoria Social ao Princípio de Esperança". Novos Estudos CEBRAP. n.30: 99-110, Jul./1991.
- LUTZEMBERGER, José. Manifesto Ecológico Brasileiro. Porto Alegre: Lançamento, 1976.
- , Ecologia: Do Jardim ao Poder. Porto Alegre: LPM, 1985.
- MANNHEIM, Karl. Ideologia e Utopia. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- McKIBBEN, Bill. O Fim da Natureza. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- MINC, Carlos. Como Fazer Movimento Ecológico e Defender a Natureza e as Liberdades. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MORAES, João Quartim de. "Democracia e Utopia: pela Reforma da Revolução". Presença Revista de Política e Cultura. Rio de Janeiro, n. 10: 33-41, jul./1987.
- NETO, Ana Maria Quiroga F. Políticas Urbanas de Mobilizações nas Metrôpolis Urbanas. In: CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISA JOSUÉ DE CASTRO. Movimentos Sociais: Para Além da Dicotomia Rural-Urbano. Anais, Recife: Líber, 1985.
- NETTO, José Paulo. "Resposta à Presença". Presença Revista de Política e Cultura. Rio de Janeiro, n. 10: 60-9, jul/1987.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. A Linguagem e seu Funcionamento - As Formas do Discurso. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- , Discurso e Leitura. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

- ORWELL, George. 1984. São Paulo: Nacional, 1983.
- PAIVA, Anabela. "A Multinacional da Ecologia". Revista Superinteressante. São Paulo: Ed. Abril, ano 5, n. 4. abril/1991.
- RAMOS, Alberto Guerreiro. A Nova Ciência das Organizações. Uma Reconcitualização da Riqueza da Nações. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1981.
- REIS, Elisa P. Notas sobre a Produção do Conhecimento Sociológico no Brasil. Brasília (mimeo), 1991.
- SACHS, Ignacy. Ecodesenvolvimento - Crescer Sem Destruir. São Paulo: Vértice, 1986.
- SADER, Eder. Quando Novos Personagens Entraram em Cena. Experiências e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SCHERER-WARREN, Ilse. O Caráter dos Novos Movimentos Sociais. In: SCHERER-WARREN, Ilse & KRISCHKE, Paulo. Uma Revolução no Cotidiano? Os Movimentos Sociais na América do Sul. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- , Movimentos Sociais - Um Ensaio de Interpretação Sociológica. Boletim de Ciências Sociais: UFSC, 1989.
- SCHERER-WARREN, Ilse & KRISCHKE, Paulo (Orgs.). Uma Revolução no Cotidiano? Os movimentos Sociais na América do Sul. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SILVA, Carlos Eduardo da. Ecologia e Sociedade. São Paulo: Loyola, 1978.
- SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. "A Utopia Não Estará Surgindo no Meio de Nós?" Presença Revista de Política e Cultura. Rio de Janeiro, n. 10: 70-82, jul./1987.
- TOURAINE, Alain. O Pós-Socialismo. Porto: Afrontamento, 1981.

- VIEIRA, Liszt. Fragments de um Discurso Ecológico. São Paulo: Gaia, 1990.
- VIOLA, Eduardo. Movimento Ecológico no Brasil (1974-1986): do Ambientalismo à Ecopolítica. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo (3): 05-26, fev. 1987a.
- , O Impacto da Problemática Ambiental na Sociologia Contemporânea. in: III Congresso Brasileiro de Sociologia (SBS), Anais. Brasília: Pax, 1987b.
- , A Degradação Sócio-Ambiental e a Emergência dos Movimentos Ecológicos na América Latina. Boletim de Ciências Sociais, Florianópolis: UFSC, jan./mar. 1988.
- & LEIS, Hector. Desordem Global da Biosfera e Nova Ordem Internacional: O Papel Organizador do Ecologismo. Trabalho Apresentado no 13º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambú, 1989.
- & MAINWARING, Scott. Novos Movimentos Sociais: Cultura Política e Democracia: Brasil e Argentina. In: Uma Revolução no Cotidiano? Os Novos Movimentos Sociais na América do Sul. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- WEFFORT, Francisco. Incertezas da Transição na América Latina. In: MOISES, José A. & ALBUQUERQUE, J.A.G. (Orgs.). Dilemas da Consolidação da Democracia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs.). Leitura - Perspectivas Interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1988.

OBRAS CONSULTADAS

- ARIES, Philippe & BÉJIN, André (Orgs.). Sexualidades Ocidentais. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BARRETO, Vicente. "Liberalismo, uma Utopia Permanente". Presença Revista de Política e Cultura. Rio de Janeiro, n. 10: 55-9, jul/1987.
- BARROS, Flávia Lessa. Meio Ambiente e Urbanização em Brasília. Os Assentamentos de População de Baixa Renda: O Caso de Samambaia. Projeto de Dissertação de Mestrado. Brasília (mimeo), 1990.
- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A Construção Social da Realidade. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BIROU, A. & HENRY, P. Um Outro Desenvolvimento. São Paulo: Vértice, 1987.
- BOOKCHIN, Murray. Por Uma Sociedad Ecológica. Buenos Aires: Gustavo Gilli, 1978.
- BOSCHI, Renato & VALLADARES, Lícia. Problemas Teóricos na Análise de Movimentos Sociais: Comunidade, Ação Coletiva e Papel do Estado. Revista Espaço e Debates, São Paulo, (8): jan./abr.1983.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Manifesto Verde. São Paulo: Groud, 1989.
- CAMARGO, Aspásia. "Falta só arrumar a Casa - Com a Rio-92, a cidade que não decaiu ao provincianismo mostra seu charme cosmopolita". in Jornal do Brasil, 12/05/91.
- CAPRA, Fritjof. O Ponto de Mutação. São Paulo: Cultrix, 1986.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Perspectivas de Desenvolvimento e Meio Ambiente: O Caso do Brasil.

- Revista Encontros com a Civilização Brasileira, (20), 31-70, fev. 1980.
- CARDOSO, Ruth C. L. Movimentos Sociais Urbanos: Balanço Crítico. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião et alii. Sociedade e Política no Brasil Pós-64. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CASTORIADIS, C. & COHN-BENDIT, D.. Da Ecologia à Autonomia. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISA JOSUÉ DE CASTRO. Movimentos Sociais: Para Além da Dicotomia Rural Urbano. Recife: Liber, 1985.
- CHAUÍ, Marilena. Repressão Sexual. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. Nosso Futuro Comum. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.
- COSTA, Tarcísio de L.F.F. O Neoliberalismo Brasileiro: Uma Cartola na Senegâmbia?. Projeto de Dissertação de Mestrado. Brasília: (mimeo), 1990.
- CRISTO, Carlos e NUNES, Edison. Ecologia e Política: A Propósito do Debate. Revista Espaço e Debates, São Paulo, (9): 90-101, ago. 1983..
- CROALL, Stephen e RANKIN, William. Conheça Ecologia. São Paulo: Proposta Editorial, s/d.
- DIAS, Genebaldo Freire. Populações Marginais em Ecossistemas Urbanos. Brasília: MINTER/IBAMA, 1989.
- DUARTE, Ozeas. Nem Burguesia Nem Estatismo (Debate Socialismo Real). Revista Teoria e Debate, São Paulo, (9): 46-8, jan./mar.1990.
- DUMONT, René. A Utopia ou a Morte. Rio de Janeiro: Paz e EVERS, Tilman. Identidade, A Face Oculta dos Novos

- Movimentos Sociais. Revista Novos Estudos CEBRAP, 2 (4), 1984.
- FERGUSON, Marilyn. A Conseqüência Aquariana. Rio de Janeiro: Record, 1982.
Terra, 1975.
- EVERS, Tilman. Identidade, A Face Oculta dos Novos Movimentos Sociais. Revista Novos Estudos CEBRAP, 2 (4), 1984.
- FERGUSON, Marilyn. A Conseqüência Aquariana. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- FERREIRA, Leila da Costa. Ecologismo ou Apenas Eco-capitalismo (A Política Ambiental no Estado de São Paulo). Trabalho Apresentado no 13º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambú, 1989.
- FRANCO, Augusto de. "Muito o que Desfazer". Revista Teoria e Debate. São Paulo, n. 9, pp. 49-52, jan./mar./1990.
- GABEIRA, Fernando. Partido Verde. Propostas de Ecologia Política. Rio de Janeiro: Anima, 1986.
- GAUSSEN, Frédéric (Org.). A sociedade. Entrevistas do Le Monde. São Paulo: Atica, 1989.
- GONÇALVES, Carlos W.P.. Paixão da Terra. Ensaios Críticos de Ecologia e Geografia. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- HERRERA, Amílcar. A Grande Jornada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- ILLICH, Ivan. A Convivencialidade. Lisboa: Europa-América, 1978.
- JACOBI, Pedro. "Movimentos Sociais Urbanos no Brasil". BIB, (9), 1980.

- JACOBI, Pedro & NUNES, Edison. "Movimentos Sociais Urbanos na Década de 80: Mudanças na Teoria e na Prática". Revista Espaço e Debates, (10), 1983.
- LAGO, Paulo Fernando. A Consciência Ecológica. A Luta pelo Futuro. Florianópolis: Editora da UFSC, 1986.
- LASCH, Christopher. O Mínimo Eu. Sobrevivência Psíquica em Tempos Difíceis. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LASZLO, Ervin. A Crise Final. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- LORENZ, Konrad. Os Oito Pecados Mortais do Homem Civilizado. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LOWY, Michael. As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen. São Paulo: Busca Vida, 1987.
- LUTZEMBERGER, José et alli. Política e Meio Ambiente. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- LUZ, Dioclécio. Roteiro Mágico de Brasília. vv. 1 e 2. Brasília: Cultura Gráfica e Editora, 1989.
- MANDEL, Ernst. Europa Oriental: Reformas e Revoluções. Revista Teoria e Debate, São Paulo, (9), 33-9, jan./mar. 1990.
- MARCUSE, Herbert. Eros e Civilização. Rio de Janeiro: Guanabara, s.d.
- MARX, Karl & ENGELS, F. A Ideologia Alemã I. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- MEADOWS, Donella e alli. Limites do Crescimento. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- MORUS, Thomas. A Utopia. Rio de Janeiro: Tecnoprint S.A., s.d.

- NETO, Francisco Graziano. Questão Agrária e Ecologia - Crítica da Moderna Agricultura. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- OFFE, Claus. "Trabalho: a categoria chave da sociologia?" Revista Brasileira de Ciências Sociais. n. 10, v. 4, jun./1989.
- OLIVEIRA E SILVA, José Dirceu. O Pluralismo é Inevitável (Debate Socialismo Real). Revista Teoria e Debate, São Paulo, (9): 42-6, jan./mar. 1990.
- ORWELL, George. A Revolução dos Bichos. Rio de Janeiro: Globo, 1986.
- PARKER, Stanley. A Sociologia do Lazer. Rio de Janeiro: Zahar, s.d.
- PAVIANI, Aldo (Org.). Brasília. Ideologia e Realidade. Espaço Urbano em Questão. São Paulo: Ed. Projeto/CNPq, 1985.
- Brasília. A Metrópole em Crise. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1988.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Variações sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva. São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983.
- REICH, Wilhelm. A Revolução Sexual. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- SANCHES, Luis H. e Outros. Ecologia. Prêmio Fiat para Universitários. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. O Que é Pós-Moderno. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SARTI, Ingrid A. & BARBOSA FILHO, Rubem. Desafios e Desafinos nos Caminhos da Cidadania. Revista Dados (3), 315-34, 1983.

- SCHELSKY, Helmut. Sociologia da Sexualidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- SCHERER-WARREN, Ilse. O Movimento dos Atingidos pelas Barragens do Uruguai: Unidade e Diversidade. in Boletim de Ciências Sociais. Florianópolis: UFSC, Jan./Mar. 1988.
- . Redes de Movimentos: uma perspectiva para os anos 90. 14º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Caxambu, 1990.
- SCHUMACHER, E.F.. Em Defesa da Vida - Reflexões sobre a Condição Humana. Rio de Janeiro: Artenova S.A., 1976.
- . O Negócio é Ser Pequeno. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- SCHWARZ, Dorothy. Ecologia: Alternativa para o Futuro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- SECRETARIA ESPECIAL DO MEIO AMBIENTE. Cadastro Nacional das Instituições que Atuam na Área do Meio Ambiente. Brasília, 1987.
- SILVA, Benedito. Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1986.
- SILVA, José Albertino da. Ecologia e Política. Rio de Janeiro: Chamaleon Edições, 1987.
- SILVA, Luís Antonio Machado da e RIBEIRO, Ana Clara. "Paradigma e Movimento Social: Por Onde Andam nossas Idéias?" Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, 1984: 318-36.
- & ZICCARDI, Alicia. "Notas para uma Discussão sobre Movimentos Sociais Urbanos". Ciências Sociais Hoje, 2, ANPOCS/CNPq, 1983.
- SZACKI, Jerzy. As Utopias ou A Felicidade Imaginada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

- THOREAU, Henry D. Walden ou A Vida nos Bosques. São Paulo: Global, 1984.
- TOFFLER, Alvin. A Terceira Onda. Rio de Janeiro: Record, s.d.
- TORRES, Alberto. O Problema Nacional Brasileiro. completar referência.
- TOURAINÉ, Alain. "Os Novos Conflitos Sociais - para evitar mal entendidos". Lua Nova, n. 17, São Paulo: CEDEC, jun./1989.
- VIGEVANI, Tullo. Movimentos Sociais na Transição Brasileira: A Dificuldade de Elaboração do Projeto. Revista Lua Nova, São Paulo, (17), jun. 1989.
- WALBMAN, Maurício. Entre um Movimento Ecológico de Resultados e outro Combativo. Revista Teoria e Debate, São Paulo, (9), 13-7, jan./mar. 1990.
- WEIL, Pierre. Nova Linguagem Holística. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.
- . Sementes para uma Nova Era. Petrópolis: Vozes, 1984.

ABSTRACT

This master degree dissertation assumes that the ecological movement, as a possessor of a double universality, is elaborating social views of the future. Some of these views' main characteristic, as they become proposals of a society, is a thorough understanding of the need of change in the relationships among men and between men and nature, so as to overcome the present degradation observed in the living conditions of the human beings and to achieve the preservation of the planet's biodiversity.

In empirical terms, from the analysis of the discourses of six of the most important leading groups of the ecological movement in Distrito Federal, three social views of the future have been defined. Since one of these views was considered to be the most representative in the discourses of the subjects interviewed, priority was given to the identification and analysis of its constitutive elements and main characteristics as far as eight aspects of the social life were concerned: recreation, health, education, communication, economy, politics, religion and emotional interaction.

Finally, the significations, possibilities and limitations of the ecological movement - as an elaborator of proposals of a society - are discussed as well as its likelihood of becoming one of the agents of social change in the end of this milenium.